



Perfeita Bailarina

UM LIVRO DE
Gileade Wenceslau

Um spin-off de
Perfeitos Estranhos





CARTA AO LEITOR

Querido leitor, seja bem-vindo a essa história que foi escrita especialmente e unicamente para você. Espero que você seja surpreendido e impactado com cada elemento contido nela. Embarque nessa aventura de cabeça e se dê o direito de rir, chorar, gritar e ansiar por cada acontecimento e capítulo. Quando comecei a escrever o Perfeita Bailarina, não tinha ideia da proporção que iria tomar. Foi muito duro me desgarrar da minha primeira obra e começar uma nova, mas hoje, me sinto feliz e completo! Quero agradecer a cada pessoa que contribuiu para essa realização. Essa obra leva uma parte de cada um de vocês. Esse é mais um sonho sendo realizado, um motivo de orgulho! Dividir esta obra com você é muito gratificante. Muito obrigado pela sua colaboração! Boa leitura!

Com carinho,

Gileade Wenceslau.

CAPÍTULO 1

UM DIA FRACO.

Sophia

— Seja bem-vindo ao Rick Chicken: A casa do frango. Posso anotar seu pedido?

Oitenta e sete. Sim. 87 malditas vezes. Acredite em mim! Esta foi a quantidade de vezes que proferi esta frase, apenas no dia de hoje. Levando em consideração que ainda estamos no meio da semana e hoje é, como meu patrão considera: “Um dia fraco”.

Quando me mudei da Irlanda, de volta para os Estados Unidos, não imaginava que estaria aqui, agora, com um uniforme laranja listrado, uma sapatilha preta, e um boné com um bico que mais se parece com um de pato do que de uma galinha.

Pensei que tivesse tomado a decisão certa. Abandonar minha família, não foi fácil para mim. Fazemos tudo em favor dos nossos sonhos, não é mesmo? Pois é, eu queria acreditar nisso. Mas, por enquanto, aguentar o Ricky “nojento” e seus assédios, é o que me resta.

— Eu quero um balde de frango frito com uma *Coca-Cola* grande, por favor. — Disse o cliente, que me olhava nos olhos, tentando não rir do meu uniforme.

— Ok! Repetindo: Um balde de frango e uma *Coca-Cola* grande. É isso, senhor? — Perguntei, olhando para o monitor e registrando seu pedido.

— Sim. Você está surda, menina? Não foi isso que eu disse?

Ah! Não mencionei que tenho que aguentar esses ataques repentinos de caras mal-educados? Ossos do ofício.

— Sim, senhor. É apenas um procedimento padrão para não erramos na hora de fazermos o pedido. Por favor, não se altere. Tudo bem? — Continuo. — Total de 27 dólares e cinquenta centavos. — Estendo minha mão direita, fixando o olhar no cliente, que abria a carteira para pegar dinheiro.

— Aqui está. — Ele me entrega o dinheiro. Duas notas de dez dólares, uma de cinco e duas de um e cinquenta centavos.

— Muito obrigada, senhor. Aguarde ao lado por favor. — Entrego a ele a via do cupom do seu pedido. — Próximo. — Grito.

— Seja bem-vindo ao Rick Chicken: A casa do frango. Posso anotar seu pedido?

88 vezes. Argh!

— Sophia! Pausa para o almoço! — Gritou Ricky, do seu escritório, no fundo do estabelecimento.

Graças ao bom Deus!

— Com licença, senhora. Estou em pausa para o almoço. O Simon irá te atender. Ele é um ótimo atendente. — Digo, com um sorriso forçado no rosto, segurando nos ombros do meu melhor amigo.

Simon é meu pilar. Não sobreviveria sem ele. De forma alguma! Perdi as contas de quantas vezes peguei no sono, na minha cama, com ele me afagando e enxugando minhas lágrimas, enquanto eu me lamuriava das minhas decisões.

Espera! Não é isso que você está pensando. Sem chances! Simon é inteiramente, plenamente e completamente gay.

— Deixa comigo, Sophi. Vai almoçar, antes que eu te arraste. — Disse Simon, olhando nos meus olhos e sorrindo. Ele é dono do sorriso mais lindo desse mundo.

— Obrigada Si. Cumprimento secreto? — Semicerro os olhos, ansiosa por uma resposta.

— Com certeza! — Estendemos nossas mãos, balançamos os dedos e rimos.

Adoro nosso cumprimento secreto. Mesmo que não tenha nada de secreto.

A rotina é sempre a mesma, vou até o *McDonald's* mais próximo, e faço meu pedido. Sento na última cadeira, do canto direito, próximo a janela e assisto a vida passar pelos meus olhos.

As nuvens se movendo, os carros em alta velocidade, pessoas sorrindo, pessoas chorando. Parece que todos nós estamos buscando alguma coisa. Mas, ninguém, absolutamente ninguém sabe de fato o que é.

— Deveria pegar leve no carboidrato. — Disse um rapaz, alto, olhos castanho claros, pele hispânica, sentando bem na minha frente, ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

segurando sua bandeja vermelha, pronto para devorar seu combo.

— Desculpa, eu te conheço? — Levanto as sobrancelhas. Fixo meu olhar no dele. Ele sorri. Estremeço.

— Não, desculpe. Apenas estava querendo puxar assunto. Jacob. Muito prazer. — Ele estende as mãos. Ainda com sorriso no rosto. Ele é irritantemente bonito.

— Sophia. O prazer é meu, eu acho... — Um silêncio invade, mas dura apenas alguns segundos. Eu continuo. — Então... você sempre aborda meninas uniformizadas e falam que elas estão acima do peso?

— Eu? — Ele ri e continua. — Não. Desculpe. Eu te vi entrar e estava procurando um assunto em comum para puxar um assunto. Peguei pesado? — Ele coça a cabeça. Claramente está tentando se desculpar.

Ah! Jacob... Jacob... Jacob...

— Não! Tudo bem... quero dizer, carboidratos? — Dou de ombros. Uma risada me escapa.

— Sim! Mas não é isso que você está pensando! Quando me aproximei, vi que você tem algumas marcas no pé. Você é bailarina, não é? — Suas palavras me fizeram olhar para o meu pé.

Meu Deus! Estou descalça? Tinha me esquecido!

— Sim! Claro! Essas sapatilhas me machucam demais! Me desculpe. — Ruborizo. — Você também é?

— Dança contemporânea. — Ele sorri de novo.

Desculpa Simon, seu sorriso acabou de ficar em segundo lugar.

— Legal, Jacob! — Olha para os dois lados. Dou uma mordida no meu *Big Mac*. Não sei o porquê, mas continuo a falar... de boca cheia. — Na verdade, — Engulo o sanduíche que estava na minha boca. — Ex-dançarina. — Coloco meu cabelo atrás da orelha. Ele percebe. Estou vulnerável agora.

— Você não tem cara de ex-dançarina, Sophia. Pelo contrário.

As palavras que saiam da boca de Jacob, viam a meu encontro como um cometa. Ao que parece, me esqueci de como flertar. Dou uma sugada bem forte no meu refrigerante pelo pequeno canudo do copo. Fazendo um barulho irritante. Tentando pensar no que falar.

— Rick Chicken, é? Interessante! — Ele toca no meu boné. Me
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

analisa. Sua voz é grave. Todas as palavras dele saem com cuidado. Acho que ele está sendo cauteloso para não me constranger... mais...

— Sim. Argh... é só um extra para pagar o aluguel. Sabe? Enquanto não sou aprovada em nenhuma companhia.

— Sabe, Sophia... — Ele diz, suspira e continua. — Você é uma garota linda, não posso negar, afinal foi o que me fez vir até você, no fim das contas. Mas... olhando de perto, vejo que além de linda, você parece ter um enorme potencial.

Coração palpitante. Pele arrepiada. Posso apostar que minhas pupilas estão dilatadas agora. Calma Sophia... calma.

— Obrigada, Jacob. — Desvio o olhar dele. Ainda não terminei meu lanche. Acidentalmente, olho no relógio que fica na parede do *McDonald's*. — Aimeudeus. Aimeudeus. Aimeudeus. — Me levanto rapidamente. Calço minha sapatilha.

— O que houve? Foi algo que eu disse? — Ele estende suas mãos, como sinal de inocência.

— Não Jacob, Não! Meu horário de almoço... já passou. Estou atrasada. — Pego meu sanduíche, coloco em uma sacola para viagem e corro.

— Amanhã, no mesmo horário? — Ele grita e sorri.

— Sim! — Grito e aceno. Com um grande sorriso.

Um dia fraco? Só que não!

CAPÍTULO 2

ATÉ OS PÉS SANGRAREM.

Sophia

— Não! Não! E não, Simon! — Cruzo os braços e balanço a cabeça, negativamente, repetidas vezes.

— Por que não, amor? Você mesma quem disse! Como foi mesmo as palavras que você usou? Ah! Lembrei: “Ele é um gato! ”. — Ele coloca a mão na boca. Suas caretas sempre me fazem rir.

— Eu não posso, Si. Você sabe. Eu preciso me focar na dança agora. — Me jogo na cama e suspiro. Me perco observando o ventilador de teto.

— Ei. Psiu. Amo-or. Você me deve essa, viu? Afinal, eu fiquei sem almoço por sua culpa. — Ele bate o pé. Ele só faz isso quando tem razão. E ele realmente a tem nesse instante.

— E eu já pedi desculpas. — Grito, abrindo os braços e olhando para ele.

— Escuta aqui, sua boneca russa.

Boneca russa. O que...?

— Eu não vou tolerar mais essas suas desculpas. Você amanhã vai se encontrar com esse tal de Jacob e dá uma chance para ele. Você merece viver Sophi. — Ele senta do meu lado. Segura minha mão e olha nos meus olhos. — Você merece viver.

Essa frase arranca um sorriso do meu rosto.

— Você tem razão, Simonstro.

— Para de me chamar assim, sua louca. — Eu rio.

— Ok. Eu paro. Mas, você vem comigo. — Levanto da cama. E lhe apresento a cara de pidona. Sou expert nisso!

— Cara de pidona. Não, de novo não. — Ele bufa, mas não consegue esconder o tal sorriso. A tal felicidade por mim — Tudo bem. Mas, isso está errado! Vai por mim.

— Sem essa de certo ou errado. Amanhã, vou pedir a Amanda te cobrir e nós tiraremos o almoço juntas. Fechado?

— Fechado! — Fazemos nosso cumprimento “secreto”.

— Posso dormir aqui hoje? O encanador ainda não foi consertar

aquele problema e ainda está vazando água demais no meu apartamento.

— Sim, claro. Se o sofá servir para você. — Aponto para meu sofá marrom claro de dois lugares.

— Você deveria me oferecer sua cama, sua mal-educada. — Ele fica de pé e coloca as mãos na cintura.

— De jeito nenhum. O sofá mofado é seu. — Ele semicerra os olhos, eu rio com a cena.

— Tudo bem. — Ele sai pisando forte.

— Sem chiliques, Simonstro. Sem chilique.

— Para de me chamar assim! — Seu grito ecoou por todo apartamento. Eu me jogo na cama. Rindo. Não vou conseguir dormir. Não hoje.

• • •

— Sophia e Simon. Pausa para o almoço.

Sim! Tinha chegado o momento. Dormi apenas duas horas esperando por isso. Maquiagem extra? Confere! Salto alto? Confere. Cabelo? Argh... poderia estar melhor, mas... confere!

Chegamos ao *McDonald's* e pedimos cada um lanche diferente e nos sentamos exatamente no mesmo lugar onde eu estava ontem e sempre. O horário é o mesmo. Então agora, é só esperar.

Esperar...

Esperar...

Já chega!

— Ele vai aparecer, princesa. Espera um pouco. — Simon diz, segurando minha mão, com um olhar de preocupação.

— Não, Simon. Eu não deveria ter vindo para início de conversa. — Solto minha mão da dele. — E além, do mais está na hora de voltarmos. Você sabe como é a política do Ricky. Três strikes e você está fora. Não posso correr esse risco. Você sabe. — Me levanto, pego meu boné com bico de pato e caminho em direção a porta.

— Espera, Sophi. — Ele me segue e coloca suas mãos em meus ombros. — Se é para odiar ele. Então, vamos odiá-lo juntas. Morte ao Jacob! — A forma como ele disse, me fez rir. Simon era

capaz disso.

— Vamos, Si. Vamos...

Ouço a porta bater atrás de nós. Parece que não foi dessa vez que o acaso me favoreceu.

• • •

— Seja bem-vindo ao Rick Chicken: A casa do frango. Posso anotar seu pedido?

Com esse humor, essa cara de enterro. Hoje vai ser um dia bem fraco mesmo.

— Sim. Meu pedido é de desculpas. Por favor.

Espera! Voz grave. Cabelo curto. Pele hispânica. Alto. Dentes brancos perfeitos.

— Jacob? — Digo com olhos arregalados.

— Sim. Esse é meu nome. — Ele sorri.

Esse sorriso não vai comprar minhas desculpas. Seu imbecil.

Olho para o lado e vejo Simon fazendo sinais com a cabeça e movendo os lábios. O que será que ele quer dizer? Tento ler os lábios dele... Impossível. Dou de ombros.

— Desculpa. É Sophia, não é?

— Você já sabe... por que pergunta?

Jesus! Espero não ter pegado pesado.

— Ual! Essa doeu.

— O bolo que você me deu também. — Desvio o olhar. — Próximo. — Grito.

Ele olha para a senhora ao lado, se desculpa e diz que ainda está sendo atendido.

— Sophia. Me desculpa. Sério. Não consegui me encontrar contigo porque minha companhia de dança resolveu almoçar em um lugar diferente hoje. Todos juntos. Para comemarmos nosso tour pela Europa. E como você não me deu seu telefone, eu... — Ele diz com uma voz calma. Cativante.

— Sério? Meus parabéns. — Um sorriso me escapa. Eu o escondo. — Quero dizer... que bom para você, Jacob! — Ele ri.

— Você está se fazendo de durona, não é? Tudo bem. Eu

gosto. — Mexo no cabelo novamente.

Merda! Vulnerável novamente.

— Então, será que você poderia tirar um intervalo de quinze minutos para eu te apresentar para a galera? — Ele aponta para seus amigos.

E lá, bem lá no meio daquelas pessoas, percebi alguém conhecido. Cabelos cacheados, pele hispânica, um sotaque latino que pude reconhecer a distância... não pode ser! Natalie Cruz?

— Olha... Jacob, eu não posso. Agora não! — Me desespero. Estou abandonando o caixa nesse momento.

Esbarro no Simon.

— Sophi, tudo bem? — Ele diz, e agora, Natalie levanta sua cabeça, pois por algum motivo reconheceu este apelido.

Esbarro na Catrina.

— Ei! Olha por onde anda. — Ela protesta.

Continuo a correr, me esgueirando, colocando a mão no rosto para não ser reconhecida.

— E-espera Sophia, porque você está fugindo? — Ele grita e me segue pelo estabelecimento. Atraindo a atenção de todos para mim.

Mais que merda! Isso era tudo que eu não queria.

A experiência como agente 007 durou pouco. Na verdade, durou tempo o suficiente para eu ir de encontro ao Ben, o garçom. Uma chuva de frango se espalhou pelo lugar. Frango de todo tipo. Frito, com molho extra, empanado, grelhado... uma grande variedade, diga-se de passagem. Todos se levantaram e vieram em minha direção.

— Intervalo! — Digo, sentada no chão coberta de frango, com o dedo indicador levantado.

...

— Sophi? — Disse Natalie, me olhando dos pés à cabeça. Ela vestia um corpete apertado e uma saia de várias camadas, que se alongava quase até o tornozelo.

Ela me encontrou nos fundos da loja. Tudo aquilo foi em vão.

— Hola, professora Cruz! — Digo com um sorriso sem graça.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ainda tentando me esconder, mesmo sem fazer sentido agora.

— Mirate!! ¡Veni aquí, déme un abrazo. — Ela abriu seus braços e um sorriso. Esperando uma atitude minha.

E mesmo tentando me fazer de forte, eu cedi. Me entreguei àquele abraço latino caloroso. Nada melhor do que ser acolhida por alguém que foi tão especial na sua vida.

— Quanto tempo! Olha como você está crescida! Sabia que eu falo para meus alunos até hoje sobre uma garotinha de Chicago que era minha melhor aluna? — Sua pergunta foi retórica. Ela acaricia minhas bochechas e olha nos meus olhos. Isso me faz suspirar.

— Srta. Cruz... — Ela me interrompe.

— Natalie, querida... me chame de Natalie.

— Natalie... — Eu continuo. — Aquela garotinha não existe mais. — Curvo minha cabeça. Mesmo fazendo toda força do mundo, não foi suficiente e uma maldita lágrima me escapa.

— ¿Pero porque no? — Ela balança a cabeça, tentando se encontrar nos idiomas. — Em outra língua, me desculpe... porque não, Sophia? — Ela ergue minha cabeça, apoiando meu queixo em sua mão direita.

— Olha para mim, Natalie. — Digo, gesticulando fazendo ela notar meu uniforme sujo com molho de frango. Como se já não tivesse notado... eu continuo. — Eu trabalho em uma *merda* de uma lanchonete. Quando eu era uma garotinha, eu sonhava que a essa altura, eu seria uma dançarina profissional. Uma peça importante em uma companhia. Mas, pelo que parece, eu sou amaldiçoada pela maldição dos *Coles*. Nada para nós vem fácil e quer saber? — Ela enxuga minhas lágrimas, nesta hora já estava entregue. Não queria mais me fazer de forte. — Eu já estou cansada. — Ela me abraça forte. E por um instante me senti em casa. Me senti em Chicago de novo.

— Minha querida. tsc. tsc. tsc. A vida é uma bela de *una perra*. De vez em quando, ela pode ser boazinha, às vezes, pode ser muito maldosa. — Ela se afasta do abraço, me olha nos olhos e continua. — Mas, olha... te encontrar aqui, não foi em vão. Cheguei aqui sem nada, junto com seu irmão, Evan. — Ela suspira. — Conquistei tudo. Hoje sou professora na Juilliard.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Natalie, isso é maravilhoso... você realmente mere... — Ela me interrompe.

— Não terminei ainda. — Seu semblante se torna sério. — Os Coles não são amaldiçoados. Eles são as pessoas mais fortes que eu conheço. Sua mãe, seu irmão... e agora você! — Ela pausa e fica pensativa. — Quero te dar uma chance!

— Como é? Eu ouvi direito? Você...

— Sim, você ouviu direito. Vou convocar uma apresentação excepcional. Só para você. Prepare seu melhor solo. Te espero na segunda.

Meu coração está saltitante, não consigo fixar meus olhos em nenhum ponto. Isso só pode ser um sonho.

— Muito obrigada, muito obrigada mesmo, Natalie. Eu não vou te decepcionar. Eu juro. Eu juro. — Digo com um enorme sorriso no rosto.

— Sim, esse sorriso. O mesmo sorriso de quando você tinha 9 anos. — Ela retribui e continua. — Não jure, querida. Eu sei que você não vai. Agora tenho que ir. — Ela me abraça novamente, dessa vez, rapidamente.

— Sim, sim. E mais uma vez, muito obrigada. Eu também preciso voltar ao trabalho. Quer dizer, isso se eu ainda tiver um. — Coço a cabeça.

Eu estava tentando fugir da minha maior oportunidade. Quem diria? Dessa vez, não iria deixar ela escapar, vou dar meu máximo e dançar, se necessário, até os pés sangrarem.

CAPÍTULO 3

DIGNA DO SOBRENOME COLE.

Sophia

— Srta. Cole, na minha sala, por favor. — Gritou Ricky, no momento em que passei pela porta dos fundos de volta ao estabelecimento.

Simon olhou para mim, e moveu seus lábios, como quem quisesse dizer: “Boa sorte”. E eu o respondi da mesma forma: “Obrigada”. Ele sorriu. Entro naquela sala pequena e fedorenta. Diversos quadros decoravam a parede e acredito que devam ser às fotografias dos donos que vieram antes do Ricky “nojento”.

— Sophia Cole, contratada a três meses, ainda no período de experiência. Excessivas faltas...

Para as apresentações de ballet.

— Não sorri no atendimento... — Estendo a palma da mão direita, o interrompendo.

— Ricky, não estava no meu contrato sorrir enquanto trabalho. — Protesto. Ele me interrompe.

— Isso é tácito, Sophia. Tácito. Queremos ter o melhor atendimento aqui na Rick Chicken. Sabe quem são esses aqui? — Ele se ajeita em sua cadeira executiva e aponta para os quadros.

— São os antigos donos? — Pergunto, faço uma careta e ele sorri.

— Correto! Pelo menos, vejo que você é inteligente. Esses são Ricky Primeiro, Ricky Segundo e Ricky Terceiro e não será, eu, o Ricky quarto que irá desfazer esse império.

Império? Fala sério, cara! Isso é uma espelunca.

— O que foi que disse? — Ele pergunta sério, levantando uma sobancelha. Apenas uma.

— Eu? Não. Nada. Ricky.

Alguma palavra saiu da minha boca?

— É senhor Ricky. — Ele arfa, se levanta e fecha porta. Pude ver Simon se esticando para bisbilhotar, antes da porta bater. Ele continua. — Sophia. É o seguinte, vou ser bem direto, por que você

sabe... tempo é dinheiro. — Repito a frase: “tempo é dinheiro”, junto com ele, apenas mexendo meus lábios. Ele repete isso umas cem vezes por dia. Minha atitude o deixa extremamente nervoso.

— Não estou no clima para brincadeiras, Srta. Cole. E essa é minha proposta: Quero que você faça horas extras não remuneradas... — Ergo as sobrancelhas, desconfiada. Sei que tem alguma pegadinha. Ele continua. — Mas, será pós expediente e na minha sala. — Ele abre um sorriso de canto de boca, se aproxima e o cheiro do seu suor invade minhas narinas.

Ricky Nojento.

— De jeito nenhum, Ricky. Pode tirar seu cavalinho da chuva, seu tarado nojento.

— Como é?

Agora ele está soltando fumaça pelas orelhas.

— Isso mesmo que você ouviu, seu gordo sujo e nojento. Ninguém aqui te respeita. Você acha que pode tudo, só porque usa esse terno barato que tem seu nome bordado. Mas, quer saber? Todos chamam você de Ricky “nojento”. Sabe por que? PORQUE VOCÊ É NOJENTO! — Me levanto. E continuo. — E não precisa me demitir, porque eu me demito. Me. Demito.

— Dê o fora daqui! Sua ingênua garotinha do interior. Saia já do meu estabelecimento. FORA!

Pude ouvir o esmurrar da porta atrás de mim. E juro, senti a lanchonete toda estremecer. Simon estava boquiaberto, Ben paralisado e Catrina com olhos arregalados. Todos surpresos, inclusive eu. Nunca imaginei que teria coragem de enfrentar Ricky “nojento” daquela forma. Agora, acredito realmente que os *Coles* não levam desaforo para casa.

— Lá em casa, mais tarde. É uma ordem. — Digo ao Simon ao passar por ele. Ele apenas assente. Assustado.

• • •

O ar estava mais leve. Essa foi a sensação que tive ao sair daquela lanchonete, sem precisar de usar aquele uniforme outra vez. Daqui a três dias teria uma apresentação exclusiva na Juilliard e sinto

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

que tudo agora vai dar certo.

— Sophia? — Gritou Jacob, do outro lado da rua. Acenando com um sorriso no rosto.

E já começou.

Atravesso a rua, indo ao seu encontro. Conto para ele tudo que aconteceu e ele se desculpa, acreditando ser o motivo de eu ter sido demitida. Mal sabe ele que já queria me ver livre daquele lugar a muito tempo, mas mesmo assim, aceitei o seu pedido para amenizar as coisas. Afinal, um encontro no sábado à noite, não é nada mal.

Ao chegar em casa, tomo um banho e deito na minha cama. Fico surpresa por lembrar que não toquei no celular o dia inteiro. Notei que havia uma mensagem não lida no meu Facebook.

Ev?

Já faz muito tempo desde a última vez que conversamos. Um ano, para ser mais exata. Meu irmão sempre foi um apoiador ferrenho dos meus sonhos e ficou do meu lado quando dei a notícia que viria para Nova Iorque depois do ensino médio.

Evan: Ei, pequena Sophi. Quanto tempo! Apenas queria dizer que ainda acredito nos seus sonhos. Estarei aqui sempre, para o que der e vier. Fique bem. Mande notícias.

Evan: Ah! Nat está mandando um beijo. 😊

Fique bem... mande notícias.

Começo a digitar uma resposta, mas logo desisto. E a mensagem que outrora estava na tela, agora se passa apenas em minha cabeça.

Estou bem, Ev! Bem demais para ser sincera. Verdade, demorou mais do que eu gostaria, mas eu vou te mostrar que sou digna do sobrenome *Cole*.

Eu te amo, irmãozinho. Sinto saudades.

Uma lágrima persiste em escapar em momentos como esse. Mas, essa foi diferente. Posso sentir. Foi uma lágrima de alegria.

Não respondi Evan, por um motivo apenas: Quero lhe dar a notícia completa.

Só mais três dias. A Sophi, vai se tornar bailarina. Você vai ficar orgulhoso de mim.

PERIGOSAS

Se prepara mundo! Aí você eu!

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

CAPÍTULO 4

O MELHOR AMIGO DE TODOS.

Sophia

A campainha tocou. Me levanto da cama, depois de ficar perdida nos pensamentos. A campainha toca novamente.

Um minuto!

E mais uma vez, ela toca.

— Deus! Onde é o incêndio? — Abro a porta. — Simon!

— Você sabe que é um horror conseguir uma condução para o Queens uma hora dessa, não sabe? — Ele sorri e ainda está vestido com o uniforme da Rick Chicken.

— Obrigada por vir, Si. — Faço um gesto para ele entrar. Fecho a porta.

— Você não imagina o que aconteceu. Depois que você saiu. Começou uma rebelião naquele lugar. Todo mundo disse que iria se demitir se ele não desse um aumento e diminuísse o horário de expediente.

— Pelo menos minha demissão serviu para alguma coisa. — Digo rindo.

— Com certeza. Você se transformou o rosto da nossa revolução. Você é o nosso tordo. — Ele se senta no sofá.

— Como em Jogos Vorazes?

— Isso mesmo, só que sem os jogos. — Nós rimos. Ele continua. — Então, o que tem de tão especial que me trouxe até esse fim de mundo?

— Ei! Não fale mal do Queens! Foi aqui onde a rainha Nicki Minaj cresceu. — Ele faz uma careta. Ele detesta a Nicki Minaj. Eu rio. Sento ao lado dele e continuo. — Quero comemorar. Nós vamos sair.

— Para onde? — Ele me olha, curioso.

— Vamos ao The Lounge!

— Não, não, não e não. — Ele se levanta, gesticulando e balançando a cabeça negativamente.

— Qual é, Simon! Eu preciso disso. Hoje. Tenho que extravasar,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

porque minha vida começa na segunda-feira.

— Você sabe que o Ben vive lá e não quero dar de cara com ele se agarrando com outra pessoa.

Ok. Notícia nova. Esqueci de comentar. O Simon e o Ben, o garçom gato, tiveram um lance a uns dois meses atrás. Simon cisma em dizer que Ben está no armário, afinal, ele rompeu com o Simon para ficar com a Catrina. É uma loucura. Talvez seja por isso que não comentei.

— Sem chances, Sophia. Escolhe outra. Há um milhão de boates em Nova Iorque. E você quer escolher logo essa?

— Porque essa é a melhor. Todo mundo vai estar lá.

— Justamente.

— Simon Hastings. — Endureço meu tom. Ele odeia ser chamado pelo nome completo. Ele diz que lembra seu pai.

— Ok. Ok. Mas você vai ficar me devendo essa! — Ele cruza os braços.

— Sem dúvidas! — Sorrio e o abraço. — Agora, vai tomar um banho. Por favor. — Coloco as mãos no nariz. Ele me empurra e sorri.

Nos arrumamos. Simon guarda diversas roupas no meu apartamento. Aliás, ele mora praticamente comigo.

Visto um skort preto com um suéter branco listrado. Uma sandália branca e uma pulseira de pérolas no meu braço esquerdo. Meus cabelos caíam naturalmente sobre meus ombros e meu batom era nude. Simon estava usando uma calça jeans azul escuro com alguns rasgos nos joelhos. Uma camiseta mullet branca com um desenho na frente e um sapatênis. Seu cabelo estava curto com uma franja discreta.

O *Uber* que chamei chegou e nos leva até o The Lounge. As luzes coloridas ofuscam um pouco a visão. O lugar é amplo e a música eletrônica é bastante alta. Mesmo com a visão embaçada avistamos de longe o bar e lá é nossa primeira parada.

— Álcool. Aleluia! — Diz Simon com uma alegria exacerbada na voz.

— Ei! Era você mesmo quem não queria vir? — Cutuco ele com meu ombro direito enquanto mexo meu corpo ao ritmo da música.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Não me julgue. Por enquanto não vi nada que me tirasse do sério.

— Aleluia! — Falamos juntos. Uníssono. Levantando nossas mãos para o céu.

— Um Long Island Iced Tea, por favor. O que vai querer, Si? — Pergunto, olhando para o barman.

Sem resposta.

— Simon?

Ao olhar para o lado vejo Simon aos beijos com um cara. Um cara bem gato, para falar a verdade. Quem diria? Cinco minutos foi o suficiente para achar alguém. Curvo minha cabeça para o lado, analisando a cena. Impressionante!

— Aqui está, senhorita. — Diz o barman, com meu drink.

— Obrigada! — Pego e ele sorri.

Me distraio com a música, fecho meus olhos enquanto aquela dose de álcool invade meu organismo. Não sinto o tempo passar. Fico pensando em tudo que aconteceu essa semana. Conheci o Jacob, tenho uma apresentação agendada na Julliard, a demissão. Quanta coisa em um pequeno espaço de tempo.

— Um *Jack Daniels* com *Coca-Cola* light, por favor.

Espera! Essa voz.

— Jacob?

Ele se vira. Surpreso.

— Sophia?

— Vamos ficar perguntando um o nome do outro? — Eu rio. Ele também.

Gato! Gato demais!

— Parece que nosso encontro foi adiantado.

— Sem chances. Ainda quero o que foi prometido para mim amanhã. Não posso perder a oportunidade de me distrair agora.

— Com certeza! — Ele se aproxima do meu ouvido. Seu cheiro é ótimo. *Deus!* — Aqui está muito barulho, quer ir para outro lugar?

— Sim, claro. Eu vou pagar esse... — Ele me interrompe.

— Sem chances. Deixa comigo. Eu pago. Afinal, você foi demitida por minha culpa. — Eu rio. Ele sabe que não foi por culpa dele, mesmo assim não quer perder a oportunidade de me agradar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ok. Eu me acostumo com isso.

— Obrigada Jay. — Ele gostou de ser chamado assim.

— Não tem de que.

Eu o sigo até um lugar mais reservado. Um espaço privado para clientes VIP. Não sabia que Jacob tinha toda essa influência. E não tinha, ao lhe questionar o motivo de ele ter acesso aquele espaço, ele me disse que conseguiu isso através de um amigo, que conhece outro amigo, que conhece o dono da boate. Que seja, essa é a oportunidade de aproveitar e curtir.

Nos sentamos no enorme sofá vermelho e redondo daquele lugar.

— Então... — Ele começa. — Quais são seus planos, daqui para frente?

— Entrar para Julliard. — Digo, direta. Ele ri.

— Com certeza. Me lembro de quando fui aprovado. Deus! A alegria não cabia no meu peito.

— Imagino. Não vejo a hora. — Ele se aproxima.

Está chegando perto da zona de perigo.

— Já sabe qual é o solo que irá apresentar?

Mais perto.

— Tenho uma ideia. Era o solo favorito da minha professora, desde quando era uma garotinha: O Corsário.

— Isso é incrível, Sophia. O nível de técnica para esse solo é muito alto. Se você o fizer, não vai ter como te rejeitarem.

— E os anjos dizem: Amém! — Ele ri. Eu também.

É fácil rir ao lado dele.

— E você? — Digo. Suspiro e continuo. — Dança contemporânea. Você sabe tanto sobre ballet.

— É uma história longa. Sempre quis ser bailarino, mas fui rejeitado.

— Não brinca? — Fico boquiaberta.

— Não estou. — Ele sorri. — Cinco vezes para falar a verdade. Então decidi tentar outra coisa. E *voilà*. Dança contemporânea. O melhor da turma por três anos consecutivos.

Mais perto. Contato físico iminente. Jesus!

— Às vezes, Sophia, queremos tanto alguma coisa, que não
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

notamos que a vida pode nos oferecer algo melhor.

Tive que concordar com ele. Ele é positivo, calmo, lindo. Até demais. Sua perna tocou na minha e meu corpo todo estremeceu. De novo. Estávamos olhando um nos olhos do outro. Nossos lábios estavam se aproximando. Apenas a um palmo de distância. Meus olhos estavam se fechando, se preparando para aquele beijo. Até que...

— Sophia, onde você estava? Estou procurando por você a horas, menina!

Não acredito! Obrigada, Simon!

— Simon, Jacob. Jacob, Simon. — Simon se assenta.

Empata. Aff!

— Olá Simon. — Disse Jacob, aparentemente frustrado. Assim como eu.

— Oi, Jacobzinho. — Simon diz, passando a mão sobre o peito de Jacob.

Simon está bêbado. Chegou a hora acabar com isso.

— Ok. Ual. Já que nos conhecemos, precisamos ir agora. — Digo, tentando me afastar daquele pesadelo.

— Espera. Você já está indo embora? — Perguntou Jacob.

— Sim, quero dizer, não. Só vou no banheiro. — Abraço o Simon. — E Simon, você vem comigo!

— Tudo bem. Se nos perdemos de vista. Nos vemos amanhã.

— Tudo bem. Estarei livre às sete.

— Que seja às sete então.

Ele coloca as mãos no bolso e vê eu me afastar. Tento não olhar para trás, mas não consigo. É impossível. Acho que dificilmente vou encontrar um cara em Nova Iorque como Jacob. Lindo, gentil, dançarino. Ele é bom demais para ser de verdade. Teremos a noite toda amanhã, só para nós, pois amanhã é um novo dia.

• • •

— Grande amigo você é. — Digo, enfurecida pelo Simon ter me atrapalhado com Jacob a noite passada.

— Desculpa, Sophi. É sério. Eu estava ficando com aquele

gatinho, mas aí eu vi o Ben... e ele estava com a Catrina. Não resisti. Me afoguei no álcool.

— Desculpas aceitas. — Dou um abraço nele. — Ei! Não fica assim, ok. O Ben não te merece. Se ele não sabe o que quer, problema é dele. Você é tudo de bom. Ele que está perdendo, não você.

— Queria ter essa sua positividade. — Ele encosta sua testa na minha.

— O que está fazendo, Simon?

— Passando sua positividade para mim. Por osmose. — Ele ri. Eu o empurro. Ele cai no sofá.

— Vou preparar algo para a gente comer. Vem!

— Só se for agora. — Ele sorri e se levanta mais rápido do que um guepardo em busca da presa.

Abro a geladeira quase vazia e fecho. Sem sinal de comida de verdade. Abro o armário suspenso. Igual.

— Deus! Alguém precisa fazer compras aqui. — Disse Simon, sendo sarcástico.

— Rá rá rá rá. Sr. engraçadinho. Se você não viesse tanto para cá, minhas compras que é para uma pessoa, não duraria a metade do tempo. — Ele ri.

— Deixa que eu preparo algo para a gente.

Simon pega alguns ovos que estavam perdidos pela bagunça da minha cozinha, meia cebola e algumas coisas verdes que nem eu sabia que tinha e prepara a omelete mais gostosa do mundo. Comemos até nos faltar, nos livrando da ressaca da noite anterior.

— Então, é hoje à noite seu encontro com o Sr. perfeito?

— Sim, é hoje. E não, ele não é perfeito. Só um cara legal.

— Legal e gostoso, você quer dizer, não é?

— Isso também. — Dou um sorriso safado.

— Você merece. Merece caras tipo Jacob. Tudo que você passa pelo seu sonho. A vida tinha que te dar algum alívio alguma hora.

— Não é, Si? Eu também acho. — Nós rimos.

— Pois bem. — Ele diz e já terminou de comer. — Estou de saída.

— Aaaaah! Por que? — Digo, entristecida.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Porque você tem que dar um jeito nesse apartamento, se arrumar para encontrar com o Jacob. — Olho ao redor. Ele está certo. Meu apartamento está uma loucura.

— Tudo bem. — Me levanto e dou um abraço apertado nele. — Obrigada por ser você.

— De nada — Ele diz. Pretensioso. — Você também não é de se jogar fora. — Ele diz, torcendo o nariz. Isso me faz bem. Ele me faz bem.

Simon Hastings. O melhor amigo de todos.

CAPÍTULO 5

TUDO VAI DAR CERTO.

Sophia

Depois de ter me inspirado na gata borralheira, meu apartamento estava como muitos dizem por aí: “um brinco”. Mas, diferente dos contos de fadas, você não fica linda de uma hora para outra, depois de uma faxina. Eu precisava ficar linda, afinal, Jacob chegaria em uma hora e não sabia ao menos o que iria vestir. Típico drama da garota moderna.

Escolher pelo mais simples sempre foi minha opção. Jeans? Por que não? Tops? Com certeza. E foi o que eu fiz. Visto um jeans boyfriend azul claro e um cropped top branco com uma sandália baixa, bem básica. Para completar o look, uso uma choker como adereço. E fim. Estava pronta.

Foi o que pensei, até ver Jacob na minha porta. Ele estava trajado com um jeans reto, uma t-shirt branca e um blazer. Seu corpo era visivelmente musculoso e aquela roupa fazia isso se tornar mais visível.

— Oi. — Ele diz, sendo sutil.

— Oi. — Retribuo. — Você quer entrar?

— Adoraria. — Ele diz dando um passo para frente, enquanto eu abro mais a porta. Ao terminar de entrar, fecho a porta.

— Aqui. Isso é para você. — Ele estende a mão direita, que estava escondida em suas costas e junto a ela vem uma rosa vermelha. Apenas uma. Ele continua. — Acredito que irá combinar com você. — Ele se aproxima e coloca cuidadosamente a rosa sobre minha orelha, presa em meus cabelos. — Perfeito.

— Obrigada, Jacob. — Meu sorriso é discreto. E o clima já estava nos invadindo, antes mesmo de sairmos dali.

— Não tem de quê. — Repito as palavras dele, apenas mexendo os lábios. Que tipo de cara fala “não tem de quê”, hoje em dia? Ele ri.

— Então? Para onde vamos? — Digo, curiosa.

— Você já ouviu falar da Union Square?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Sim. Não é aquela praça com food trucks, música ao vivo, com enfeites e iluminação barata?

— É... isso mesmo? Você gosta?

— Se eu gosto? Eu adoro! — Ele sorri, aliviado, e segura minha mão.

— Então? O que estamos esperando?

Jacob tinha razão. O que estávamos esperando? O local era bem descontraído, como sempre. A Union Square é simplesmente sensacional. Pessoas de várias nacionalidades se juntam aqui para se conectarem e trocar culturas. Tem todo tipo de comida, música e dança. Esse foi um dos primeiros lugares que visitei quando voltei para os Estados Unidos. Achei que seria um bom lugar para fazer amizades.

Nos sentamos em um banco próximo a um food truck. Eu pedi uma porção de tacos, ele um burrito. As luzes estavam sob a nossa cabeça, um adereço com fitas e garrafas pet, não tinha como ficar melhor.

E ficou.

— Sophia, não estranhe, mas eu vou te beijar agora.

Ok.

Ele se aproxima. Minha respiração se torna mais intensa, mas eu aceito. Sua mão direita vai de encontro com meu rosto e me acaricia enquanto meus lábios vão de encontro com os dele. Não há Simons, não há Bens e nem Catrinas que pudessem nos atrapalhar.

Minha mão vai de encontro com a dele e sinto o toque de seus lábios. Doces e carnudos. A praça que outrora era extensa e um fria, se torna abafada e comprimida.

Minha língua finalmente se encontra com a dele. E posso sentir o calor da sua respiração em minha pele.

Me aproximo mais.

Sua mão passeia pelos meus ombros nus, devido ao top que estava usando e sua boca vai de encontro ao meu pescoço.

Eu aceito e meu corpo se curva para trás, deixando a área totalmente livre. Uma gemida me escapa.

Um calor sobe da terra até o fio do meu cabelo e a sensação é indescritível. Minha mão desliza sobre seu peitoral, desejando
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

descobrir o que havia debaixo daquela camiseta.

— Jacob. — Ele continua beijando meu pescoço e subindo, indo novamente de encontro com a minha boca.

— Jacob, espera. — Ele interrompe e toma fôlego. Eu faço o mesmo.

— Sim. — Ele pergunta, ofegante. Seus olhos estão fixos aos meus.

— Acho que deveríamos ir com mais calma. — Posso ver seu olhar de frustração por um instante, mas logo se recompõe.

— Você está certa. — Ele ajeita o meu top. E continua. — Tome. — Ele tira o blazer. — Você deve estar com frio.

Não estava, mas aceito. Ele é gentil.

— Obrigada.

— Ei! Que tal cantarmos no karaokê ao vivo?

— Eu adoraria. — Digo, feliz por ele ter aceito minha decisão. Seu sorriso comprova isso.

Nós demos um show! Está bem, não foi para tanto. Estava mais para um show particular. Poucas pessoas nos assistiram cantar, *You Are So Beautiful* do *Joe Cocker*, em um dueto inesperado. Mas, foi maravilhoso, mesmo desafinado e com poucas palmas.

Pedimos um lanche para viagem no food truck de comida brasileira e nos despedimos das pessoas que conhecemos. Pessoas que insistiam nos chamar de namorados.

Namorados.

Jacob me levou até a porta casa, disse que estava ansioso para o próximo encontro e que dá próxima vez, não cometeria o mesmo erro de ser tão apressado. Mal sabe ele que adoro um cara com pegada e atitude. Devolvi seu blazer e nos beijamos. Um beijo sutil de despedida. Estava mais para um “até daqui a pouco” do que para um “adeus”.

Deitei na minha cama e não conseguindo dormir abri novamente a mensagem do Evan. O brilho do celular invadiu meu rosto, me fazendo comprimir os olhos. Aquela mensagem mexeu comigo mais uma vez.

Fique bem... mande notícias.

Tenho tanto para contar. Por onde deveria começar? Pela
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Julliard? Pelo Jacob? Digito, porém mais uma vez desisto. Falta pouco, menos do que antes. E quando menos espero pego no sono, abraçada ao meu celular. As coisas estão boas agora. E espero que permaneça assim.

• • •

Os dias passaram voando. Mal pude notar. Hoje é segunda-feira. Depois de um Domingo inteiro ensaiando meu solo. Sinto que estou preparada.

Olhando de fora a Julliard não passa de um prédio antigo, cheio de jovens e adolescentes que dançam e cantam. Mas, quando você entra, percebe que há uma magia. A magia da arte. Não há como não sentir.

Andando por aqueles corredores percebo as pessoas sorrindo, acenando umas para outras. Elas estão sorrindo, pois estão vivendo o sonho delas. E logo, sou eu que estarei sorrindo.

O nervosismo está me corroendo por dentro, mãos trêmulas, frio na espinha, suor excessivo. Deus! Tenho que me acalmar!

Dobra a direita depois a esquerda, primeira porta a direita. Foram essas as palavras que o segurança me disse quando o informei que estaria vindo para uma apresentação. Estou distraída e repito essas palavras diversas vezes.

Dobra a direita depois a esquerda, primeira porta a direita.

Dobra a direita depois a esquerda, primeira porta a direita.

Até que...

— Ei! Olha por onde anda! — Protesto, depois de receber uma trombada que me fez cair no chão. Tento me levantar.

— Me desculpe... eu... Sophia?

— Sim... — Olho para o alto. Não podia ser ninguém mais. Jacob. Sorrio. — Jacob! — Ele me ajuda a levantar.

— Você fica linda nessa roupa de bailarina. Ah! Me desculpe por isso.

— Obrigada e não tem o porquê se desculpar. Eu estava distraída demais.

— Tudo bem, isso é normal. Apresentação é?

— Exato.

— Ual! Boa sorte.

— Obrigada, vou precisar.

Ele me olha nos olhos e sorri. Me lembro de nosso último encontro. Respiro forte. Preciso me concentrar agora. Meu futuro depende disso.

— Jacob, tenho que ir agora.

— Claro. — Ele abre o caminho. — Seu destino está bem ali, naquela porta. — Ele aponta o dedo para a porta que será a sala de apresentações.

— Obrigada. — Um silêncio se instala. Mexo no cabelo. Fazemos menção que iríamos nos beijar, mas desistimos.

— Então é isso... — Ele diz. — Te vejo em breve.

— Com certeza. — Retruco.

Sigo meu caminho, olho para trás e vejo Jacob se afastar. Estou em frente a porta neste momento. Não há nada o que temer, já dancei esse solo um milhão de vezes. Sei que hoje, tudo vai dar certo.

CAPÍTULO 6

EU QUERIA ESTAR EM CASA.

Sophia

— Bom dia. Por favor, fale seu nome, seu estilo de dança e o solo que irá apresentar. — Disse uma das mulheres que estava sentada na mesa em minha frente. Três pessoas. Duas mulheres e um homem. A sensação que eu tive é que estava sendo jugada para o Ídolos.

— Sophia. Ballet e vou dançar: O Corsário. — O homem que estava na ponta direita da mesa torce o nariz.

A professora Cruz não está aqui, ela me disse que não permitem julgar apresentações de pessoas próximas. A Julliard é bem séria neste quesito. A instituição não gosta de ser acusada de favorecer alguns alunos. A imagem da escola para eles é tudo.

— Pois bem, Sophia. — Disse a mulher do meio, a mesma que pediu para eu me apresentar. E continua. — Eu sou Olivia Jones, professora de Ballet, essa do meu lado esquerdo é a Pietra Bartlova, nossa convidada, ela é professora no ballet de Bolshoi e passará esse semestre aqui para avaliar alguns de nossos alunos. Ela russa, não fala nossa língua. E por último, mas não menos importante: O nosso professor e representante do Comitê Americano de Ballet, Richard Be... — Eu a interrompo.

— Bennedict. Sim, eu o conheço. Sou uma grande... — Ela me interrompe.

— Não me interrompa menina. — Vejo Richard fazer uma anotação em sua folha.

Droga!

— Bem, como estava dizendo... eu não irei apresenta-los novamente, caso você entre, e somente se, você terá de reconhecê-los. Você entendeu?

Balanço a cabeça positivamente. Ela continua.

— Ouvi coisas ótimas sobre você. A professora Cruz tem muito respeito dentro desta instituição. Espero não me decepcionar. Por fim... está pronta?

— Sim, senhora.

— Então... pode começar. — Ela aponta para o auxiliar dar play na música. É agora. É tudo ou nada.

A música se inicia. Minhas sapatilhas estão desgastadas, meu tutu está levemente apertado. Mas supero todos esses problemas.

Entrei na quinta posição, seguido de um demi-bras partindo para a quarta posição em croisé derrière. Completei um fouetté, deixando todos admirados com a minha técnica. Meus movimentos são suaves, graciosos e leves. Percebi Pietra cochichar no ouvido de Olivia quando completei o grand jeté, me preparando para a parte final do meu solo.

Estamos quase lá!

Meus pés estavam doloridos. Essa parte, era o ápice da apresentação. Havia muita tensão naquela sala, apesar da música sublime e movimentos tênues. Mas, nada disso me abalava, o sorriso nos rostos deles era o suficiente para me dar a força que eu precisava para este remate.

Minhas mãos estavam suadas, mas esse era o momento. Meu momento. E eu não poderia desperdiçar. Se eles decidissem se iriam, ou não, me aceitar, seria devido ao que eu faria agora.

Fui em frente. Sem medo. Executei uma séria de fouetté italiano, e as piruetas viriam em seguida até terminar em um écarté.

Primeira pirueta.

Segunda pirueta.

Terceira.

O que?

Quarta.

Aquilo na porta... é um vulto?

Se concentra, Sophia.

Quinta.

Espera. Aquele?

Sexta.

Aquele... é o Jacob.

Séti...

E quando menos percebi, estava no chão. Os sorrisos tinham desaparecido. Olhos de reprovação me devoraram em instantes. Me
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

levantei rapidamente e finalizei com um écarté. Um pouco torto, devido a dor que estava sentindo na minha costela, por conta da queda.

A música parou. Olhei para a porta. O vulto sumiu. Jacob se foi. Não acredito.

— É Sophia, não é mesmo? — Richard tomou a iniciativa para falar. Estavam todos perplexos, afinal eu estava indo muito bem. Estava mesmo.

— Sim. Sophia Cole. — Respondo.

— A sua técnica é admirável. Tenho que reconhecer.

E antes dele terminar de falar, Olivia estava balançando a cabeça negativamente. Richard continua.

— Mas, infelizmente, para se submeter a este solo, é necessária uma apresentação impecável. Digna de Julliard. Mas... não foi isso que aconteceu, não é mesmo?

— Não, senhor Benedict. Mas, se eu puder explicar... eu...

— Eu sei o que você vai dizer, querida. — Olivia me interrompe.

— O que todas as pseudo bailarinas que passam por aqui dizem. “Eu estava nervosa.” Ou então... “Eu me distraí”. Se você não consegue lidar com um nervosismo ou uma distração na frente de três avaliadores. Como consegue você acha que vai dar conta de uma pressão em um corpo de baile?

E neste momento percebi que, tudo o que eu tinha a dizer, não iria mudar nada.

— Sinto lhe informar, Sophia, mas... você não foi aprovada no exame de admissão da Julliard, desta vez. Me desculpe. — Informou Richard.

Pietra apenas observava. O que eu esperava dela? Ela nem ao menos fala minha língua.

Eu estava cabisbaixa. Estava destruída por dentro.

— Muito obrigada. — Digo.

— Disponha, querida. — Responde Olivia. — A saída é por ali.

— Ela aponta para a porta. A porta que agora não há vultos. Não há nada.

Abro a porta. E sou forte o suficiente para andar pelos corredores da Julliard sem me debulhar em lágrimas. Isso me requer
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

bastante força. Uma escapada e pronto. Lágrimas. Não podia deixar que toda a instituição fosse testemunha do meu fracasso.

Não parava de relembrar aquele momento. Passava na minha cabeça como um filme em preto e branco. Um momento estava de pé, girando e no outro, meu rosto estava sob o chão. Meus passos pelos corredores são lentos, não porque não estou com pressa, mas porque a queda me machucou e estou mancando. Tirar as sapatilhas me faz bem, então eu o faço.

Acho que já passei por esta porta antes.

Estava dando voltas. Estava sem rumo.

— Sophia. — Uma voz gritou meu nome. Olho para trás. Era o Jacob. Fico em silêncio e continuo a andar.

— Sophia, por favor. — Eu paro. Ainda não me viro.

Ele coloca a sua mão direita no meu ombro esquerdo e me força a olhar para ele. Me viro.

— Só... só me desculpe, ok?

— Desculpar? Jacob... — Uma risada irônica me escapa. — Você tem noção do que isso significava para mim?

— Sophia, eu só queria te assistir.

— Você me distraiu. — Gesticulo bruscamente.

— Eu sei. Eu sei, mas... sinto muito. Tudo bem? — Ele está imóvel.

— Não. Não está tudo bem, Jacob. Você não sabe o que eu estou sentindo agora. Afinal, você é o melhor aluno por três anos consecutivos. E eu... eu não vou ter essa oportunidade de novo.

— Acredite em mim, Sophia... eu sei o que você está sentindo. Senti isso diversas vezes. Até conseguir.

— MAS, EU NÃO QUERO TROCAR — Meu grito vem acompanhado de meus olhos arregalados, queimando de raiva. — Se você foi fraco, não significa que eu também vou ser.

— É isso que você pensa de mim? Que eu sou um fraco?

— Não... Jacob, não foi isso que eu quis dizer...

— É, mas, disse.

— É melhor a gente se afastar um do outro, ok? É claro que não vamos fazer bem um para o outro estando assim.

— É o que você quer? Isso vai me custar perder você?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Isso me custou perder tudo — Suspiro antes de continuar. — Jacob... eu não deveria ter deixado meu sentimento ir tão longe, para início de conversa. Se eu não tivesse sentindo nada por você, sua presença nunca abalaria minha confiança.

De repente, Jacob fechou os olhos, frustrado. Ele suspirou. Pude sentir o ar quente que saía das suas narinas.

— Me perdoe. — Sua voz saiu carregada de arrependimento.

Ele falou, mas eu não o respondi. Me virei e continuei meu caminho. Não tinha forças para perdoá-lo. A chance da minha vida foi embora. Direto pelo ralo. E não poderia voltar no tempo e mudar tudo.

Passei pelo último corredor que dava acesso a única saída da Julliard. Encarei aquela porta grande e vermelha e olhei para a parte superior, onde estava escrito: Saída.

Sair dali. Não como imaginei. Mas, era disso que eu precisava agora e nada mais.

Eu queria estar em casa.

CAPÍTULO 7

TALVEZ.

Sophia

A luz do sol me pegou de surpresa. Não me permitindo ver quem vinha em minha direção. Natalie Cruz.

— Sophia! Minha garotinha. Me conte tudo. Como é ser a nova aluna da Julliard? Os avaliadores te adoraram, não é? Impossível não gostar de você. Sua técnica...

Natalie estava tão feliz por pensar que eu tinha sido aprovada que não parava de falar. Precisava contar a ela. Tive de interrompê-la.

— Professora Cruz. Me desculpe. — Digo cabisbaixa. Continuo.
— Eu sei que você fez tudo isso por mim, mas...

— O que você está querendo dizer, Sophia?

— Eu não fui aceita. Me desculpa.

— O que? Eu não acredito! Foi o Richard? Esse cretino me chamou para sair e eu recusei e agora ele está descontando em você... ah! Mas, ele vai se ver comi... — Eu a interrompo.

— Natalie, não... foi culpa minha. É tudo culpa minha.

— Pero... o que aconteceu?

— Eu cáí. Foi isso que aconteceu.

— Você fez essa performance umas quinhentas vezes, Sophia! Você executava ela tão bem. Até melhor do que eu. Como isso foi possível?

— Eu... eu só cáí. — Ela ouviu minhas palavras com atenção. Olhou em meus olhos ainda não querendo acreditar. Mas tendo.

— Tudo bem, Sophi. Está tudo bem. — Eu a abraço. Um abraço caloroso e reconfortante. Me fez muito bem. Pouco a pouco, aquela sensação ruim foi me abandonado. Aquela pressão na garganta, me libertou.

— Eu preciso ir para casa agora. Obrigada. Por tudo que você fez por mim. Ou tentou.

— Não há o que agradecer, hija. Faria de novo, se fosse possível. — Nos livramos do abraço. Ela segura meu rosto e

continua. — Nada acabou Sophia. Este é apenas o início. Confie em mim.

Concordo com ela balançando a cabeça positivamente. Não tinha mais nada a ser dito. Estou desempregada, meu aluguel vence logo e agora também não faço parte de nenhuma companhia de dança. Esta, meus amigos, esta é a famosa estaca zero.

Ao chegar em casa deito na minha cama. Observo o ventilador de teto por horas. Três horas para ser franca. Há umas trinta ligações perdidas do Simon em meu celular e eu ainda não criei coragem de contar a ele.

Meu telefone toca mais uma vez.

Simon de novo.

Espera...

Evan?

Meu coração dispara. Fico sem ação. Enfim, eu atendo.

— Ev?

— Sophi. Desculpa te ligar assim, sem avisar. Mas, sabe aqueles sentimentos estranhos? Tipo nos filmes que víamos quando você era pequena: Aqueles irmãos gêmeos que sentem quando o outro está mal? Então... por isso resolvi te ligar. Fiz mal?

Nesse instante cai em mim. Ainda não tinha chorado. Nenhuma gota de lágrima tinha escapado dos meus olhos. E não segurei. Me liberei de tudo que estava preso. E comecei a chorar.

— Sophi... Sophia?

O choro se tornava mais intenso. Sentia as lágrimas me lavando de dentro para fora. Era como um peso estivesse saindo de dentro de mim.

— Vem para casa Sophia. Vem para casa.

Aquelas palavras. Precisava ouvir. Tinha que rever minha família para que os sonhos voltassem a florescer no meu coração. Evan sempre me apoiou, me ajudou, se sacrificou para que um dia eu tivesse esse desejo. E agora, um abraço dele significaria tudo.

• • •

Evan depositou dinheiro em minha conta corrente para que eu

pudesse pagar todas as minhas despesas e pegar o primeiro avião para Irlanda. “Terceira classe”. Ele disse. “Nada de esbanjar meu dinheiro”. Completou. Típico do Evan.

Minha dificuldade agora não seria arrumar as malas, mas contar ao meu melhor amigo que estava indo embora. Indo para talvez nunca mais voltar.

— Chegou rápido. — Disse a ele assim que abri a porta.

— Com certeza, quando você me disse que tinha uma novidade... sabe como eu sou para essas coisas, não é? Tirei o papaléguas que tinha dentro de mim. — Ele disse rindo. Por pouco tempo. Sua risada logo cessou quando percebeu que todas as minhas coisas estavam na mala e que as dele estavam separadas em uma caixa.

— Espera. O que está acontecendo aqui? Você vai viajar? — Ele me olhou surpreso. Seus olhos já estavam marejados. Como se já soubesse o que iria acontecer.

— Três strikes e estou fora.

— O que? Você vai citar Ricky “nojento” agora? Anda, Sophia. Que *droga* está acontecendo?

— Estou indo embora Simon.

— O que? Você não passou na Julliard. Que merda! Está bem...

— Ele coloca as duas mãos atrás da cabeça. Típico sinal de desespero. — Que se dane... vem morar comigo.

— Eu não posso, Si. Não mesmo.

— Que merda, Sophia. Por que não? Você não pode me deixar aqui sozinho. E o nosso cumprimento secreto? E para quem eu vou desabafar quando ver o Ben beijando a Catrina? — Ele balança a cabeça. Se recusando a acreditar.

— Me desculpe, Si. Mesmo. — Eu o abraço. Continuo. — Meu avião parte em uma hora. Você sabe que eu te amo e se pudesse te levava comigo dentro da minha própria bagagem. Mas, de mão, para não pagar aquela taxa absurda. — Ele ri por um instante. Libertando aquele lindo sorriso.

— Eu não consigo acreditar. A dupla mais legal do mundo. A SoSi está, enfim, terminada. — Ele senta no sofá, perdido nas lembranças.

— Ei! Não tem nada acabado aqui. Você ainda pode me visitar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ou eu posso te visitar. Tanto faz. Escuta... nossa amizade é muito forte. Ela é maior do que qualquer distância, entendeu?

— Entendi. — Ele enxuga suas poucas lágrimas. Atitude que me fez também lacrimejar. — Promete que vai me ligar sempre. E quando você for a maior bailarina que esse mundo já viu, vai me mandar um ingresso VIP para te ver?

— Prometo. — Fazemos nosso cumprimento secreto.

— Eu te amo, Sophi. — Ele me abraça e cochicha em meu ouvido. — Agora vai! E conquista o mundo! — Isso me fez sorrir.

— Pode deixar, Si. Eu também te amo.

As despedidas são sempre um saco. Sempre. Quem inventou isso, realmente não amava ninguém. Simon me ajuda finalizar a organizar minhas coisas. Uma forma de passar mais um pouco de tempo juntos, já que não teremos esse tempo nem tão cedo.

Pego minha bagagem, tranco a porta do apartamento e entrego ao dono da propriedade junto com um envelope com o aluguel daquele mês. Ele aperta minha mão e diz que se caso resolvesse voltar a Nova Iorque, que deveria procura-lo, pois ele alugaria para mim novamente. Sem Chances! Nunca mais volto para esse lugar. Além do mais, que alugaria esse apartamento?

O *Uber* chega e Simon me dá o último abraço. O motorista sai do carro e abre o porta-malas e me ajuda com a bagagem.

— Aeroporto Internacional. — Digo.

— É para já. — Ele responde e dá a partida.

E logo ali, vejo tudo ficar para trás. Simon. Julliard. Nova Iorque. Jacob..., mas, tinha que dar uma chance para mim. Para meu futuro.

Talvez começar do zero não seja tão ruim assim.

Talvez.

CAPÍTULO 8

OS PÉS DELA.

Ian

— Ian! Volte aqui, agora! Seu moleque mimado! — Gritou meu pai, do portão da nossa casa quando me viu dando partida no carro.

— ME DEIXE EM PAZ, OWEN! — Grito sem olhar para trás, partindo em alta velocidade pelas ruas calmas de Dublin.

Não sou o melhor filho do mundo. E ele também não é o melhor pai. Então nosso relacionamento é assim: Ele finge que me ama e eu finjo que o obedeco. Não recordo muito bem quando tudo ficou assim. Mas tudo ficou pior depois daquele dia. O terrível dia do acidente da minha mãe.

Antes mesmo de eu nascer eu já carregava um legado. Minha mãe é a dançarina mais famosa da Europa Ocidental. A digníssima Charlotte Campbell. Ganhadora de três campeonatos internacionais pela Academia de Dança Baxter. Os únicos títulos para ser sincero.

Meu pai tinha o sonho de ter sua própria academia. Ele era um bailarino meia boca de Belfast, mas tudo isso mudou quando conheceu minha mãe. Eles dançaram juntos no corpo de baile da Irlanda do Norte. Minha mãe como dançarina principal, sempre, e meu pai como seu fiel parceiro.

Eles conquistaram tudo que aquele ballet de esquina poderia proporcionar. Minha mãe engravidou de mim, mas não desistiu da dança. Quando eu estava um pouco mais crescido e as coisas melhores, em um estalar de dedos, se mudaram para Dublin, na Irlanda.

Meu pai abriu sua própria academia e conseguiam verbas a partir das vitórias nas competições individuais e de duplas. Eles realmente tinham uma conexão. Tinham.

Na última competição que disputaram, há alguns anos atrás, eles eram os favoritos ao título mundial. Uma apresentação magnífica na ópera de Sidney, na Austrália.

Meu pai convenceu minha mãe que o trunfo de serem

campeões estava em dançarem em uma plataforma elevada a, mais ou menos, dez metros do chão. Idiota! E aconteceu, bem ali, fui testemunha. Minha mãe se desequilibrou e caiu. A queda fraturou sua coluna. E agora a grande Charlotte Campbell, está em uma cadeira de rodas.

Eu o culpo! Sempre! Todos os dias!

— Ei, garoto! Você quer morrer? — Gritou um cara dirigindo um *Pryus* prata, buzinando e desviando de mim.

Estava tão perdido em minhas memórias que não percebi que meu carro tinha invadindo a outra pista. Volto e encosto no meio fio.

Meus olhos lacrimejam.

Por que? Owen não merece minhas lágrimas.

A noite me abraça e o frio é seu convidado. Eu esfrego meus braços para me manter aquecido. Mas, não estou pensando em voltar para casa, não tão cedo. Uma pessoa para quem ligar essa hora, talvez fosse a solução. Mas, eu não tenho. Não por falta, mas por escolha própria.

Quando fiz 18 anos, me tornei, oficialmente, um dançarino na Academia de dança do meu pai. E me tornei o melhor bailarino. Prometi minha mãe que seguiria os caminhos dela. Eu dançaria por ela. Eu seria os pés dela.

• • •

— Um whisky, single malte, por favor — Levanto o dedo indicador ao fazer o pedido.

— Mais uma noite daquelas, Ian? — Perguntou Ralph, o barman careca de barba ruiva.

— Na mosca, Ralph.

— Espero não ter de levá-lo até em casa, como da última vez. Você não veio de carro, veio?

Eu apenas levanto olhar que estava no meu copo de whisky para ele. O que diz tudo.

— Meu Deus, Ian.

— Ok. Ralph, já chega. — Deslizo a mão na minha frente. Estou exausto.

— Essa é a primeira é última, Ian. E depois vou pedir um táxi para você.

— Tudo bem, papai. — Digo com ironia. Ele ri.

— Alguém tem que ser, não é?

Eu levanto meu copo em reverência ao Ralph. Ele está certo. Alguém tem que ser o adulto. E lá naquela casa, pasmem, sou eu.

Levanto meu dedo indicador novamente, mas dessa vez o giro, um típico sinal de despedida por aqui. Me despeço do Ralph e de alguns caras que, independente do dia, estão sempre lá. Saio por onde entrei, assobio para o primeiro táxi, que para.

— Para onde, senhor?

Nada de casa hoje.

— Academia de dança Baxter. Eu te ensino o caminho.

— Deixa comigo!

Ele deu a partida, meu carro está em frente a Taverna do Ralph e precisaria voltar para buscá-lo, mas nesse momento a dança é a única forma de extravasar essa raiva que está dentro de mim. Quer um segredo? Na verdade, ela está constantemente dentro de mim. É por isso que danço tão bem.

• • •

O taxista atende ao meu pedido e me deixa a uma esquina de distância da Academia. Esse horário não há ninguém lá e por isso não posso simplesmente entrar pela porta frente, mesmo tendo a chave. Provavelmente, alguém me veria, chamaria a polícia e Owen logo, logo estaria aqui.

Caminho até a parte de trás da Academia e escalo aquele grande muro, e por fim consigo entrar. Me esgueiro até a porta dos fundos, pego a cópia da minha chave e abro.

Não ligo a luz para não chamar atenção, caminho silenciosamente até o grande salão de apresentações e entro. Tudo estava escuro, não conseguia enxergar um palmo na minha frente, mas isso não é um problema para mim, conhecia aquele lugar como a palma da minha mão.

Ligo a luz e tenho uma grande surpresa.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Mãe?

— Mãe, o que você está fazendo aqui? E no escuro?

Aquela cena me pegou, realmente, de surpresa. Minha mãe estava ali, me encarando, igual a uma cena do poderoso chefão.

— Você é idêntico a mim, Ian. Quando você saiu daquele jeito, transtornado, imaginei que aqui seria o único lugar para onde iria. — Ela olha em volta e sorri. — E aqui está você!

— Mas... como você entrou? E por que as luzes desligadas?

— Seu pai me trouxe, ele está lá fora, o carro está estacionado em frente à porta principal, se você tivesse entrado pela porta da frente, perceberia. E as luzes desligadas... se estivessem ligadas, você não entraria.

— Charlotte. — Coloco as mãos na cintura, olhando para o alto, desacreditado. Ela se aproxima.

— Meu filho, me dá um abraço. — Ela abre os braços. Eu me agacho e ela me presenteia com um abraço apertado e continua. — Você é um filho maravilhoso, mas precisa pegar mais leve com seu pai.

— Mas... mãe. Ele... você...

— Ian, quando você vai entender? As coisas que acontecem na nossa vida são as que tem que acontecer. — Eu suspiro. Fico mudo. Essa é uma realidade difícil de aceitar.

— Agora vamos, você precisa descansar. Amanhã tem a apresentação regional que vai lhe exigir todo esforço físico. Lembre, esse ano terá uma apresentação para o corpo de baile para o Ballet de Bolshoi.

— Sim, eu sei. — Digo e me desvencilho do abraço.

— Então, também deveria saber que é um dos favoritos.

Dar orgulho a minha mãe. Isso me faz sorrir.

— Também sei. — Digo.

— Ok, meu menino. Agora vamos.

Concordo com cabeça e a ajudo com a cadeira de rodas. Abro a porta principal e sou recebido pelo meu pai, que me examina de cima a baixo. Ele toma a mamãe de mim e a conduz até o carro.

A viagem é longa, e muda. E em alguns minutos, estava em casa novamente e vou direto para o meu quarto. Quando me deito, ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

percebo uma fresta se abrindo na porta, bem devagar.

— Ian... nunca esqueça que eu te amo. Ter você foi a maior conquista da minha vida.

— Eu também te amo, mãe.

Antes mesmo de ela sair do quarto, a chamo.

— Mãe! — Grito.

— Sim, querido. — Ela responde, calmamente.

— A promessa que eu fiz para você ainda está de pé. Eu serei seus pés naquela apresentação.

— Eu sei, querido. — Ela sorri e reitera. — Eu sei.

CAPÍTULO 9

ILHA ESMERALDA.

Sophia

Respiro fundo. Sinto o ar invadindo meus pulmões. Tudo em Dublin é muito diferente, se comparado a Nova Iorque. Até mesmo o ar. Aqui, as coisas andam em um ritmo distinto. Totalmente ao contrário de lá, onde parece que todos estão com pressa, não importando que horas seja.

Evan marcou de me encontrar em frente ao aeroporto, assim que o avião pousasse. Tentei encontrar a resposta para como ele descobriu qual era o horário exato que estaria aqui. E agora, estando no carro, ele confessa.

— Natalie calculou o tempo que você chegaria. — Ele diz, sorrindo. Um sorriso que estava com saudades.

— Só podia ser! Como poderia me esquecer que você casou com a genialidade em pessoa? — Ele ri.

Ele está bem. Parece bem. Ao contrário de mim.

— É muito bom te ver de novo, pequena Sophi.

— Digo o mesmo, Ev. Mas... só Sophi.

— Ei, eu ainda sou mais velho, ok? É pequena Sophi para mim.

Eu balanço a cabeça negativamente, rindo, tentando negar o que era verdade.

— Obrigada, Evan. Por tudo, sério! Juro que vou te pagar. — Ele me interrompe.

— Sem essa! Você sabe qual é meu lema. Família primeiro. — Repito o lema junto com ele. Isso o faz rir.

— Eu sei... mas, ainda preciso te pedir mais uma coisa.

— Claro, o que minha irmãzinha pode querer que eu não posso fazer? — Ele não me olha, está focado na estrada. E essa atitude dele não o fez perceber na careta que estava fazendo. Sabia que a próxima coisa que eu falasse, seria um impacto para ele.

— Deixa eu morar com você? Quero dizer, naquele seu quarto de hóspedes do lado de fora da sua casa. — Ao ouvir o pedido, Evan

freia bruscamente. Quase fazendo o carro que estava atrás de nós bater. Meu corpo saí do assento e volta. Santo cinto de segurança.

— O que? Por que? E a Susan? — Ele volta a dirigir e se desculpa com o motorista, que nos ultrapassa.

— Eu não posso contar para mamãe que voltei, Evan. Não posso. Você não contou. Contou? — Olho para ele, preocupada e ansiosa por uma resposta.

— Não... mas, eu deveria, quero dizer... você deveria.

— Ev! Por favor.

— Argh... Sophia. — Ele suspira.

— Eu vou contar a ela, está bem? Olha... vou entrar em uma Academia de dança aqui. Qualquer uma. Então eu conto.

— Você sabe que eu não posso fazer isso, Sophi. Ela sente muito a sua falta.

— Eu sei... eu sei... então, vamos combinar assim: Você não precisa mentir. Só omitir. Se ela não perguntar, você não conta. — Ele me olha. Mas fica mudo. Um típico sinal de que eu estava o convencendo. Continuo. — Qual é, Evan! Até eu conquistar um pouquinho de independência. Só isso.

Ele bufa. Está em uma sinuca de bico, agora. Mas, no final, balança a cabeça positivamente.

— Tudo bem, Sophi. Para minha casa então. — Levanto as duas mãos como sinal de vitória. Ele me encara, eu as abaixo.

— Fui longe demais?

— Sim! — Ele responde, sério.

Eu escondo o sorriso. Me contento com a sua ajuda. Sei que não estava fazendo a melhor escolha. Mas, se o Evan pode dar tanto orgulho a minha mãe, por que eu também não posso dar? Estava partindo por um caminho difícil. Um caminho que, talvez, os fins justifiquem os meios.

• • •

— Nat? — Gritou Evan, entrando pela porta da frente segurando as minhas malas. — Sophia está aqui! — Ele enfatiza.

Nós entramos e ele larga minhas malas no chão da sala. Seu

sofá não é mofado como era o meu. Eu sento e relaxo.

— Sophia! — Exclamou Natalie, vindo da cozinha. Ela tira as luvas de forno das mãos e me dá um abraço. — Que bom poder te abraçar novamente. E chegou bem na hora.

— Seus cálculos nunca falham. — Brinco.

Gosto da Natalie, de verdade. Ela faz meu irmão feliz, e também é uma grande amiga minha. Ela me ajudou demais quando tive problemas para entender Matemática e isso deu início a uma amizade entre nós duas.

— Sente-se, quero que você coma antes de partir. — Ela sorri, mas não sabe de toda história.

— Borboleta... — Diz Ev. Natalie se vira. Ele continua. — A Sophi vai passar um tempinho por aqui. Tudo bem?

Os olhos verdes dela se arregalam. Provavelmente por estar surpresa.

— Claro. Por que não? — Ela dá uma rápida pausa antes de continuar. — Evan, ajude a Sophia com as malas, eu vou terminar nosso almoço. — Evan se aproxima e a beija.

— Obrigado. — Ele diz baixo.

— Obrigada, Nat. — Ela ouve e me retribui com um sorriso. E caminha em direção a cozinha.

Depois de tudo estar arrumado no quarto de hóspedes, da casa do meu irmão, voltei e almocei com eles. Natalie preparou um delicioso Bobó Irlandês. É um ensopado de carne com legumes. Estava simplesmente maravilhoso.

Contei a eles toda trajetória que percorri enquanto estive em Nova Iorque. Eles riram da minha demissão e ficaram chocados com minha rejeição na Julliard. E curiosos a respeito de Jacob. Evan pareceu não gostar muito do assunto. Irmão coruja.

Quem diria?

Por fim estava me sentindo melhor. Pois estava em casa. E queria que todos os dias fossem uma extensão deste. Com toda essa alegria e comida de verdade.

• • •

Alguns dias tinham se passado e ainda não tinha encontrado uma Academia de dança que chamasse minha atenção. Mas, uma coisa me chamou. Bem ali, do outro lado da rua, uma enorme placa que dizia: “Grande Lançamento. Hoje! O livro “A vida como ela é.” de Charlotte Campbell.

Eu não podia acreditar! Se isso não era sorte, eu não sabia mais o que era. Eu sou uma grande fã de Charlotte Campbell. Tudo que ela fez em nome do ballet clássico e toda sua superação depois de ter um filho e um acidente. Ela era um exemplo para mim.

Não podia perder essa oportunidade!

Entro naquela gigante biblioteca, passo pelo primeiro corredor, onde se encontrava os livros mais vendidos, seguido dos romances e os de ficção. Logo após a terceira estante, lá estava ela. Com um vestido longo, maravilhoso, florido e um brilho no seu rosto de dar inveja.

Pego o livro da vida de Charlotte e entro na enorme fila para pegar seu autógrafo.

Isso vai valer a pena!

— Olá, menina! Qual é o seu nome? — Diz Charlotte, com uma caneta na mão, me encarando. Estou paralisada. Sorriso de orelha a orelha. Abraçada com o livro.

— Eu... eu sou... — Ela levanta a sobrancelha.

— Você é...?

— Eu sou sua grande fã. — Ela cai na gargalhada.

— Obrigada querida. Eu gostei de você. Por que não se senta e me diz seu nome?

— Claro! — Eu me sento. E ainda não acredito no que está acontecendo. Charlotte Campbell, bem na minha frente. — Meu nome é Sophia. — Dou uma pausa. — Sophia Cole.

— Certo, Sophia Cole. — Ela estende a mão. Eu a entrego o livro. Ela começa a escrever algo, não consigo ver o que é. Não tiro os olhos dela. Meus olhos estão brilhando neste momento. Tenho certeza. Ela continua. — Qual é o seu maior sonho?

— Entrar para uma academia de dança. — Respondo, sem hesitar.

— Jura? Para uma garotinha como você, isso me parece fácil.
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Deixa eu adivinhar... Bolshoi?

Exato! Ela é demais!

— Sim. — Sorrio.

— Você não é daqui, é, Sophia?

— Não exatamente, e pode me chamar de Sophi. — Coloco meu cabelo atrás da orelha. Ela ainda está escrevendo. Caramba!

— Ok, Sophi. — Ela para de escrever e me analisa. — Você já encontrou uma academia?

— Não. — Respondo e continuo. — Mas sei que aqui tem ótimas academias.

— Sim. Com certeza. — Ela me entrega o livro. Eu observo o texto. É bem extenso. Terei de ler depois. — Mas... há uma, não muito distante daqui. — Ela para, chama sua assessora, que traz sua bolsa. Ela enfia a mão direita dentro da bolsa e caça alguma coisa. Um cartão. É óbvio. — Pronto. Achei! — Ela me entrega.

Academia de Dança Baxter.

— É a academia de dança do meu esposo. — Fico boquiaberta.

— Muito Obrigada, Sra. Campbell. Muito obrigada mesmo.

— Disponha, Sophia. — Ela abre um sorriso, eu faço o mesmo e vou além, lhe dou um abraço. Afinal, não é todo dia que terei essa oportunidade.

Ao me virar, abraçada com o livro, agora autografado, ouço-a me chamar.

— Sophia! — Eu me viro. — Seja bem-vinda a Ilha Esmeralda. — Eu apenas sorrio. E continuo meu caminho.

Ilha Esmeralda. A Irlanda é conhecida assim pelas suas belezas naturais. Não que eu não soubesse, mas ouvir aquilo, fez eu me sentir bem-vinda novamente. Mesmo sabendo que, agora, tudo seria diferente.

CAPÍTULO 10

DECISÕES ERRADAS.

Ian

— Cinco, seis, sete e oito. Vamos, Ian! — Ela bate palmas, acompanhando o ritmo. — E cinco e seis e sete e oito. Onde você está com a cabeça hoje?

Eu também queria poder responder essa pergunta. Minha professora está pegando pesado comigo hoje e não é à toa. Estou longe. Nem ao menos parece eu.

Desde o dia em que fiquei em quarto lugar na apresentação, não consigo me concentrar. Sinto que falhei. Mas, preciso dar a volta por cima.

— Intervalo. Por favor. — Digo.

— Tudo bem... quinze minutos.

— Obrigado, Sra. Sullivan. — Pego uma toalha para me enxugar.

— Não me agradeça, apenas dance. — Balanço a cabeça positivamente. Estava extremamente cansado para falar.

Coloco a toalha branca sob meus ombros e caminho até o bebedouro. Estava concentrado em descobrir em o que errei que me custou o quarto lugar. E em como deveria consertar isso. Minha concentração, na verdade, durou apenas alguns minutos.

— Oi, Ian.

Loren Walsh.

— Olá Loren, como está o ensaio do solo?

— Sapatinhos Vermelhos? Você sabe que eu sou a melhor nesse solo. — Ela abre um sorriso malicioso, coloca a mão nas duas pontas da toalha, ficando de frente para mim.

Pretensiosa.

— Eu sei, só estava querendo checar. — Acompanho o olhar dela, definitivamente não estava olhando em meus olhos.

— Aquela festa na minha casa ainda vai rolar hoje à noite. E se quiser aparecer. — Ela se aproxima. Eu percebo e tiro,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

cautelosamente, suas mãos da minha toalha. Ela sorri.

— Não posso, Lori. Você sabe. Acabei de ficar em quarto lugar na apresentação regional, não posso apostar tudo e não me preparar para a Internacional. Você sabe que... — Ela me interrompe.

— Que esse ano o vencedor das categorias terá uma chance no corpo de baile de Bolshoi... — Ela bufa e continua. — Sim, eu sei lan. A Sra. Sullivan vive repetindo isso, mas... qual é! Somos jovens... e bonitos. — Ela acaricia meus bíceps suados. E sussurra um, nada escondido, “Uai”.

— Sem chances, Loren. — Afasto novamente suas mãos do meu corpo. Ela me lança um olhar raivoso. Se vira e sai pisando forte. — Até mais, para você também! — Grito. Ela levanta o dedo do meio. Eu rio.

Sim. Há uma tensão entre nós. Uma bem grande na realidade. Isso tudo é resultado de um relacionamento fracassado.

Loren é a melhor bailarina da academia e eu o melhor, imaginávamos que a soma disso seria uma explosão de talentos. Pois bem, estávamos errados.

No início, até que foi legal, mas não gostava da Lori do mesmo jeito que ela gostava de mim, então tive de me afastar. Decidi me concentrar na dança.

Mas a quem eu quero enganar? Aqueles cabelos loiros, aqueles peitos durinhos, naquela roupa apertada e a cintura fina por causa de toda atividade física que somos forçados a encarar. *Cacete!* Me deixa totalmente excitado. Quem sabe depois que toda essa loucura acabar, não possamos ver tudo se resolver. Dou um sorriso de canto de boca.

Quem sabe?

— Ian. Fim do intervalo!

— Ok. Sra. Sullivan. — Corro em direção a sala.

• • •

— E aí, BaxGatão!

— E aí Pat.

— Preciso de uma carona! Você vai à festa na casa da Loren

hoje, não vai? — Olho para ele. Escureço meu semblante. Não preciso dizer nada. Ele conhece meu olhar.

— Não está mais aqui quem perguntou.

Essa até que foi fácil.

— Por falar nisso, preciso que você faça algo para mim, Patrick.

— O que você quiser.

— Tem como pegar meu carro? Ele está estacionado em frente a Taverna do Ralph.

— Cara! Você ainda não foi pegar seu carro. Quantos dias faz isso?

— Não interessa! Vai ou não?

— Vou sim! E depois te pego para irmos na festa da Lori.

— Nem pensar.

— Te pego às sete.

— Não vou.

— Até daqui a pouco, Ian.

Fácil demais para ser verdade. Teimoso, filho da mãe.

Patrick Campbell. Não! Ele não é meu irmão. Meu primo. Apesar de carregar o nome da dançarina mais admirada da Irlanda, não tem a metade do talento da família.

Ele não liga muito para a dança. Preferiu dança de rua ao invés do ballet. Isso só serve para meu tio ficar cada vez mais sem cabelo. Todos pensávamos que ele seria mais um Campbell. Só esqueceram de avisar a ele.

Sete em ponto a buzina soa do lado de fora. Estou arrumado. Pat me convenceu a ir. “Você vai perder sua juventude”, ele disse. Quem liga? Bem, pelo que parece, eu ligo. E aqui estou eu, agora. Uma t-shirt branca, jaqueta preta, tênis e calça jeans. Mais causal que isso, impossível.

Dou um beijo em minha mãe e saio sem me despedir do Owen. Entro no carro sem abrir a porta, pulando sobre elas. Patrick me olha. Ele está com uma camisa polo vermelha da Tommy Hilfiger e jeans.

— Quantas vezes por dia você treina essa entrada? — Ele segura o riso. Dou um soco em seu braço.

— Dirige, Patrick. — Ele solta o riso e dá a partida.

A música estava alta, consegui ouvi-la a alguns quarteirões dali.
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Patrick estaciona o carro e eu o espero em frente a porta.

— Ei! Você veio.

Loren Walsh.

Ela veio correndo em minha direção com um copo descartável, vermelho, na mão. Não consegui identificar que bebida era, mas na minha opinião, cerveja. Ela me abraça.

— Está bêbada, Lori. — Sou abraçado, mas não retribuo. Ela ri ao me ouvir.

— Agora vamos poder fazer qualquer coisa e se quer iremos lembrar no dia seguinte. — Ela desliza sua mão esquerda pela minha coxa, bem próximo a minha virilha.

— Ei! Vai com calma, apressadinha. — Me afasto. Ela morde os lábios.

— E aí, Loren. — Diz Pat. Caminhando sobre a grama verde, girando a chave do meu carro na mão direita. Ele a joga para mim. Pego e coloco na jaqueta.

— Oi, Patrick. — Loren responde e abraça Pat.

— Bêbada. — Ele sussurra e ri. Aproveito que ela está distraída para entrar na casa.

Os pais da Loren estavam viajando e por isso, todos da Academia estavam na festa. E pudera: DJ particular, luzes, garotas bonitas. Todos os ingredientes para uma festa perfeita. Mas, não conseguia me divertir. Aquele maldito quarto lugar estava martelando em minha cabeça. Talvez álcool fosse a solução.

O ponche estava batizado, deu para notar, e não me importo. Bebo direto da jarra.

Má decisão.

Tudo estava girando e quando retomo a consciência estava no quarto, deitado na cama, sem camisa. Loren estava do meu lado, totalmente apagada, sem sutiã e seus lindos mamilos rosados estavam à mostra.

Merda!

— Estou de calça, ainda bem. — Falo sozinho. Loren, instintivamente, se remexe e me agarra. Tento me desvencilhar daquele abraço. E por fim, consigo.

Levanto devagar para não acordar. Caminho por aquele
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

ambiente, andando na ponta dos pés, procurando minha camisa. Não encontro.

Onde foi que coloquei essa droga de camisa?

Visto minha jaqueta, fecho para que ninguém perceba que estava sem camisa. A chave do carro, por sorte, ainda estava no mesmo lugar. Abro a porta e ao ouvir o barulho da música, uma dor de cabeça me atinge instantaneamente. Caminho até meu carro. Mas, tenho que me segurar nos objetos para não cair.

— Ian! — Alguém grita meu nome. Voz masculina. Provavelmente, Pat. Não respondo. A pessoa persiste. — Ian, tudo bem? — Eu levanto o dedo polegar, alegando estar tudo bem. Se eu me virasse, com certeza, a pessoa iria notar que não estava nada bem. Ela fica satisfeita com o sinal e, aparentemente, vai embora.

Dou partida no carro e sigo para casa. Precisava deitar na minha cama, para, quem sabe, entender o que aconteceu lá. Tomar decisões erradas tem consequências e, agora, terei de arcar com elas.

CAPÍTULO 11

PRIMEIRO DIA.

Sophia

Hoje é o meu primeiro dia! Não poderia estar mais animada. Tudo bem, não era a Julliard. As coisas lá eram meio rusticas. Mas, enfim, eu fazia parte de uma Academia de dança. Uma Academia de dança de verdade. *Qual é!* Um sonho de infância estava se realizando aqui, pessoal.

Faço um coque, bem preso, em meu cabelo. Visto uma roupa casual: um short jeans e meia calça colorida com uma blusa longa estampada. Levo uma mochila com meu collant e as sapatilhas novas que o Ev comprou para mim. Ele também se comprometeu a pagar os primeiros meses da Academia, até me estabelecer. Jurei por Deus que iria pagar a ele. “Como se fizesse diferença”, ele disse.

Já disse que estou animada?

Ao que parece, o céu está mais claro que o comum e sol tão brilhante a ponto de me impedir de olhar diretamente para ele. Subo no bonde que me deixa em frente à Academia. Então, é isso. Lá vamos nós!

— Bom dia! — Saúdo o porteiro, com um grande sorriso.

— Bom dia, menina feliz. Como posso te ajudar? — A voz dele sai um pouco rouca e falha, devido a sua idade.

— Sou Sophia Cole, aluna nova.

— Claro, claro. Sophia. A Sra. Sullivan tinha me informado sobre você. Desculpe por não me recordar, é a idade. — Ele coloca a mão direita sobre a testa e faz uma careta. Eu rio com a piada que ele faz dele mesmo. — Você deve passar primeiro na secretaria, onde entregará seus documentos, depois poderá seguir para aula.

— Muito obrigada. Senhor...? — Estreito os olhos. Não consigo adivinhar seu nome.

— Joe, querida. Pode me chamar de Joe.

— Ok. Obrigada Joe.

— De nada. A secretaria é essa porta grande a sua esquerda.

— Sorrio para ele, como forma de agradecimento.

Sigo até a secretaria, deixo todos os documentos necessários e finalizo a matrícula. Por se tratar de uma escola pequena, o processo de admissão é mais simples. Sem a necessidade de uma apresentação individual, ou algo do tipo. Vou até o vestiário e me troco. Pois bem, parece que minha jornada começa aqui e agora.

Entro bem devagar na sala, em vão, pois estava vazia. Sinto que devo aproveitar a oportunidade para me alongar. Não quero ser pega de surpresa, caso essa tal de Sra. Sullivan, a quem todos temem, me exija algo. Pude ouvir alguns comentários a respeito dela, enquanto passava pelo corredor.

A porta se abriu novamente, pouco tempo depois e algumas meninas adentraram. E todos os olhos, coincidentemente, se voltaram para mim.

Ei! Carne nova no pedaço, pessoal!

Continuei a me alongar, sem me abalar com os olhares de insegurança ou inconformidade com a minha presença. Estava ali para dançar. E isso é o que iria fazer.

— Todos para o centro. Agora!

Sra. Sullivan. Presumo.

— Ora, ora. O que temos aqui. Você, novata. Venha até aqui. — Ela aponta para mim, e sigo em sua direção.

— Qual é o seu nome?

— Sophia, senhora. Sophia Cole. — Ela me analisa. Dos pés à cabeça.

— Sophia, mostre para nós o que sabe.

Isso! Já era a hora de impressionar!

— Sim, senhora. — Abro um sorriso discreto.

Executo uma pequena variação de um dos meus solos, favoritos. Giselle. Com direito a um promenade. Esse movimento requer uma técnica incrível. Ele exige que a bailarina rode, vagarosamente, apoiada em um pé, com um ligeiro movimento do calcanhar para o lado desejado, sempre mantendo uma pose definida. Ufa! Termino, dessa vez com um final digno em um demi-plié na primeira posição. Sem distrações. Sem queda.

Silêncio total.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ela suspende a sobrancelha direita. Sem repreensões, sem elogios.

— Tudo bem. Vão para a barra. Todas em suas formações. Executem o balançoire. Em seguida uma sequência de grand battement. Vamos, meninas! Nada de moleza!

O que? É só isso? Ela não vai falar nada?

Caminhei em sua direção. Queria saber a opinião dela sobre o que tinha visto. Estava focada. Como um leão em sua presa.

O que?

Sinto uma mão me segurar.

— Se ela não te repreendeu, vai por mim. Ela gostou. — Eu sorrio e relaxo.

— Obrigada. Qual o seu nome?

— Loren. Mas, pode me chamar de Lori.

— Prazer, Lori.

— O prazer é todo meu, Sophia. — Ela retribui o sorriso e me conduz até a barra.

Às vezes, as Academias de dança mais se parecem com uma selva. E já deu para sentir que essa não será diferente. Ter uma amiga será ótimo para superar isso. Não poderia estar menos certa da minha escolha. Eu acho que vou adorar esse lugar!

• • •

A aula tinha terminado. Nada mal para o primeiro dia. Nota mental: “Preciso melhorar meu fouetté.”. E é exatamente isso que estou fazendo agora. Todos já tinham ido embora. O silêncio se perpetuava, e cada movimento meu resultava em um som fragoroso.

Estava obstinada em permanecer ali. Esse era o melhor momento para exercitar. O espelho gigante, na parede, era ótimo para notar onde estava perdendo a estabilidade no movimento.

— Precisa posicionar melhor seu pé de apoio. Vai te dar mais firmeza.

Ouçó uma voz vindo da direção da porta. Me pegando totalmente desprevenida.

— A quanto tempo está aí? — Me recomponho. Desligo a

música. Apoio minhas duas mãos na barra.

— O suficiente para ver você posicionando seu corpo de forma errada. Por isso não consegue executar o fouetté.

— Para o seu conhecimento, espertinho, eu consigo, sim, executar o fouetté.

— Verdade? — Ele cruza os braços. Se apoia na porta.

— Verdade. — Cruzo os braços.

— Ok. Veremos então!

Quem esse babaca pensa que é?

Ele se aproxima. Dá play na música novamente, faz sinal com as mãos para que eu comece a dançar. Argh!... Estou louca para tirar esse sorriso de engraçadinho do rosto dele.

Executo o fouetté, com perfeição. Tudo bem, posso ter exagerado um pouco. De fato, utilizei a técnica que a professora Cruz me ensinou, quando tinha nove anos, para não me desequilibrar.

E aquele sorriso? *Bam!* Sumiu!

— Você trapaceia. — Ele diz com um tom sério. Desliga a música e caminha na minha direção.

— Não trapaceio, não. — Coloco as mãos na cintura. Semicerro os olhos.

— Trapaceia sim. E, se eu percebi, você acha que o avaliador não vai perceber?

— Você não sabe de nada. — Balanço a cabeça negativamente. Dou as costas e pego minha mochila. Tento sair dali. Sou impedida.

— Onde você pensa que vai? — Ele perguntou, usando seu corpo para bloquear a passagem.

— Vou embora. Você pode me dar licença? — Meu semblante estava fechado. Não podia demonstrar fraqueza. Não em meu primeiro dia.

— Você, ao menos, sabe quem eu sou?

— Não. E recuso a proposta. Obrigada. — Sorriso irônico.

— Espera... — Ele me analisa. — Você é nova aqui!

Ding! Ding! Ding! E temos um campeão, senhoras e senhores!

— Sim. — Fixo meus olhos no dele.

O idiota tem olhos azuis lindos.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Qual é o seu nome?

— Não te interessa.

— Tudo bem, Srta. Não te interessa. Se você disser seu nome, te deixo ir embora. Vai por mim, você não vai querer passar muito tempo, aqui, comigo.

Exato!

— Sophia. — Ele me olha. E espera por mais que o primeiro nome. Eu bufo — Sophia Cole. Agora me dê licença.

— Ian. — Ele estende a mão. E não percebe que liberou o caminho. Eu saio pela frecha que foi aberta. — Ei! — Ele protesta. — Trapaceando novamente, Sophia Cole. — Eu o ignoro. Apenas por alguns segundos. Até olhar para trás e ver aquele maldito sorriso. O sorriso de quem se achava melhor que todos.

Pois é Simon, parece que seu sorriso passou de segundo para o terceiro lugar.

CAPÍTULO 12

NADA DE DISTRAÇÕES.

Ian

A presença dela se afastava pelo corredor. Eu estava impressionado. E, meu Jesus! Que bunda é essa! Curvo um pouco minha cabeça, a 45 graus para direita, para analisar melhor.

Sophia realmente me pegou desprevenido. De todas as garotas aqui, nunca senti tanta conexão assim à primeira vista. *Que merda!* Sinto que ela seria mais uma distração iminente. Não podia deixar essa sensação me dominar.

Sensação.

— Ian! — Gritou Loren. Atrapalhando meu ensaio.

— Sim, Loren. — Digo com um tom descontente.

— *Deus!* Que humor é esse?

— Você está me atrapalhando, Loren.

— Desculpe, eu só acho que nós deveríamos conversar sobre isso. — Ela pega de sua bolsa, minha t-shirt branca.

Aí está você. Mas, apareceu na hora errada. Droga!

— O que você acha que devemos conversar? — Pegue minha camisa das mãos dela. Guardo.

— O que aconteceu, Ian?

— Olha, Lori. Sei tanto quanto você. Então... vamos fingir que isso nunca aconteceu, tudo bem?

— Essa é a sua solução? Fingir que nada aconteceu?

— Eu só acho que... — Ao começar a falar, sou interrompido.

— Ian...

Sophia?

— Me desculpe. Estou incomodando?

— Sim! — Diz Loren.

— Não! — Respondo, no mesmo instante. Franzo o cenho.

Tensão no ar.

— Já estávamos terminando. Mas, o que você precisa?

— Nada... eu apenas estava pensando sobre o que você disse

sobre o pé de apoio, mas... esqueça. Depois nos falamos.

— Tudo bem.

— Adeus.

E lá se vai ela.

— Desde quando você conhece a Sophia? — Perguntou Loren.

— Desde de hoje. Eu a vi ensaiando o fouetté e resolvi ajudar.

— Ela fica pensativa.

— O que foi, Loren? — Coloco meu rosto em sua linha de visão.

Ela está distante.

— Nada. Nada. — Ela se recompõe.

— Tudo bem. Eu já estou indo.

— Não vai terminar seu ensaio?

— Eu já terminei. — Minto. — Tenho uma coisa para resolver.

Sophia.

— Ok.

Sem contatos físicos.

— Ok. — Ela me observa partir.

Saio correndo em direção da saída principal. Estreito os olhos para procurá-la, mas sem sinal dela. Caminho até um pouco mais distante da Academia, próximo à estação de bonde. Nada ainda. Isso já estava se tornando uma perseguição. Me convenço disso e volto para o estacionamento, onde estava meu carro. Precisava me distrair. E sabia onde iria conseguir: Taverna do Ralph.

• • •

— Apareceu cedo, Ian!

— Bom te ver também, Ralph. Um drink, por favor.

— O que? Nem ao menos escureceu.

— Uma água, então!

— Agora sim! — Ele me entrega um copo com água.

— E quando você vai se tornar o maior bailarino que esse mundo já viu? — Ele está secando os copos de whisky recém-lavados. Ele os analisa para verificar se não tem nenhuma mancha.

— Logo, logo, Ralph. Logo, logo.

— Ei. Sinto que tem alguma coisa te intrigando. O Ian que eu

conheço iria dizer: “Está falando com ele”, ou algo do tipo. — Eu rio. Ele tem razão. Depois que conheci Sophia, algo me intriga. E não sei dizer o que é.

— Você tem razão, amigo. Chegou uma leva nova de alunos na Academia.

— Não acredito! Você? Ian Baxter com medo de concorrência? — Ele ri alto. — Essa é novidade.

E por um momento iria admitir que não era medo de concorrência, mas sim por uma garota. Mas, preferi deixar as coisas como estavam. Era mais seguro assim. Para mim.

— Sim, Ralph. É isso aí. — Dou um sorriso de canto de boca. Levanto o copo com água em sinal de misericórdia.

— Isso é absolutamente normal, meu caro. Agora tome! — Ele me empurra um copo. Eu pego.

— Mas isso é água! — Digo olhando para ele entre o copo.

— Eu sei. Você achou que eu iria te dar álcool a essa hora? — Eu rio. E ele propõem um brinde com um dos copos vazios que estavam em sua mão.

— Ao Ian. — Eu o sigo.

— A mim. — Bebo toda água em um só gole.

— Já chega, hora de ir para casa, daqui a pouco vou chegar bêbado de H₂O. — Ele ri. Eu me levanto e caminho em direção a porta.

— Ei, Ian. — Me viro. — Não ignore seus extintos, rapaz.

O que isso deveria significar?

— Valeu, Ralph. Você é o cara.

Ele continuou seu trabalho árduo de lavar e secar copos. Mesmo não estando aberto, Ralph trabalha. E me sinto assim agora. Mesmo estando fechado para muitas coisas, não posso deixar de trabalhar, de me empenhar. Sendo assim, está decidido.

Nada de distrações.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

CAPÍTULO 13

ALGO DIFERENTE.

Sophia

A viagem até em casa foi rápida. Na verdade, estava tão distraída que não senti o tempo passar. Meu primeiro dia e eu já tinha uma nêtese. Não poderia ser pior.

Na verdade, foi pior, saber que ele é namorado da minha única amiga da Academia. Mas por que diabos eu me importo com isso? É só eu me afastar dele e pronto. Não é?

Tomo um banho, mudo de roupa e desfaço minha bolsa. Ao terminar de tirar tudo, faço um típico arremesso a distância. Jogo a mochila em cima do aparador. O que resultou em uma avalanche de objetos.

— Droga! — Exclamo.

Vou até aquela grande bagunça e começo a organizar. E vejo o livro da Charlotte Campbell, espalhados em meio as tralhas.

Eu nem sequer abri.

A cena vem como um flash em minha mente.

O autógrafo.

Tinha percebido que não li o que Charlotte escreveu, estava tão aflita em resolver minha situação na Academia que me esqueci. Sento no chão de pernas cruzadas e resolvo abrir o livro. E o que se revela é um bilhete dela, em forma de autógrafo. Ali dizia:

Força, determinação, coragem. Estas foram as características que me tornaram a bailarina que um dia eu fui. Sophia, tudo isso, em tão pouco tempo, consegui ver em você. Espero que amanhã, seja eu, pedindo um autógrafo seu. Conquiste o mundo, pequenina. Com amor, C.C.

C.C. Charlotte Campbell é óbvio. Uma lágrima escorre pelo meu rosto. E segue seu caminho até a ponta do meu queixo. Aquilo não era um recado somente, mas um conselho. Para eu me livrar de todo e quaisquer obstáculos.

Obrigada Charlotte.

Alguém bate na porta.

Toc. Toc. Toc.

— Sophi, é o Evan. — Abro a porta.

— A Natalie teve que resolver alguns assuntos. Achei que iria querer uma companhia.

— Se quer minha companhia, não precisa mentir, Ev. — Ele ri.

— Você tem razão. Detesto ficar sozinho. Você está chorando?

— Não... é só a poeira deste lugar. — Minto. Não queria preocupa-lo.

— Desculpa. Não tive tempo de limpar. Não sabia que ficaria aqui.

— Tudo bem! Mas... me diz, isso é algum tipo de mal dos Coles? — Ele entra, eu fecho a porta.

— A sujeira?

— Não. Ficarmos sozinhos.

— Como assim? — Ele senta na cama. Privilégio de morar em lugar de um só cômodo. Tudo se torna sofá.

— É. Você sabe. Precisamos de alguém, sempre, para vivermos.

— Isso é mentira, tem a Susan.

Mãe.

— Mas você, mais do que eu, sabe que ela não vive bem sozinha.

— Eu sei. E é por isso que você deveria dizer a ela que voltou, Sophi.

— Eu sei, Ev. Eu sei. — Fico pensando em como minha mãe está, sem notícias minhas. Sinto um aperto no coração.

— Mas... me diz, como foi seu primeiro dia?

Professora louca, Bonitão idiota, uma única amiga.

— Foi bom.

— Bom. — Ele dá de ombros. — Bom é bom, não é?

— Sim. É sim.

Silêncio.

— Evan... Você acha que um dia eu vou ser uma grande bailarina? — Ele segura minha mão.

— Eu não acho. Eu tenho certeza. — Eu o abraço.

— Obrigada, Ev.

Permanecemos, o tempo suficiente, abraçados. Assistimos Netflix e nos recordamos do passado, quando dormia em seu colo e ele me carregava até a cama.

“Boa noite, Sophi.” Essa foi a frase proferida por Evan antes de pegar no sono. Um beijo na testa a acompanhou. Acordo sozinha, mas não me sentindo solitária. Tinha tudo do que precisava para ir mais longe.

Bem aqui.

• • •

— Bom dia, meninas! — Disse a Sra. Sullivan entrando pela porta.

Todas de nós já estávamos aquecidas e ansiosas para este dia. Afinal, hoje teríamos aula de repertório. Onde aprenderíamos um novo solo.

A Academia irá escolher qual menina irá representar a instituição na apresentação regional feminina. Ouvi boatos que Ian foi selecionado a alguns dias, mas não conquistou nada mais que o quarto lugar.

— Espero que já tenho aquecido e alongado. Hoje teremos exercício de pointe, antes de aprendermos um solo novo.

Essa não.

A técnica do pointe é um dos principais componentes do balé

clássico. Ele consiste em um movimento em que o peso do bailarino é suportado nas pontas dos pés, parecendo perfeitamente equilibrado. O pior de tudo, é que isso tem que ser feito, como nas palavras da Sra. Sullivan: “Com graça e leveza”.

Isso será um pesadelo para mim. Meus tornozelos não são tão fortes e isso é um dos componentes essenciais para um pointe bem-sucedido.

— Sophia! Estique essas pernas. Equilíbrio, lembre-se.

— Sim, senhora. — Tento, uma dor surge a partir do meu tornozelo. Eu cedo.

— Sophia. Alinhe este corpo. Ora, vamos! Onde você aprendeu a dançar ballet? — Respiro fundo. Me concentro em dançar.

Parece que todas estão lhe dando com a dor, menos eu. E isso abala, radicalmente, minha autoestima. Me desequilibro devido a dormência que atinge a ponta do meu pé. Me seguro na barra para não cair.

— Sophia. Vem comigo, por favor. — Arrumo o cabelo e sigo em direção ao fundo da sala.

— Preciso que você faça exercícios para fortalecer essa musculatura. Infelizmente, não posso te incluir na aula de repertório de hoje.

— Mas, Senhora...

— Sem “mas”, querida. Ficaré separada por hoje. Quero que pratique elevações de tornozelo para ajudar a fortalecê-los. Em seguida, fique nas pontas dos dedos e levante os calcanhares no ar, flexionando suas batatas da perna. — Ela me encara. — Você entendeu?

— Sim. — Balanço a cabeça positivamente.

— Tudo bem. Repita estes levantamentos em grupos de 10 ou 15. Nada menos de três séries.

Isso vai levar o dia todo. Vou ficar um atrás para a seleção.

— Tudo bem. — Ela volta ao centro da sala. Eu vou ao canto, próximo as barras e começo o trabalho de fortalecimento.

Observo as meninas ensaiando o solo que será executado na apresentação: Raymonda.

Eu queria muito estar ali.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Algumas meninas me olham, cochicham e riem. E isso me abala e muito. Sei que a Sra. Sullivan quer que eu seja, não só uma boa bailarina, mas uma ótima. E por isso ignoro e continuo meus exercícios. Eu estreito os olhos para a engraçadinha. Veremos. Quem ri por último, ri melhor.

• • •

— Parece que a Sra. Sullivan quer te fazer um exemplo. — Disse Loren. Ela me esperou no corredor ao final da aula. Meus exercícios levaram mais tempo do que eu esperava.

— Pois, é. Meus pés estão me matando. — Faço uma careta. Me apoio sobre seus ombros. — Obrigada por me esperar.

— Disponha. Mas, se prepare. Não vai parar por aí.

— O que isso quer dizer? — Olho para ela. Ela me ajuda a caminhar até o vestiário.

— Ano passado, uma aluna foi selecionada para a apresentação regional sem o aval dela. Resultado? A aluna não suportou a carga técnica do solo e despencou no palco. Desde então, a Sra. Sullivan tem pegado pesado com a gente nesses tais... exercícios.

Ela me ajuda a sentar no banco, dentro vestiário. Agradeço e continuo.

— Então... você acha que eu sou um tipo de experimento para ela, ou algo do tipo?

— Com certeza. Sophia! Pensei que você fosse mais esperta. — Ela ri e caminha até o chuveiro.

Loren tinha razão, não poderia ser usada como um objeto para Sra. Sullivan. Eu sou uma bailarina, não uma amostra para que ela possa mostrar ter autoridade. Precisava fazer alguma coisa.

Tomo um banho quente e demorado, devido as dores musculares e me visto. Loren me espera e saímos juntas. Caminho com minhas próprias pernas dessa vez.

— Olha, vocês duas. Melhores amigas agora? — Disse Ian, nos encontrando juntas no corredor.

— Oi, Ian. — Digo.

— Como vai, Sophia? Já melhorou seu fouetté?

— Digamos... — Loren me interrompe.

— Sai da nossa frente, Ian. Temos muita coisa a fazer. — Franzo o cenho.

Não temos, não.

— Ok. Já estava de saída. E... Sophia! Pé de apoio. — Ele aponta para seu pé. — Não se esqueça. — Eu sorrio e continuo andando com Loren.

— Não sei como você suporta ele. — Diz Loren.

— Ele é um pouco pretensioso, mas...

— Um pouco? Valha me Deus. — Ela ri.

— Posso te perguntar uma coisa? — Paro de caminhar. Fixo meus olhos nela. Ela ajeita o cabelo.

— Sim...

— Vocês dois... — Faço o número dois com a mão direita e ela saca na hora.

— Não. Jesus, Sophia! Deus me livre. — Libero um sorriso mental. Ela continua. — Quero dizer... — E lá vem bomba. — Namoramos a um tempo atrás. Ele ainda é apaixonado por mim, mas estou me concentrando na dança. — Concordo balançando a cabeça. Muda. — Mas, por que da pergunta? Você está interessada? — Me engasgo. A pergunta me pegou desprevenida.

— Quem? Eu? Não... Ele é um babaca. Acha que sabe de tudo. Você acredita que ele estava tentando me ensinar fouetté? — Ela ri.

— Típico do Ian. Mas, só ignore. Vai por mim. Será melhor para você manter distância dele.

Não.

Quero dizer, sim.

— Você tem razão.

— Aprenda uma coisa, Sophia. Eu sempre tenho razão.

Ela me deu os braços e caminhamos como se fossemos melhores amigas pelo corredor até a saída. Do lado de fora, Loren dá dois beijos no ar próximo as minhas bochechas e vai em direção a uma BMW prata.

Eu caminho até a estação de bonde. Mancando por estar um pouco dolorida ainda por conta dos exercícios. E uma buzina me pega de surpresa.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Sophia!

Ian.

Ele freia na minha frente. Ele estava vestindo uma camisa xadrez aberta, mostrando sua camiseta branca, calça jeans e um par de botas chelsea

— Quer uma carona?

Lembre-se do que a Loren te disse. Mantenha distância.

— Não, obrigada. Vou pegar o bonde.

— Qual é! Meu carro não pode ser pior do que esse bonde.

E não é mesmo.

— Eu só não quero te atrasar. Você deve ter diversas coisas para resolver.

— Não tenho.

Droga! Esperava que tivesse.

Fico muda. Olhando no horizonte, aguardando o bonde chegar na estação.

— Vamos, Sophia. — Eu o encaro e cedo.

— Tudo bem. Mas, só por hoje. Nada disso se tornando uma rotina.

— Sim, senhora. — Ele tira as mãos do volante e as levanta, em sinal de promessa.

Entro no carro. Banco de couro. Confortável demais. Me ajeito no assento, gemo de dor. Ele percebe.

— Está tudo bem? — Ele me analisa, preocupado.

— Sim. A Sra. Sullivan pegou pesado comigo hoje. Tive que fazer três séries de fortalecimento muscular.

— Sério? — Ele dá partida no carro. Eu coloco o cinto de segurança. Ele foca seus olhos no trânsito.

— Como pode estar animado com isso? — Digo, curiosa.

— Ela a fez o mesmo comigo. Vai por mim, ela só faz esse tipo de coisa a dançarinos que realmente chamam a atenção dela. — Ele liga a seta e faz a curva. Guio ele até minha casa. — Você deveria agradecê-la.

— Ah! Obrigada... vou agradecer.

E neste exato momento, não sei em o que acreditar.

Ian me trouxe até a porta de casa. Eu o agradeço e me despeço

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

com um s  til beijo em seu rosto. Pude sentir sua barba por fazer espetando meus lábios. “Até amanhã”, Ele disse, e então seguiu seu caminho.

O babaca se tornou gentil. O pretensioso, prestativo. E a indiferença talvez estivesse se transformando algo diferente.

CAPÍTULO 14

UM SENTIMENTO.

Ian

Inconscientemente, me pego imaginando em como Sophia poderia ser a minha parceira de dança ideal. Uma ideia veio como um clarão em minha mente. O que estava ponderando não poderia ficar apenas na imaginação, mas necessitava colocar em prática. E uma aula de pas de deux era o que eu precisava.

— Meninas, escutem com atenção. Nossos planos mudaram. Eu sei que deveria reforçar a aula passada do solo, mas, a diretoria sugeriu ensaiarmos o pas de deux para a apresentação de duplas daqui a algumas semanas. — Diz a Sra. Sullivan. Todos os rapazes, inclusive eu, estavam apostos. Aquecidos e alongados.

— Mas, Sra. Sullivan. A apresentação de duplas nunca foi de grande importância para a academia. Por que disso, agora?

— Ordens da direção, Ellie. Ordens da direção. — Observo Ellie dar de ombros. Quando a Sra. Sullivan diz: “Ordens da direção.”, na verdade ela quer dizer: “Ordens do Ian. Ele precisa saber se Sophia é boa o suficiente.”.

— Então, meninas... eu já tenho aqui a lista dos casais que formaram o pas de deux até o dia da apresentação. Afinal, a finalidade é formar um casal com sincronia. Então, nada de reclamarem de seus pares posteriormente.

E lá vamos nós.

— Ellie. Você vai dançar com o Oliver.

E Ellie está triste, agora. Coitadinha. Ela queria dançar comigo. Todas querem.

— Loren... — Vejo Loren cruzar os dedos. Eu rio com sua atitude. — Loren dançará com o Peter. — O semblante da Loren é de desaprovação total.

Eu estou, realmente, me divertindo com isso.

Convencer a diretoria a dar prioridade a Apresentação de duplas foi fácil. Difícil mesmo foi trocar os nomes. Sophia dançando com o

Peter, e eu com Loren. Jamais! Isso seria um desperdício de talento da Sophia. Ela merece o melhor.

Sra. Sullivan continua a falar os casais.

— E por último, Sophia. Você vai dançar com o Ian.

Isso!

— O que? Eu e Ian? Eu não posso dançar com ele. — Protestou Sophia.

— Você estava aqui quando disse que não iria haver mudanças, Sophia? — Ela balança a cabeça positivamente. — Então. Por favor...

Sophia me olha e eu pisco na direção dela. E ela endurece seu semblante. Esse dia promete.

— Cara feia para mim, é fome. — Digo. Comentando sobre sua afeição.

— Um dia, carona e no outro pas de deux? É só eu ou você também acha que tem algo estranho? — Eu rio.

— Acho que é uma coincidência. — Eu sorrio. Ela se enfurece.

— Você acha que eu sou boba, Ian? — Grito. Sra. Sullivan percebe.

— Sophia. Ian. O que pensam que estão fazendo?

— Desculpe, Sra. Sullivan. — Ela faz sinal com a cabeça para continuar ensaiando.

— Eu não acho que você é boba, Sophia. Acho que você é uma bailarina incrível. — Sinto ela abaixar a guarda. Ela dança melhor quando está relaxada.

Por outro lado, vejo Loren e Peter se enrolando para executar o movimento. Se Loren olhasse menos para mim e Sophia e se Peter olhasse menos para os peitos de Loren, não estariam assim.

— Ok. Meninas... de costas para seus parceiros. Vocês precisam dançar como um só. Lembrem.

Me aproximo do corpo de Sophia. O calor naquela sala só aumentava. Sinto a fricção de seu collant no meu corpo enquanto dançávamos. Tento me manter concentrado na dança, mas era quase impossível.

Suspendo a perna dela em um ângulo de noventa graus e sinto o peso do seu corpo. Suas pernas são torneadas por causa da dança
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

e ali não há nenhum defeito.

Seguimos em um ritmo gracioso da música. Seguro pela cintura e aproximo meu rosto ao dela. É possível sentir o cheiro doce do seu perfume. Parece que fomos feitos uma para o outro. O encaixe é perfeito.

— Já chega! Isso é ridículo! — Gritou Loren.

Agora a vaca foi para o brejo.

— O que é isso, senhorita Walsh? O que pensa que minha sala de aula é?

— Eu não aguento mais isso. Não levamos a apresentação de duplas a sério a anos. E agora isso? Por que? E tem mais... — Ela se vira para Peter. — Você é um péssimo bailarino.

Que maldade!

— Loren. Para fora! Agora! — Gritou Sra. Sullivan. — Loren sai pisando forte.

— Certo, alunos... acabamos por hoje. Na próxima aula iremos dar continuidade. Então, venham preparados. Já tenho coisas demais para resolver.

A Sra. Sullivan sai, na mesma direção que Loren seguiu. Acho que alguém vai tomar uma suspensão. E dessa vez, não será eu.

• • •

— Sophia! — Chamo seu nome, minha voz ecoa pelo corredor e ela se vira.

— Oi, Ian. — Ela curva levemente a cabeça, coloca seu cabelo atrás da orelha e me olha com aqueles grandes olhos castanhos.

— Obrigado por ser minha parceira no pas de deux.

— Você sabe que quem escolheu os casais foi a Sra. Sullivan, não sabe? — Ela ri.

Não foi a Sra. Sullivan.

— Sim. — Eu sorrio. — Eu acho que temos grandes chances de nos sairmos bem na competição.

— Eu espero que sim. — Um pequeno momento de silêncio nos atinge. A troca de olhares começa a se tornar inevitável. — Então... eu já vou indo. — Ela se vira. Eu a chamo novamente.

— Sophia... — Ela me olha. — Você estará livre mais tarde? — Ela se aproxima.

— Está me chamando para um encontro, Ian? — Ela sorri e tenta me pegar desprevenido.

— Não é bem um encontro sabe? Eu posso te dar umas aulas de fouetté. Vi que você tem um vício nesse movimento, precisa de alguém experiente para te ajudar com isso. — Coloco as duas mãos no bolso. — Então, a gente pode beber alguma coisa depois. O que acha?

— Então, é tudo em prol da minha melhora técnica? Sem segundas intenções? — Ela levanta a sobrancelha. Me analisa

— Sim. — Cruzo os dedos atrás das costas. — Sem segundas intenções.

— Ok. Eu aceito. Mas, hoje eu meio que estou enrolada com algumas coisas, mas amanhã estarei livre.

— Fechado. Sábado para mim é excelente. Te busco às oito.

— Que seja às oito, então. — Ela sorri, se vira e caminha em direção ao vestiário.

Fico paralisado, assistindo, mais uma vez, ela se afastar. O tempo nunca teve tanto valor para mim. Mal poderia esperar por amanhã. Sentir Sophia em meus braços foi algo indescritível. Sua leveza, seus traços e trejeitos vistos de perto, a torna, incrivelmente, mais magnífica. Não havia parado para pensar. Eu queria negar, mas talvez essa sensação estivesse se tornando um sentimento.

CAPÍTULO 15

TIRA-TEIMA.

Sophia

Aquele convite foi repentino. Mas, alguma parte, dentro de mim, gostou. Não há muito o que esperar desse encontro inesperado. Afinal de contas, somos apenas dois bailarinos se dedicando para a tão próxima apresentação.

Há algo em Ian que me chama atenção. Sinto que se criou um elo entre nós quando dançamos juntos. Nunca me senti tão segura assim, em uma dança. Estava serene, relaxada em seus braços, pois sabia que qualquer vacilo, ele estaria ali para me firmar.

— Simon?

— Maravilhosophia! Quanto tempo! — Ele berra ao telefone. Parece que ativei o modo viva-voz.

O que foi? Você acha que tudo isso iria acontecer comigo e eu não contaria para meu melhor amigo?

— Estou morrendo de saudades de você, Simonstro. — Eu sento na cama. Seguro firme o celular.

— Eu também, meu amor. Me conta tudo. Como está sendo seu retorno triunfal?

— Não tão triunfal assim. — Meu tom é de desânimo. Ele nota.

— Para com isso, Sophi. Você está aí para se tornar a melhor bailarina do mundo, esqueceu?

— Não esqueci. Só que do jeito que as coisas estão caminhando, vou me tornar apenas a melhor bailarina do bairro. — Ele ri.

— Esse humor não está nada bom. Queria estar aí para te ajudar.

Eu também.

— Mas... não é possível que nada de bom tenha acontecido até agora.

— Bem... — É possível sentir sua animação do outro lado da linha. Ele fala antes de eu terminar a frase.

— Eu sabia. Quem é o gato?

— Como você sabe que tudo isso tem a ver com um cara?

— Eu sou seu melhor amigo, está lembrada? — Eu rio. Falar com Simon me deixa em paz. Com ele poderia desabafar. Sem reservas.

Contei com detalhes, a ele, tudo que tinha acontecido até agora. O início ruim, a minha decisão de não contar a minha mãe que voltei até conseguir, de fato, uma conquista que a deixe orgulhosa, e por fim, mas não menos importante: Ian. Mas, de tudo que eu falei, parece que Ian, foi a parte que Simon mais se interessou. Típico.

— É claro que ele quer seu corpo, inteirinho.

— Para com isso, Simon. Somos apenas parceiros de pás de deus. — Estava tentando me convencer disto.

— Sim. Se é assim que se chama sexo agora. Tudo bem. — Eu gargalho. Ele continua. — Eu e Ben nos entendemos enfim. — Essa informação me pegou de surpresa. — Ele resolveu sair do armário. E agora estamos, oficialmente, namorando.

— Isso é ótimo, Simon. Como queria estar aí para te dar um abraço.

Queria muito mesmo.

— Eu sei! Eu sei! O mais importante é que agora podemos fazer nossos pas de deus sem ninguém para nos atrapalhar. — Eu caio na cama, rindo o suficiente para colocar a mão na boca para me conter. Estou feliz. Esse Simon... — Tenho que desligar agora, Sophi. — Ele bufa. — Ricky chamando.

— Tudo bem. — Levanto da cama. Demoro a desligar. Continuo. — Obrigada.

— De nada. Adeus.

— Adeus.

Aquela simples conversa, me deu forças. E, de fato, colocou mais um ponto de interrogação na minha cabeça. Se Ian gosta mesmo de mim, então por que ele estaria correndo atrás da Loren? Perguntas como essas me corroíam por dentro. Precisava de uma resposta definitiva. E o encontro, quero dizer, a minha aula particular com o Ian, seria o tira-teima.

• • •

Faltava poucos minutos para as oito. Estava arrumada e de minha mochila preparada com meus utensílios de dança. Meu cabelo estava naturalmente solto sobre meus ombros. Estava vestido um macacão pantacourt azul marinho. Um conjunto de pulseiras vintage, no meu braço esquerdo e sandálias. Bonita? Bem, só Ian poderia dizer. E ao que me parece, ele quer dizer.

— Ual... você. Você...

Só não sabe como.

— Você está linda.

Pronto. Aí está.

— Obrigada. Você também não está de se jogar fora. — Ele ri.

E não estava mesmo. Seu modelito era impecável. Um look com blazer, quase all black, se não fosse pela camisa estampada.

— Obrigado. — Ele abre a porta do carro. — Eu me sento.

Banco de couro. Deus! Obrigada!

Ele dá a volta, se senta e dá a partida.

— E onde estão suas coisas? — Pergunto. Curiosa.

— Eu as deixo na Academia. Você não?

— Não me parece muito seguro. Sabe, foi bem difícil comprar todas essas coisas.

— Eu sei, mas... vai por mim. Elas estarão seguras lá. — Eu o analiso. Está focado no trânsito. E ele parece ter razão. Um sorriso me escapa.

— Ei! Isso é um sorriso? — Eu o escondo.

— O que? Como assim? Você...? — Ele me interrompe, rindo.

— Eu estava olhando para o trânsito. Como poderia ter visto? É impossível não notar algo tão brilhante como seu sorriso, Sophia. — Minhas bochechas coram. Posso sentir o calor emanar sobre a minha pele. Eu acerto um pequeno soco em seu ombro. Ele ri. — Ei! Cuidado. Estou ao volante, você não sabe que não se bate em motoristas, menina? — Eu fixo meu olhar nele. Dirigindo. Meu coração acelera. E naquele momento, me pareceu ter as respostas das minhas perguntas.

— Ei, psiu. Sophia... por aqui! — Ele sussurra. Não queremos

ser notados.

— Estou indo. Calma! Ao contrário de você, essa é a primeira vez que faço isso. — Ele segura minha mão.

E é verdade. Essa é a primeira vez que invado um estabelecimento. Digamos que não estamos, deveras, invadindo. Afinal, ele tem a chave. Só estamos entrando pelo portão de trás.

— Vem comigo!

Ele me conduz até a nossa sala de aula. Agora entendo o motivo pelo qual viemos aqui essa hora. É diferente. Há uma energia que emana deste lugar. Mas, quando não tem, absolutamente, ninguém, se torna perceptível.

— É incrível, Ian. — Olho ao redor.

— O que é incrível? É só nossa sala de aula de todos os dias. — Ele ri. Está observando minha afeição, maravilhada.

— Eu sei, mas... isso tudo, só para nós. É mágico. — Olho em sua direção. Ele se aproxima.

— Eu sei. Estava brincando quando disse que era uma sala de aula qualquer. À noite, tudo parece diferente. Sabe, Sophi. Eu nunca contei isso para ninguém. Minha mãe costumava dançar aqui nessa Academia. Ela ensaiava de noite, pois era o único horário que tinha disponível. Meu pai, tomava conta de mim por algumas horas, enquanto ela se dedicava ao seu sonho.

— Obrigada. — E agora estamos a apenas alguns centímetros um do outro.

— Pelo que? — Ele pergunta.

— Por confiar em mim e me trazer aqui. — Ele sorri. É sem sombras de dúvidas, o sorriso mais lindo do mundo. Ele se aproxima.

— Vamos dançar? — Eu balanço a cabeça positivamente.

Diferente das apresentações regionais, masculina e feminina. A apresentação de duplas não tinha uma exibição específica a ser executada, ou seja, ficava a critério da dupla escolher qual dança apresentaria. Eu e Ian decidimos, ali, naquele momento: O Lago dos Cisnes.

— Você não vai se trocar? — Pergunto. Abrindo minha mochila.

— Me trocar? Não! Os grandes dançarinos não precisam de collant ou sapatilhas. Vamos... tire seu sapato. — Fico paralisada.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Dançar ballet com roupa comum? Mas, como?

— Tudo bem. — Fico descalça. Ele faz o mesmo, e se aproxima.

— Está pronta? — Ele me olha nos olhos. Seu olhar me estremece.

— Sim. — Respondo, sem desviar meu olhar. Ele tira o blazer.

— Então, chegou a hora. — Ele dá play na música. Seguimos para nossas posições iniciais. E começamos a dançar.

Ian me fez transpor meus limites. Me levou a um lugar onde jamais estive. Os movimentos já não eram mais instáveis, pois me sentia segura com ele. A cada aproximação, olhar e toque. Meu corpo reagia ao dele como se fôssemos um só.

Ele me segurou pela cintura, e se posicionou em minhas costas. Seu rosto se aproximou da curva da minha clavícula até meu pescoço. O calor da sua respiração me atingia e me fazia titubear, mas ele me dominava.

Depois de uma sequência de piruetas, me lancei em seus braços no movimento final. E nossos olhares se cruzaram mais uma vez. A tensão era inegável e o impulso fez que nos aproximássemos nossos lábios a ponto de tornar impossível não se tocarem.

E que toque!

Seu beijo era quente. Ele me guiou até o chão me sustentando com suas mãos. Apoiou minha cabeça em seus bíceps e continuou a me beijar. Sua mão direita passeava sob a lateral do meu corpo em uma viagem do quadril até meu ombro. Não conseguia parar e não podia. Estava presa, voluntariamente, em seus braços.

Meus dentes repuxam seus lábios em minha direção e o calor nos invade como se ali houvesse um incêndio. A música ao fundo alimentava a fantasia o deixava o ritmo do nosso ósculo lento. Ele era carinhoso e não ultrapassava meus limites, diferente de mim, que ansiava por mais.

Me suspendi, ficando sob controle do meu corpo e trouxe para mais perto de mim, se é que fosse possível. Beijeii calmamente seu pescoço, podendo sentir, vagamente, o gosto de seu suor. Ele aceitou meu convite e deslizou uma das alças do meu macacão, deixando meu ombro direito nu e o acariciou com seus lábios. Meus

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

gemidos se tornavam mais intensos à medida que ele percorria meu corpo.

— Sophia. Espera. Eu não posso.

E aí está a resposta tão esperada. Ele ainda gosta da Loren.

— Não, tudo bem. Me desculpa. — Tento me levantar. Ele me impede.

— Por que está se desculpando?

— Eu, claramente, excedi o limite Ian. Sei que há algo entre você e a Loren... — Ele me interrompe.

— Como é? Eu e a Loren? Sophia... não! Eu disse que não posso continuar, porque eu quero ir devagar com você. Quero levar a gente a sério.

É isso mesmo que eu estou ouvindo? Ele quer namorar comigo?

— Mas... que história é essa...? — Dessa vez, eu o interrompo.

— Eu aceito. — Digo, rapidamente. Com um sorriso no rosto. Ele fica estupefato, ri, segura meu rosto com as duas mãos e torna a me beijar. Um beijo com direito a risos entre ele.

É oficial! Estamos juntos. Um olhar, uma dança, um encontro e “bam!”. Tudo aconteceu! Olhava para tudo isso com fascínio. Não tinha planos de me relacionar com alguém. Mas, como Woody Allen disse uma vez: "Se você quer fazer Deus rir, conte a ele seus planos".

CAPÍTULO 16

POR ÁGUA ABAIXO.

Sophia

— Bom dia, Lori. — Entrei no vestiário, feliz. O motivo, você já sabe.

— Sophia? O que houve com você esse fim de semana? — Ela perguntou, curiosa. Eu hesitei, mas enfim, contei.

— Promete que não vai ficar chateada comigo? Você é minha única amiga e... — Ela me interrompe.

— Sem rodeios, Sophia. Desembucha!

— Ok. Lá vai... Eu e Ian nos beijamos. — Não havia espanto ou estranheza em seu olhar. Era como se ela estivesse esperando por isso.

— Que ótimo. Para vocês, é óbvio.

— Então... não está chateada?

— Eu? Chateada? Lógico que não. Igreja e Estado, entendeu? Eu e você somos amigas e você namora com quem quiser.

— Ótimo. Igreja e Estado. Mas, não estamos namorando. — Sorrio. Guardo minhas coisas no armário.

— Que seja! — Ela me observa. — Você está guardando suas coisas aqui, agora?

— Sim! Ian me convenceu a fazer. Me senti um pouco insegura, mas ele me garantiu que nada de ruim iria acontecer. — Ela fica muda. Parecia estar com a cabeça em um outro lugar. — Lori... tudo bem? — Ela retorna.

— Sim! — Sorri. — E nada de ruim vai acontecer, sua boba. — Suspiro, aliviada. Afinal, já são duas pessoas que me deram essa informação. — Agora, vamos! Sra. Sullivan não gosta de esperar.

Saímos do vestiário, eu insistia em olhar para trás, na direção do armário. Era como algo estivesse me dizendo para não deixar minhas coisas ali. Talvez fosse só coisa da minha cabeça. Espero.

— Bom dia, meninas e meninos. Espero que todos tenham se preparado para a apresentação. Qual casal já tem sua apresentação

definida?

— Eu e Sophia — Diz Ian. Todos olham em sua direção. Sra. Sullivan abre um sorriso discreto.

— Certo, Ian. Mostre para nós o que preparam.

Ian segue para o centro da sala. Me estende a mão e me conduz com ele.

— O Lago dos Cisnes. — Ele diz. Todos estão mudos. Esperando nossa singela apresentação. A Sra. Sullivan balança a cabeça positivamente, e apoia seu queixo na sua mão direita. Ela nos observa com afinho.

Demonstramos a toda nossa apresentação, “digna de Julliard”, diria Olivia Jones. Mas, não estamos em Nova Iorque. Não mesmo. Sra. Sullivan, de praxe, apenas observa sem elogios ou repreensões, enquanto todos batiam palma. Todos menos Loren. O que há de errado com ela hoje?

— Pois bem. — Sra. Sullivan começa. — Acho que já temos um escolhido. Depois de ter visto três apresentações de Ellie, Loren e Sophia. Eu decidi por, enfim, escolher o casal que irá representar essa Academia na Apresentação de duplas.

Deus! Eu estou aflita. Frio na barriga. Mãos suando.

— Ian e Sophia. Vocês são os escolhidos. Parabéns!

Eu e Ian nos abraçamos. Nós nos olhamos um nos olhos do outro. Ninguém sabe que estamos juntos. Ninguém além de Loren. E tivemos que nos conter para que simples abraço não se tornasse um amasso.

Todos apertaram nossas mãos em forma de parabenização, os mais íntimos, abraços. Agora faltava pouco para minha primeira apresentação oficial.

— Vamos! A aula não acabou. Meninos podem voltar as aulas. E meninas, nós iremos hoje repassar o solo. Sophia, venha comigo, por favor. — Aceno com a cabeça e sigo em sua direção.

— Sophia, vejo que você tem treinado bastante. Vou te incluir na aula de repertório de hoje. Tudo bem?

Isso! Melhor impossível!

— Claro, Sra. Sullivan. Fortaleci minha musculatura como solicitou e já estou pronta para executar o solo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Sim, claro querida.

Ela me chamou de querida?

Ora, ora. As coisas estão mudando por aqui.

— Mas...

E lá vem o “mas”.

— Você foi selecionada para a apresentação com o Ian, não ficará sobrecarregada se tentar ser selecionada para a apresentação regional feminina?

— Não! Sra. Sullivan, me desculpe, mas... eu preciso muito disso. Posso dar conta dos dois. Isso se a senhora permitir.

— Claro! Claro... só não vá além do que possa ir.

— Pode deixar. — Sorriu. Ela também e me conduz de volta ao centro.

— Vamos, não podemos perder tempo. Todas em suas posições. E cinco, seis, sete e oito...

• • •

— Sophia. Posso falar contigo um instante? — Disse Evan, entrando pela porta. O ato de bater se tornou indispensável para nós.

— Claro, Ev. O que foi? — Sento na cama. Fixo meu olhar nele. Parece estar preocupado.

— Você lembra que eu te disse que poderia arcar com os custos da Academia por todo o período?

Essa não!

— Sim... — Balanço a cabeça, positivamente. Ansiosa e ao mesmo tempo temendo o rumo dessa conversa.

— As coisas lá na minha startup não estão indo como imaginava. Pegou eu e Natalie de surpresa.

Se as finanças pegaram Natalie de surpresa. É sinal que a coisa está feia mesmo.

— Então, só vou poder arcar com esse mês. Me desculpe. — Ele apoia sua mão em minha perna. E me analisa. Ele não tem culpa.

— Você não tem culpa, Ev. Você fez tudo por mim, desde que cheguei. Eu vou arrumar um emprego. Não tem problema.

— Mas, como você vai conseguir dançar e trabalhar ao mesmo

tempo?

— Ei! Eu sou uma Cole. Não me subestime! — Ele ri.

— É verdade. Já estive no seu lugar. — Ele suspira — As coisas vão melhorar, acredite em mim! E aí poderei arcar com tudo que te prometi.

— Não se preocupe Ev. Desde que possa ainda continuar morando aqui. — Ele ri. E concorda. — Sendo assim... tudo bem. — Ele se levanta, beija minha testa.

Eu simplesmente adoro quando ele faz isso.

— Tudo bem, pequena Sophi. Se precisar conversar, estou a alguns metros de distância.

— Valeu, Ev. — Ele sai.

Droga! Essa me acertou em cheio. E para valer! Aquela frase dita por Evan: “Mas, como você vai conseguir dançar e trabalhar ao mesmo tempo? ”. Se reproduzia em minha mente, repetidas vezes. Precisava, urgentemente, arrumar um emprego. Ou então, meu sonho iria por água abaixo.

CAPÍTULO 17

TRABALHO ÁRDUO.

Sophia

Sorte no jogo, azar no amor e vice-versa. Não era possível ter as duas coisas boas ao mesmo tempo? Não conseguia me concentrar na aula de repertório hoje, o problema financeiro do Evan me atingiu e em cheio.

— Sophia, não faça eu me arrepender de ter te incluído para este solo.

A boa e velha Sra. Sullivan, elogie reservado e arrase publicamente. Onde está aquela mulher que me chamou de querida?

— Desculpe, Sra. Sullivan. Preciso de um intervalo. — Digo, me apoiando na barra. Estava exausta. Treinar para duas apresentações ao mesmo tempo está me fazendo ficar louca.

— Sophia, se você sair por esta porta, por qualquer motivo, não precisa retornar.

Merda!

— Desculpe, Sra. Sullivan. — Saio quase pisando na ponta dos pés. — Sra. Sullivan me analisa enquanto saio. Ela balança a cabeça negativamente.

Saio da sala e fico no corredor, onde sento no chão, e coloco minha cabeça entre minhas pernas. Pensando que nada disso faria sentido se não arrumasse rápido um emprego. Todo esforço seria definitivamente em vão.

— Sophia? — Pergunta Ian, se sentando ao meu lado direito. Eu suspendo minha cabeça e olho em seus olhos. Não estou nada bem. Ele percebe. Ele coloca seu braço esquerdo sobre meus ombros. — O que aconteceu?

— Talvez eu tenha que desistir de tudo, Ian. — Gesticulo e

reitero. — De tudo.

— Por quê? Me conta Sophia... o que aconteceu?

— Bem... ao que parece a empresa do meu irmão não está indo tão bem assim. — Ele suspira. E pelo visto, já entendeu toda situação. — Ele arcaria com todas as despesas, mas agora preciso arrumar um emprego. — Ele abaixa a cabeça por alguns segundos. Mudo e pensativo.

— Eu acho que posso te ajudar! — Eu o olho, animada. Mas, recuo.

— Não posso aceitar seu dinheiro.

— E quem falou em dinheiro? Estou falando de emprego. — Fico curiosa. — Um amigo meu, é dono de uma taverna, bem próximo daqui. Ele dá um duro sozinho. Talvez uma bargirl pudesse ajudar.

Bargirl. Bem... de atendente de lanchonete a bargirl é um pulo.

— Quer saber, Ian. Isso pode dar certo. — Sorrio e ele também.

— Com certeza irá. Agora venha! — Ele me estende sua mão e me levanta e praticamente me arrasta pelo corredor.

— Espera! Ian, e sua aula?

— Eu já repassei esse solo umas quinhentas vezes, vai por mim. Está tudo bem. — Dou de ombros e o sigo.

— Só é melhor trocarmos de roupa antes. — Ele observa a si próprio. Está de collant.

— Tem razão. Te encontro na saída.

Saída. Eu acho que acabei de encontrar uma para meus problemas.

...

A Taverna do Ralph. Este era o nome escrito na parte superior daquele pequeno estabelecimento. O ambiente era todo decorado com toques de madeira. Lembrando os antigos bares vikings. O dono, Ralph, até que se parecia com um. Era de tarde, então, tudo parecia tão calmo.

— Não se deixe enganar pelo silêncio. Isso aqui a noite é uma

loucura. — Disse Ian, ao entramos na Taverna.

— Essas não são bem as palavras de incentivo que estava procurando. — Ele ri.

— Você vai tirar de letra! O pessoal é bem legal... — Ele olha em direção ao balcão e dá um grito. — Ralph! — O barbudo careca, conhecido por Ralph abre um sorriso. Eles parecem ser muito amigos. Ele vem em nossa direção.

— Ian. O que faz por aqui, meu rapaz? — Dá um abraço em Ian.

— Ralph, deixa eu te apresentar. Essa aqui é, Sophia.

— Muito prazer, Sophia. — Ele me abraça também. Que pessoa mais receptiva.

— O prazer é todo meu, Ralph. — Retribuo o abraço. Ralph volta às atenções a Ian.

— Ian, não foi isso que te ensinei. Sabe que não deve levar meninas como Sophia a um lugar como este. — Ian ri e me olha.

— Ralph, eu trouxe Sophia aqui por outro motivo. É que ela precisa de um emprego. — Ralph escurece o semblante. Não está mais sorrindo.

E lá se vai meu emprego.

— Você sabe que eu queria te ajudar, Ian. Mas, você melhor do que ninguém sabe que não estamos vivendo nosso melhor tempo.

— Qual é, Ralph! Você dá um duro sozinho. Precisa de alguém para te ajudar.

— Não posso pagar o salário de meio período, muito menos um integral.

— Podemos falar em particular?

— Claro. Venha comigo! — Eles se abraçam. Ian pisca para mim. Eu sorrio.

— Eu já volto. — Ele me diz.

— Fique à vontade. — Diz, Ralph.

— Obrigada.

Eles se afastam. Queria me conter e não bisbilhotar, mas não fui forte o suficiente. Ian gesticulava bastante e Ralph balançava a cabeça negativamente diversas vezes. Estava irredutível.

Ian olhou para trás, tento me esconder atrás da cortina decorativa que separava o escritório de Ralph do bar. Será que ele
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

me viu, bisbilhotar? *Cacete!* Ignoro e volto a observar. Agora eles estão sorrindo, apertando as mãos? Que diabos aconteceu de uma hora para outra? O que perdi. Eles estão voltando... fica tranquila, Sophia.

— Então estamos combinados. — Diz Ralph, abraçado a Ian. Ambos caminhando em minha direção.

— Com certeza. — Eles apertam as mãos pela última vez. Ian continua. — Sophia, conheça seu novo chefe.

— Será um prazer te ter aqui, Sophia.

— O prazer será todo meu, Ralph. Quando eu começo?

— Hoje mesmo. Você vai pegar o turno noturno. De sete às onze. Meio período. Esse é o horário de maior movimento e meu amigo aqui... — Ele apoia a mão no ombro direito de Ian, que sorri. Ele continua. — Meu amigo aqui me convenceu que deveria te dar uma chance e que preciso de ajuda. O horário está bom para você?

— Perfeito. — Digo, confiante.

— Então te espero hoje à noite. — Ele aperta minha mão e selamos o contrato. — Ah! Sophia... pode colocar uma roupa bem casual. Afinal de contas, isso aqui é um bar. — Eu rio. — Uma última pergunta...

— Sim?

— O quanto você entende de drinks?

— Bem... eu gosto muito deles. — Eu rio.

— Acho que será o suficiente.

Espero mesmo que seja o suficiente. O suficiente para sair dessa crise sem fim. Ao que me parece, mesmo que com todo sacrifício que terei de fazer, em dormir tarde e acordar cedo, talvez essa seja uma experiência muito agradável.

• • •

— Saindo um Manhattan e um Martini. É para já, senhor! — Entrego a bebida para um senhor que estava aguardando.

— Menina! Eu pedi um Scotch. Esse aqui é um Bourbon. Você sabe a diferença?

E aqui estamos nós, de novo.

— Me desculpe, senhor. — Pego a bebida e lhe entrego outra.
— Aqui está.

— Ótimo! — Ele diz. E volta a assistir televisão.

— Onde está meu Manhattan? — Diz o senhor que chegou a alguns minutos.

Que povo impaciente! Os drinks não ficam pronto tão rápido assim.

— Seu Manhattan? Claro... um momento por favor.

O que parecia estar sob controle, se tornou um pandemônio. Clientes furiosos, gritando e gesticulando. Não sei dizer se estavam nervosos comigo por não consegui entregar seus drinks em tempo hábil ou por seus times estarem jogando e perdendo. Como o Ralph lhe dá com tudo isso sozinho?

— Aqui está senhor! — Entrego as bebidas, todas corretas desta vez. Seco o suor em minha testa. Olho para o relógio. Fim do expediente. Ufa!

Obrigada Deus!

— Sophia... ótima noite hoje, não? — Perguntou Ralph. Eu seco os copos que terminei de lavar e organizo-os.

— Se é que se pode chamar assim. — Ele ri.

— Você foi ótima, menina. Sabe... já tentei treinar diversos ajudantes. Nenhum, absolutamente, nenhum deles, passou da primeira noite. Você está de parabéns!

Aquelas palavras me deram motivação. Motivação de continuar. Continuar a batalhar pelo o que é meu por direito: Meu sonho. Em toda história dos Coles, nada foi fácil. Nós somos sonhadores, e alcança-los é um trabalho árduo. Seja o que for, estarei preparada.

— Você quer um carona para casa? — Ele pega o pano de prato da minha mão.

— Carona? — Olho para fora. Vejo Ian me esperando. — Não... eu já tenho uma. — Ele sorri.

— Ian é um bom garoto. Vocês parecem melhorar um ao outro.

— Pois é... — De repente me veio em mente a cena de Ian conversando em particular com Ralph. — Ralph, o que Ian te disse para te convencer a me dar o emprego? — Ele me analisa. Balança a
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

cabeça.

— Cedo demais, princesa. Cedo demais...

— Tem razão, não está aqui mais quem perguntou. — Ele sorri.

Sigo em direção ao carro do Ian. Que me recebe com um beijo caloroso. Não demos um título para que temos agora. Namoro? Relacionamento? Quem importa? O importante é que tenho a ele. Ele da partida no carro e me olha.

E ele tem a mim.

CAPÍTULO 18

SEM PARAR.

Ian

— Bom dia, mãe. — Dou um beijo em sua testa ao entrar na cozinha.

— Bom dia, Owen. — Ele me olha. Permanece mudo com a sua caneca de café e seu jornal diário.

— Mãe, eu queria trazer uma amiga para jantar aqui hoje. O que você acha?

— Deveria se concentrar na dança. — Disse Owen, ainda olhando para os classificados. Eu o ignoro.

— Acho maravilhoso, meu filho. — Ela sorri. O que me faz sorrir também. — E essa amiga, tem nome? — Ela se delicia com seu porridge. É um mingau feito com quinoa. Geralmente é acompanhado por frutas. O da Charlotte é sempre com o morango. Sempre. Sua receita favorita para o café da manhã.

— Tem sim. Charlotte. Mas, só irá saber quando for o momento. — Ela joga em mim um pedaço de pão que estava na mesa.

— A curiosidade é capaz de matar uma pessoa, sabia? — Eu rio. E como o pedaço de pão que ela me jogou.

— Já estou de saída, querida. — Diz Owen. Ele se levanta, beija minha mãe, pega as chaves do seu carro. — Se quiser uma carona, é melhor correr.

— Dispenso. — Digo. Ele sai.

— Pega leve com seu pai, Ian.

— Mas, Charlo... — Ela levanta uma sobrancelha. Eu paro de falar. Respiro fundo.

— Estou indo nessa! — Dou um beijo em sua bochecha. E dou a minha para que ela possa beijar.

— Até mais tarde, meu filho. Vou preparar um prato especial hoje. — Eu sorrio.

— Eu sei.

Queria dar um passo adiante na minha relação com a Sophia.

Trazer uma garota para conhecer seus pais é o script padrão para que isso ocorra. Mas, se tratando desta família, meu peito se aperta. A muito tempo não sei o que é jantar em família. Meu pai, geralmente, pede que entreguem comida na Academia e eu, quando não saio com Pat, faço companhia a minha mãe. Sempre assim. Nunca os três juntos. E acredito que hoje não seria diferente.

• • •

— Sophia! — Sussurro. Puxo ela pelo braço, enquanto passava pelo corredor.

— Que susto, Ian! Meu Deus! O que faz escondido na sala do zelador?

— Shiii! Eu queria ter um tempo a sós contigo. — Ela sorri.

— Por que você está sussu... — Seu semblante se transforma em pura malícia. — Ah! Eu sei o que você quer, Sr. Fouetté. — Ela ri e continua — Mas, agora preciso ir para aula. — Ela tenta sair. Eu a puxo de volta.

— Volta aqui!

— O que foi? — Ela sussurra também. Me olha, desorientada.

— Quero te apresentar minha família. — Penso bem. — Quero dizer... minha mãe.

— Jura? — Seu olhar é de ternura. Balanço a cabeça, positivamente.

— Hoje, às sete. Eu mando um carro te buscar.

— Mas, eu tenho um emprego agora, esqueceu? — Ela diz.

— Eu já resolvi com o Ralph. Vantagens de namorar com o amigo do dono. — Ele ri.

Ele disse mesmo “namorar”?

— Feito!

— Ótimo. — Eu a beijo. Um beijo breve, com um gosto de “quero mais”. Ela sai. Com um grande sorriso.

O Sr. Howard tirou meu coro hoje. Me ordenou repetir, incansavelmente, o solo que executei na Apresentação Regional Masculina. A mando de Owen, receio. A todo momento, Sr. Howard repetia que deveria me focar na dança e que estava ficando para trás.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Mal sabe ele que dançar só me deixa mais forte. Então, pode vir, Owen. Vem com tudo! A Apresentação de Duplas está chegando. E então, você verá quem está ficando para trás.

• • •

Tudo estava preparado. Estava trajado com meu melhor blazer. Um azul, sob medida. Acompanhado de uma camisa branca e uma gravata italiana vermelha. Estava usando uma calça de sarja bege e um par de sapatos marrons.

Foi possível ouvir o barulho do motor do carro desligando e a voz de Sophia agradecendo ao motorista. Logo em seguida, a campainha soou. Estava posicionado em frente à porta e abri. E pude ter a honra de ser um espectador daquele momento.

Sophia estava usando um vestido bandagem branco com barra franjada. Seu par de brinco era discreto, diferente da sua sandália rosa. Linda demais e...

— Impressionante.

— Obrigada!

— Espera... eu disse isso? — Coloco a mão no rosto, envergonhado.

— Disse sim. — Ela se aproxima e sussurra em meu ouvido direito. — E eu gostei. — Eu sorrio, ela se afasta.

Fecho a porta e a conduzo até a sala de estar. Onde minha mãe estava nos esperando.

— Mãe... Essa aqui é...

— Sophia?

— Meu Deus! Charlotte Campbell?

— Espera... vocês já se conhecem?

— Por que você não me contou que era filho de Charlotte Campbell? — Ela se aproxima. Sorridente. E abraça minha mãe.

— Ual... nunca uma apresentação foi tão simples. — Eu rio. — Eu achei que fosse uma informação pública.

— Ian, espera! — Ela fica pensativa. — Se você é filho da Charlotte, então quer dizer que você... — Ela coloca a mão na boca. — Como não percebi antes? Você é Ian Baxter. É claro. Você é filho

do dono da Academia.

— E isso faz diferença? — Pergunto, intrigado.

— Não... mas quando você começa um relacionamento com alguém, esse é o tipo de coisa que se conta: “Oi, meu nome é Ian Baxter. Minha mãe é Charlotte Campbell a bailarina mais incrível do mundo. Eu sou filho do dono da Academia.”. — Eu balanço a cabeça negativamente, rindo da realidade.

— “Oi, meu nome é Ian. Minha mãe é Charlotte Campbell a bailarina mais incrível do mundo. Eu sou filho do dono da Academia.”
— Minha mãe ri. Ela realmente está feliz e isso é bom.

— Agora já não vale mais, engraçadinho. — Ela golpeia meu braço.

— Que ótimo revê-la, minha querida. Você leu o que te escrevi?

— Como não poderia ler. Você é simplesmente demais. Eu sou sua fã.

— Tudo bem, o fã clube está fechado por tempo indeterminado. Pelo menos até o final do jantar. — Conduzo minha mãe até a sala de jantar. — Por aqui, Sophia.

...

Sophia

O coddle estava delicioso. Um típico prato irlandês, que contava com tudo que eu mais gosto: linguiça de porco, bacon, batatas, cebolas picadas, sal, pimenta e salsinha. Simplesmente incrível. Charlotte Campbell além de bailarina é uma excelente cozinheira.

A pergunta que ficava em minha cabeça era: Quando iria conhecer o pai do Ian. Bem... essa pergunta cessou alguns minutos depois.

— Querido! Não acredito que você conseguiu chegar. — Diz Charlotte, com um sorriso no rosto. Ian aperta minha mão, olho em seus olhos. Há algo de errado.

— Consegui finalizar as papeladas mais cedo hoje. — Ele beija Charlotte e me olha. — Você deve ser Sophia. — Ele se aproxima.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Fui impedida de levantar da mesa devido ao peso da mão de Ian em mim. Eu estendo a mão.

— Um prazer em conhecê-lo, Sr. Baxter. — Ele me cumprimenta.

— Por favor, me chame de Owen. — Ele me analisa, tira o blazer e senta ao lado de Charlotte. Ela o serve.

— Boa noite, Ian. — Ian não responde.

Não pode ser...

— Ian, seu pai está falando contigo, querido. — Diz Charlotte.

— Eu o ouvi, mãe. Mas não entendo... — Owen o interrompe.

— O que você não entende?

— O que você está fazendo aqui, Owen? Você nunca jantou com a gente e hoje você veio? Quis mostrar... — Ele faz aspas com as mãos — A família feliz? — Owen dispensa os talheres.

— Eu também faço parte desta família, Ian.

— Faz mesmo? Então cadê você nos meus aniversários, papai? — Owen joga o guardanapo que estava em seu colo sobre a mesa e se levanta furioso.

— Eu não vou permitir que você me desrespeite desta forma, seu garoto mimado. Enquanto você ganhava seu carro eu trabalhava para manter esta família!

Estou perplexa. Não sei como agir.

— Você só trabalha demais para não encarar a realidade. A realidade que você acabou com a carreira da Charlotte. — Ian grita e Owen vem em sua direção. Charlotte o segura. Ela está chorando.

— Por favor, apenas parem. Por favor. Por mim! — Ian se levanta.

— Parabéns, Sr. Trabalho duro. A fez chorar mais uma vez. Vamos embora, Sophia. — Ele me estende a mão. Eu a seguro. Ele me conduz até a saída.

— Adeus, Sra. Charlotte. Adeus, Sr. Baxter. — Sem resposta.

Não poderia imaginar que isso poderia acontecer. Ian ser o tipo que prefere se calar ao falar, mas o que aprendi é que esse tipo de mágoa devemos compartilhar para que ela não nos domine.

— Ian... — Eu o chamo. Ele não me atende. Está focado no trânsito.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Ian... o que está fazendo?

— Estou te levando para casa.

— Para Ian. Vamos conversar. — Ele não me olha. Eu o chamo novamente. — Ian, por favor. — Ele encosta o carro. E me olha.

— O que você quer conversar, Sophia? Essa é a minha família. Tudo que você pensava sobre mim, acabou eu sei. Não será surpresa se você não quiser mais estar comigo. — Eu coloco as mãos em seu rosto.

— Ian... eu quero estar contigo. Mas você precisa confiar em mim. Precisamos conversar sobre o que houve lá. — Ele concorda.

Ian, me contou todos os detalhes de seu relacionamento conturbado com o pai. O acidente de Charlotte e a falta de uma figura paterna sua vida inteira.

— Eu queria ter a sua vida. Você parece ser tão feliz com a sua família. — Levanto a sobrancelha.

Se ele ao menos soubesse...

— Ian, escute... sua mãe ama seu pai. E tenho certeza que ela não se arrepende de ter subido naquela plataforma por eles.

— Mas, a ideia foi dele, Sophia. Ele não tinha o direito... — Eu o interrompo.

— Eu subiria por você. — Ele me olha. Olhos arregalados.

— O que você quer dizer com isso?

— Eu não sei... eu acho que estou apaixonada por você. — Ele pega a minha mão direita e a conduz até seu coração e foi possível sentir os batimentos. *Tum Tum. Tum Tum.*

— Eu também estou apaixonado por você, Sophia. — Eu o beijo. Um beijo com ternura. Sinto o sabor salgado de uma lágrima que escapou de seus olhos. Eu interrompo o beijo.

— O que sentimos agora, um pelo outro, é o que sua mãe sentiu pelo seu pai naquele dia. O amor nos leva a fazer loucuras, Ian. E você não pode culpar seu pai pelas consequências das ações deles. — Ele segura minhas mãos. — Talvez se você der uma chance a ele. Tudo irá mudar. E você terá o pai que nunca teve.

— Você tem razão. — Ele coloca meu cabelo atrás da orelha. — Melhor assim. Posso ver cada detalhe do seu lindo rosto. — Ele me beijou. E dessa vez, sem parar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

CAPÍTULO 19

UNIDOS.

Sophia

Hoje é o grande dia. A apresentação de duplas tão aguardada. Por mim e pelo Ian. O acontecido, que preferimos não comentar, no jantar, nos deixou mais fortes, mais íntimos. Depois de ensaiarmos duro, com direito a muita pegação durante eles, estamos preparados.

A apresentação será no Abbey Theatre, o teatro nacional irlandês, em Dublin, e contará com a presença de centenas de pessoas. Entre elas, olheiros de diversas companhias de ballet do mundo. Eu não posso desperdiçar essa oportunidade.

A Sra. Sullivan e o Sr. Howard estão aqui. Eles querem nos fazer uma pressão, como se já não estivéssemos sujeitos a pressão suficiente. Ter de nos apresentar na frente de diversas pessoas importantes. Mas, não há lugar para paranoia hoje.

— Vamos! Vamos! Se vistam depressa. — Disse a Sra. Sullivan, entrando no camarim dos bailarinos.

— Sra. Sullivan, que bom que você chegou! Me ajuda com esse laço, por favor. — Ela segue em minha direção, fico de costas para ela. Ela arruma meu cabelo.

— Pronto! Tudo certo com seu tutu, querida?

— Sim, obrigada. — Digo, sorrindo.

— Você está linda. E mais uma coisa... você é capaz! Agora suba naquele palco e mostre para eles o que você sabe. — As palavras da Sra. Sullivan me pegaram de surpresa. Mas, me deram um conforto do qual estava precisando. Ela sai.

— A Sra. Sullivan gosta mesmo de você. — Disse Ian, enquanto ajeitava sua roupa.

— Estou começando a me convencer disso. — Rio, entre a frase. Ele se levanta e segue em minha direção. E me dá um pequeno beijo.

— Pronto? — Ele segura minha mão.

— Com você...sim! — Ele abre um enorme sorriso. Nossos

olhos são como imã e não se afastam um do outro por um minuto.

— Seus pais, vem? — Pergunto.

— Sim, Charlotte e Owen estarão aqui. Parece que haverá um tumulto quando eles chegarem. — Eu rio e penso na multidão de fãs que virão apenas para conseguir um autografo de Charlotte. — Falando nisso...

— Ao palco, agora, representando a Academia de Dança Baxter, Ian Baxter e Sophia Cole, executando uma variação de: O Lago dos Cisnes. — Barulho de palmas ensurdecedoras.

— É a nossa hora. — Digo. Ele me analisa. — Queria falar alguma coisa?

— Não... deixa para depois. Vamos! — Ele segura minha mão e me guia até o palco.

Subimos no palco e o canhão de luz nos atingiu. Foi possível ver Evan e Natalie na primeira fila mesmo com toda iluminação prejudicando minha visão. Fomos para posição inicial, a qual ensaiamos por diversas vezes. Croisé devant na quinta posição. A música nos causa entusiasmo e o Adagio é executado com perfeição.

O Lago dos Cisnes é considerado por muitos um Ballet Romântico. É reconhecido assim pela sua suavidade e conotação romântica. E isso é demonstrado no palco. Me afasto de Ian em um coure, uma corridinha graciosa com os pés unidos na quinta posição e executo uma bateria: saltos batidos derivados de saltos simples ao ritmo da música.

Volto para ele para o movimento final. O fouetté. O tão famoso fouetté. Esta apresentação é famosa por contar com até trinta e dois fouettés executados de uma só vez, pois mostra o toque da virtuosidade feminina. Eu não fui tão longe. Executei apenas uma sequência curta.

Meus pés vacilaram, senti que iria perder o equilíbrio, mas Ian me sustentou com as duas mãos e me reestabeleceu. Eu sorri ao sentir seu apoio. Ian, que preparado para a posição final, se ajoelhou e me esperou. Me posicionei em sua frente, en face, e executei um Developpé, sustentada por uma perna, e a outra esticada para trás, braços abertos, conduzi meu corpo até o rosto do Ian. Que de braços abertos, sorriu. Perfeito!

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Esperamos no palco alguns minutos e fomos recepcionados pelos outros casais que se apresentaram naquela noite. E todos estavam apreensivos pelo resultado, inclusive nós.

Ian segurou minha mão, que em toques sutis a massageava com seu polegar. E enfim, a anunciante subiu ao palco.

— Boa noite, presentes. Este envelope em minhas mãos contém o nome do casal que sairá de hoje com o título regional de pás de deux. Os competidores são: Katherine Murphy e James Keaton da Academia Nacional de Dança...

Palmas. Muitas palmas. Eles são os favoritos, não poderia esperar por menos.

— Eles executaram hoje uma variação surpreendente de Giselle. Contamos também com a presença de Ava O'Neill e Kevin Doyle da Companhia de Artes Olympia que executou uma variação de O Quebra-Nozes.

Palmas, mas nem tanto. Esperava mais.

— E a surpresa da noite, voltando mais uma vez a apresentação em duplas, desde Charlotte Campbell que não vemos essa Academia sendo representada aqui. Ian Baxter e Sophia Cole, da Academia de Dança Baxter.

Todos estão de pé. O público nos ovacionou, de forma estrondosa, nos sentíamos vitoriosos antes mesmo de anunciar o resultado.

— Eles executaram uma variação de um dos Ballets românticos mais conhecidos no mundo. O Lago dos Cisnes. — Ela se aproxima do púlpito colocado à sua frente e apoia o envelope.

Chegou a hora!

— Sem mais delongas. Que rufem os tambores. — Os tambores rufaram. Dei um leve salto de susto. Ian me olhou e segurou firme a minha mão. — Os vencedores são... — Ela faz uma pausa dramática. Acho que vou enfartar. — Ian Baxter e Sophia Cole, da Academia de Dança Baxter.

E novamente todos estavam de pé. Parece que éramos os favoritos, afinal. Pude observar cada rosto na plateia enquanto caminhava com Ian até a anunciante que segurava o troféu em suas mãos.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Um lindo troféu por sinal, uma pequena estatueta dourada de dois bailarinos, apoiados em um pedestal prateado. Ambos os bailarinos na estatueta estão em Attitude. É uma posição onde o dançarino se apoia em uma perna só. A outra permanece levantada para trás com o joelho dobrado em um ângulo de noventa graus.

Evan estava sorridente e Natalie aplaudia. Sra. Sullivan estava emocionada. Aquilo ali é uma lágrima? Os pais de Ian, apenas observam o filho. Admirados por sinal.

Pegamos o troféu, juntos e levantamos para que todos pudessem vê-lo. Dei um breve beijo na estatueta. Fizemos um simples discurso e seguimos de volta para o camarim. Aquilo tudo era mesmo realidade.

— Me belisca! — Digo ao Ian ao chegarmos no camarim.

— O que? Por que?

— Por que isso para mim é um sonho! — Ele se aproxima e me beija. Um beijo lento, quente e úmido.

— Isso pareceu sonho para você? — Ele sorri. Eu o olho. Fico sem ar. Perdida de desejo.

— Não mesmo. — Nós rimos. Voltamos a nos beijar. Até sermos interrompidos pela porta do camarim se abrindo.

— Atrapalhando alguma coisa? — Disse Charlotte abrindo a porta. Owen estava logo atrás dela, a conduzindo.

— Mãe! — Ele faz uma pausa — Pai... — Ian abraça ambos, da forma que podia.

Não houve conversa, apenas um longo abraço. Ralph estava certo. Ele é um bom garoto. E bons garotos precisam de boas garotas. Como eu. Um grande sorriso me escapa, apenas por ser testemunha daquela cena. Ralph também estava certo em outra coisa: Nós melhoramos um ao outro. Por isso precisamos permanecer juntos.

Ou melhor, unidos.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

CAPÍTULO 20

NADA ESTARÁ PERDIDO.

Sophia

Já se passaram alguns dias desde que vencemos a competição. Mas, aquela sensação subsistia em mim. Mesmo se tentasse esquecer, ninguém deixava. Os olhares e comentários nos arredores da Academia não eram nada discretos. Outras bailarinas queriam sentar comigo, falar comigo. Tudo estava diferente.

Oficializamos nosso namoro. Agora, todos sabem que Ian Baxter e Sophia Cole estão juntos. O casal do momento. Bem, isso tem seu lado bom e ruim. Afinal, ele é um Baxter e todas as garotas do mundo parecem estarem interessadas em Ian.

Argh!

Uma garota, principalmente, era a pior. Loren Walsh. Maldita manipuladora. Como pude acreditar que ela um dia seria minha amiga? Com aquele papo furado de: “Igreja e Estado”.

— Nem pensar que você vai ocupar meu lugar na barra. — Disse Loren. Me empurrando.

— Não vi seu nome escrito aqui. Para falar a verdade, não vi seu nome escrito no corpo do Ian também. — Ela me olha furiosa. Logo depois libera um sorriso.

— Loren, Ellie, Sophia, ao centro por favor. — Disse Sra. Sullivan. Nos posicionamos. — Meninas, hoje irei escolher qual das meninas irá representar a Academia na Apresentação Regional Feminina e lembrem-se: em todos os anos que estive nesta instituição, a campeã desta Apresentação era selecionada para a Internacional.

— Essa já está no papo. — Diz Loren. Semicerco os olhos.

Ridícula!

— Veremos Loren, veremos... — Diz Sra. Sullivan. — Pois bem, ensaiamos o suficiente e vocês já devem saber bastante este solo. Sendo assim, hoje vocês irão apresentá-lo a mim. Mas todas juntas. Loren, Ellie e Sophia, como vocês tiveram o melhor desempenho

durante este período, ficarão na frente de todas. Isso é uma grande vantagem, afinal, vocês estarão na minha linha de visão. — Sorrio. Mesmo começando atrás, consegui chegar no nível de todas. — Agora vamos! Não fiquem olhando para mim como baratas! As suas posições. — Ela grita.

Sra. Sullivan aponta para seu auxiliar que dá play na música. O solo Raymonda quer muita técnica, Ele exige que a bailarina fique en pointe, praticamente, em toda performance. Por este motivo, Sra. Sullivan exigiu que eu fortalecesse minha musculatura, se não, seria impossível executá-lo.

Após os primeiros sessenta segundos, apoiada nas pontas dos pés, pude sentir uma oscilação partindo da ponta da minha sapatilha. A sensação logo cessou, à medida em que tivemos que executar uma sequência de glissade, um passo deslizante que se mantém os pés rente ao chão, nos preparando para retornar en pointe.

Na segunda metade do solo, a sensação voltou, me desestabilizando, estava aplicando força demais para não cair. Meus olhos arregalados demonstravam meu desespero. Não poderia falhar. Não aqui. Não agora. Minha seleção dependia deste desempenho.

Minha força se esvaiu, meu equilíbrio cedeu a má condição de minha sapatilha. Que se quebrou. Meu corpo estava no chão, como em Nova Iorque.

Minha queda ocasionou um boléu em cascata. Meu corpo se chocou com o da Ellie. Ellie, que executava o solo en pointe, apoio em uma bailarina atrás dela para não ir ao chão, em vão. Ambas foram ao chão, em seguida todas atrás de nós. Apenas Loren permaneceu em pé. Ainda apoiada na ponta de sua sapatilha com um sorriso, diabolicamente, gracioso.

— O que está acontecendo aqui? — Sra. Sullivan gritou. Seu auxiliar parou a música. — Todas de pé, agora mesmo! — De pouco a pouco ficamos em pé. Sra. Sullivan nos analisa. — Pode descansar Loren, não é necessário mais ficar en pointe.

Essa liliputiana está en pointe até agora?

— Isso é algo inaceitável. E eu não posso permitir que isso ocorra na Apresentação. Se vocês não conseguem se equilibrarem por alguns segundos, como pensam estar preparadas para se quer
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

competirem? — Ela me lança um olhar furioso. — Sophia... você pode me explicar o que aconteceu?

— Sra. Sullivan... minha sapatilha. — Eu levanto a sapatilha. Está com a ponta despedaçada. Isso não foi algo que aconteceu naturalmente. Alguém a quebrou.

— E por acaso você não sabe que devemos verificar todos os nossos utensílios antes mesmo de dançar? E se hoje fosse o dia da apresentação? Como seria?

— Sra. Sullivan, alguém quebrou minha sapatilha. — Fixo meu olhar em Loren. Não posso acusa-la, não tenho provas.

— Para mim isso é desculpas de uma maltrapilha quebra-louças. — Diz Loren.

— Como é? — Corro em sua direção. As bailarinas abrem caminho.

— Fala isso na minha cara, sua... — Sou interrompida pela Sra. Sullivan.

— Já chega! — Ela grita. — Sophia, para fora. Agora! — Eu olho ao redor. Todas estão perplexas. E Loren... com aquele maldito sorriso.

— Sim, senhora Sullivan. — Saio com minhas sapatilhas nas mãos.

Fecho a porta da sala e fico apoiada na parede ao lado. É possível ouvir a Sra. Sullivan dando sua decisão final.

— Pois bem, meninas. Acho que não tenho outra opção. Afinal, apenas uma de vocês não foi ao chão nessa catástrofe total. — Ela faz uma pausa. Parece que sabia que estava fazendo a decisão errada. — Senhorita Walsh, meus parabéns!

É isso. Esse é o fim. Loren irá a competição regional e eu ficarei assistindo da plateia. Não sou forte o suficiente para conter as lágrimas. Deslizo meu corpo pela parede e sento no chão. Sem conter meu pranto.

A porta se abre. Enxugo minhas lágrimas rapidamente.

— É melhor guardar sua sapatilha com mais cuidado da próxima vez. — Eu fixo o olhar nela.

Vadia!

— Isso não vai ficar assim, Loren. — Ela sorri.

— Não vai mesmo. Tem muito mais de onde isso veio... — Ela
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

faz uma pausa. — Sophia. — Ela sai em direção ao vestiário.

Poderia quebrar a cara dessa garotinha mimada agora mesmo. Mas, o que eu ganharia com isso? Uma suspensão no mínimo. Então, não poderia me rebaixar.

Se ela quer começar um jogo.

Então, vamos jogar.

• • •

— Então, foi isso que aconteceu. Cai no chão como uma fruta podre. — Ralph ri.

— Essa Loren não de brincadeira mesmo. — Concordo com ele. Seco os copos. O fim do expediente está próximo. Ian ficou de me pegar no fim do expediente. Nos falamos no telefone. Ele ainda está sofrendo nas mãos do Sr. Howard.

— Ei! Você é aquela menina... — O cliente me analisa. — Sim! É você mesmo. A que foi campeã de ballet. — Eu sorrio, mas com estranheza. Como um bêbado conseguiu me reconhecer? Duvido que ele seja admirador de ballet clássico.

— Sim, sou eu mesma.

— Você está de parabéns, menina. — Ele soluça.

— Ok, Chuck. É hora de ir embora. — Diz Ralph. — E é melhor deixar a moça em paz. — Ralph conduz ele até a porta. Ele está cambaleando. Fico pensativa.

— Ralph...

— Sim...

— Como é que seu cliente me reconheceu? Não vai me dizer que além de esportes, você também transmite competição de ballet?

— Não, claro que não Sophia. Você não viu os jornais hoje?

O que? Jornal?

— Jornal? — Pergunto.

— Isso. Jornal.

Que merda!

— Ralph, eu tenho que ir. — Largo o copo de whisky e o pano que estava em minhas mãos. Eu saio correndo em direção a porta.

— Espera! Sophia... você não vai esperar o Ian? — Eu não

respondo. Não tinha tempo para explicações. Precisava correr. Mais do que minhas pernas poderiam aguentar.

Alguns quarteirões separavam minha casa da Taverna do Ralph. E vai por mim, correr depois de um dia inteiro executando solo e servindo bebidas atrás de um bar, é doloroso.

Estava ofegante, mas minha vida dependia disso. Era possível ver a casa a uma distância considerável. Atravesso a rua correndo, sem notar que sinal estava aberto. Um carro vem em minha direção. O motorista buzinou. Mas, eu desvio. Por alguns centímetros não me acerta.

Estava escuro, era possível ouvir o barulho dos meus passos a distância e o latir dos cães da vizinhança. Enfim cheguei. Consegui. Aparentemente, a entrada para meu quarto estava do mesmo jeito que deixei, quando saí de manhã. Porta trancada. Vaso de plantas intacto.

Tiro minha chave devagar do bolso e enfio na fechadura e rodo. Ouço um “click”. O que indicava que a porta estava realmente trancada e agora se abria.

— Sophia...

— Mãe? — Fecho a porta do quarto. Ela está sentada na cama. Estava com um tabloide local na mão que possuía uma foto minha segurando o troféu. O título da notícia dizia: "Nova Charlotte Campbell?". Um silêncio se perpetuou. — Mãe, eu posso explicar... — Ela está muda. — Só... só me perdoe.

— Eu não acredito... eu...

Por favor, fale tudo, menos aquilo.

— Eu estou...

Diga que está triste, furiosa, menos...

— Decepcionada.

Merda! Ela disse.

— Mãe, eu queria que você entendesse... — Ela me interrompe.

— O que mais eu tenho para entender, Sophia? Eu entendi tudo. Você volta para casa e não tem a coragem de me contar. E agora... — Ela joga o jornal em cima da cama e se levanta. — Isso! — Ela aponta para a notícia. — Deveria estar feliz por estar estampada na primeira capa do tabloide. Mas não estou.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Meu celular toca. É o Ian. Ignoro a chamada.

— Mãe... — Vou em sua direção. Seguro sua mão e a conduzo até a cama. — Só senta, por favor. — Ela senta. Eu continuo. — Não culpe o Evan! Ele não tem nada a ver com isso. Ele só queria me ajudar... — Ela me interrompe.

— Com o seu irmão, eu vou resolver depois, Sophia. Agora vamos! O que você tem para me dizer que eu não saiba?

Ela me olha. Nunca houve tanta tristeza em seu olhar. Estava realmente decepcionada. Precisava escolher as palavras certas. Senti que essa oportunidade era única para resolver tudo. Colocar as coisas em ordem.

— Eu só... eu só... — Gaguejo. Ela me analisa. — Eu só queria provar para mim mesma que eu tinha o valor que você sempre me disse ter. — Eu desabo. Apoio minha cabeça em seu ombro. Minhas lágrimas encharcam seu vestido. Ela me abraça e acaricia suavemente minhas costas.

— Sophia, minha filha... — Ela suspende minha cabeça. Meus olhos úmidos estão fixados ao dela. Seus olhos estão marejados.

— Me desculpa, mãe. Eu só queria ser como o Evan é para você.

— Ei! Você tem valor para mim. Independentemente de suas conquistas pessoais. Está me ouvindo? — Ela encaixa perfeitamente meu rosto em suas mãos e enxuga minhas lágrimas. — Para mim você já é a melhor bailarina deste mundo. — Eu sorrio. Ela ajeita meu cabelo. Evitando que se molhe em meio as lágrimas. — Filha... você é meu orgulho. — Coloco meu rosto em sua linha de visão.

— Eu te amo, mãe. — Retribuo o abraço. Ela parece que está chorando também. Ela se desvencilha do abraço. Pega o jornal.

— Nova Charlotte Campbell é? Quem diria? Minha menina... — Abro um enorme sorriso, em meio ao choro.

— Eu estou horrível nesta foto! — Lamento. A coriza não permite que fale normalmente. Pego o jornal de sua mão. Analiso a foto atentamente.

— Eu te perdoo, minha filha. — Ela suspira. — Ser família significa perdoar o imperdoável. — Ela me abraça novamente. — Eu demorei para te rever, agora não quero te soltar mais.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Obrigada, mãe!

— E para você saber... — Ela ri. — Evan me contou, antes mesmo de você pousar, que estaria vindo para cá. Eu que pedi para ele não falar nada. Então mocinha, saiba que ele não era seu cúmplice. Era meu. Eu só queria saber até onde você iria com essa história. — Fico boquiaberta.

Aquele linguarudo!

— Eu te conheço mais do que você imagina, Sophia. — Eu rio.

— Não fazem mais irmãos como antigamente. — Eu brinco.

— Você tem uma família que te ama, minha filha. Os Coles sempre permanecem unidos. Lembre-se disso.

Isso é uma verdade, irrefutável. Nada na história da nossa família foi conquistada de forma independente ou solitária. Mas, a família sempre foi um fator muito importante em toda nossa trajetória. E, na minha trajetória, enquanto eu estiver junto deles, nada estará perdido.

CAPÍTULO 21

NADA ALÉM DE AMOR.

Ian

Estou acordado. Deitado em minha cama. Não paro de pensar naquela cena. Sophia correndo desesperadamente em direção à sua casa. Tentei buzinar, gritar, mas ela não se virou.

Quando cheguei na Taverna do Ralph e soube que ela tinha saído, fiquei sem saber o que pensar. Peguei o carro e fui na direção em que Ralph me indicou. Antes de conhecê-la, nunca tinha me preocupado com outra pessoa além de mim e minha mãe.

Sophia desperta um sentimento em mim que nunca senti antes. O medo de perdê-la. A preocupação com sua integridade e o calor que me invade a cada toque que ela me dá. É algo imensurável. Se há um nome para tudo isso, desconheço.

— Sophia?

— Ian... — Ela sussurra. — Me desculpe ligar a esta hora.

— Tudo bem, duas horas da manhã é o novo meio-dia. Não sabia? — Ela ri baixinho. — Eu amo sua risada. — Ela suspira. — Está tudo bem?

— Sim... me desculpe por ter ignorado sua ligação. Sinto que te devo uma explicação sobre tudo que aconteceu hoje. Mas, vou longo avisando: É uma história bem longa.

— Se você não se importar, fico feliz em saber. Temos a madrugada inteira.

Ela me contou sobre sua mãe e toda confusão causada até aqui. Descobrimos que nossa batalha para nos tornarmos filhos dignos de orgulho é mais um ponto em comum entre nós. Declarei a ela minha vontade em conhecer sua família e ela, animadíssima, concordou.

A madrugada foi tomando conta de nós e nossa exaustão diária parecia não existir mais. Nossa conversa foi se tornando mais intensa e interessante devido a saudade e não conseguíamos mais ficar longe um do outro. O telefone já não era mais o suficiente para conter

nosso desejo.

— Que horas são? — Pergunto.

— Tarde. — Ela responde, eu rio. Ela continua. — Exatamente?

— Sim.

— Deixa eu ver... — Ela faz uma pausa. — Meu Deus, Ian! São quase cinco da manhã.

— Ótimo! Preciso te levar a um lugar.

— O que? Como assim? Agora?

— Isso! Em vinte minutos estarei aí. — Digo.

— Não acredito que vou fugir em meio a madrugada.

— Escapular é a palavra certa. Afinal de contas, eu pretendo te trazer de volta. — Ela ri. Reluta, mas aceita.

— Ok. Te encontro na esquina. O barulho do motor pode chamar atenção.

— Certo!

Visto uma roupa casual e saio. O barulho do carro ecoa sobre as ruas vazias e silenciosas da madrugada, por isso não há necessidade em parar em sinais vermelhos. Em apenas alguns instantes estava lá. Avistei Sophia, ela estava vestida com um vestido manga longa estampado, devido a baixa temperatura. Pisquei duas vezes o farol. Ela notou e veio em minha direção.

— Onde você quer me levar? — Perguntou, curiosa. Entrando no carro.

— É surpresa. — A analiso. — A propósito, você está linda.

— Queria dizer o mesmo, mas não sei se estarei viva até o final desta noite. — Ela brinca. Eu rio e ela me beija de surpresa. Um beijo lento e quente. Aumentando a baixa temperatura da madrugada.

— Essa é a forma que eu uso para dizer que você está um gato. — Ela ri.

— Acho que posso aceitar isso. — Brinco com o seu cabelo. Me ajeito no banco e dou a partida.

Dirijo até o Píer de Dun Laoghaire. Um dos lugares mais lindos de Dublin. A vista para o mar é simplesmente indescritível e o nascer do sol é...

— Maravilhoso, Ian. Essa é a vista mais linda que eu já vi. — Ela está imóvel. Seus olhos brilham com o vislumbre da beleza
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

natural irlandesa. — Como nunca estive aqui antes?

— Bem, a viagem é um pouco longa. Nem todos conseguem vir aqui. — Seguro sua mão. Ela me olha. — Esse lugar foi meu abrigo por muito tempo. Quando sentia que a vida estava me engolindo, era para cá que vinha. Ver esse nascer do sol era como um remédio para mim.

— E por que deixou de vir? — Ela perguntou. Eu sorri. Olhei no fundo dos seus olhos.

— Eu conheci você, Sophia. — Ela ficou sem palavras por alguns segundos. Eu me aproximei dela e deixei o clima falar por nós dois. Envolvi minhas mãos em sua fina cintura de bailarina e trouxe para mais perto.

— Conhecer você foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido. — Ela diz.

O calor de nossos corpos unidos nos mantia aquecidos. Minha mão sorrateiramente passeava pelo seu corpo, explorando cada curva. Seus lábios estavam próximo aos meus e como um ímã, eles se encontram.

Cores fortes e vibrantes estavam presentes no céu. Os raios solares cortavam as nuvens. O sol parecia estar nascendo só para nós, sendo testemunha da nossa intimidade. O lugar vazio desfez toda nossa inibição. Sophia arrancou minha camisa de forma inesperada durante o beijo, e acariciava meu peitoral intensamente. Deixando a magia do pír nos conduzir ao prazer.

Em um movimento repentino, suspendo seu vestido e retiro-o. Deixando-a apenas de lingerie. Vendo sua beleza mais íntima. Sequer o sol se encontrando com o mar poderia se comparar a formosura de Sophia. Ela me olha nos olhos. Posso notar seu corpo inteiro reagindo aos meus toques, arrepiando a pele. Suas mãos estacionam sob meu abdômen e sinto seus lábios tocarem meu pescoço. Minha reação vem em forma de gemidos e excitação. Eu me entrego a ela, permitindo a explorar cada centímetro do meu corpo.

• • •

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Sophia

Sua musculatura é rígida e imponente. É possível notar os resultados de cada esforço físico que lhe fora atribuída. Minha estatura não permitia que meus lábios encontrassem com os deles sem que ele viesse em minha direção. Seguro seu pescoço e conduzo sua boca de volta para minha. A mistura do vento gélido vindo do mar com o calor de nosso beijo, resulta em um ambiente perfeito.

Ian deita sobre o chão do píer e o acompanho. Ficando deitada sobre seu corpo. Minha pélvis entra em contato com a dele, permitindo sentir sua ereção. A sensação me atinge como um fervor que se multiplicava à medida que meus lábios tocavam os dele. Minhas mãos percorrem seu corpo e sinto estar tomando as rédeas da situação. Como um gancho minhas mãos seguram no cós de sua calça jeans e o dispo. As “entradinhas” na lateral do seu abdômen definido são extremante convidativas.

Ele segura minhas mãos. Seu movimento me faz perder o controle. Ele projeta seu corpo sobre meu. Minhas costas encostam no chão, enquanto seu peitoral toca meus seios. O ritmo de nossos corações se iguala. É possível ver a beleza do seu rosto se misturar com a do céu. Seu sorriso é malicioso e seus olhos percorrem meu corpo como se estivesse faminto de desejo. O seu prazer em mim me estremece. E por um instante a insegurança me atinge.

— Ian... — Ele me olha. Sua respiração é ofegante. Sua excitação é claramente perceptível.

— Sim. — Ele sorri.

— Eu sou virgem... — Faço uma careta. Não queria estragar o momento. Ele não se afasta, o que é um bom sinal.

— E você quer fazer isso? Quero dizer, comigo? Eu poderia esperar se... — Ele pergunta. Eu o interrompo.

— Eu quero... E muito. Mas, eu só preciso ter certeza se estamos na mesma sintonia.

— E como você pretende descobrir isso?

— Eu vou fazer uma pergunta... E quando contar até três,

iremos responder a primeira coisa que vier em nossa cabeça. Tudo bem?

— Tudo bem... manda ver!

— Quando você me olha, quero dizer, não agora... mas, vestida.

— Ele ri. — Qual é a palavra que vem em sua mente? — Eu faço um sinal para que ele não fale ainda. — Um... dois... três...

De forma uníssona declaramos:

— Amor.

Um espontâneo sorriso nos escapa. Minhas inseguranças se esvaem. Está tudo perfeito agora.

Ele coloca meu cabelo atrás da orelha e torna a me beijar lentamente. E tira meu sutiã com sutileza. Ele trilha com seus lábios até meus seios. O encontro é arrebatador. Um gemido me escapa ao sentir o contato de sua língua. Observar cada movimento dele me faz morder os lábios. Minhas unhas passeiam suavemente pelas suas costas largas. Me entregando completamente a ele.

...

Ian

Distribuo pequenos beijos pelo seu corpo, com um requinte de pura lascívia. Vagarosamente, tiro sua calcinha. Deixando toda sua intimidade à vista. Meus beijos continuam e escalo seu liso e formoso monte de vênus com meus lábios. Não me contenho com a sua umidade e a beijo. Sophia segura em meus cabelos com sua mão direita, com uma força considerável. E seus gemidos precisam ser contidos levando sua mão esquerda até a boca.

Minha excitação é tamanha que o fino pano da minha cueca não a contém. Fazendo meu membro rígido transpor os limites. Olhos em seus olhos. Ela mantém seu olhar de desejo e malícia, esperando por uma atitude minha. Me posiciono entre suas pernas. Acaricio seus cabelos e beijo sua boca. Gentil e calmamente a introduzo. Sua afeição inicial é de dor, mas logo depois se desfaz, dando lugar a uma afeição de deleite.

— Ian...

Ela chama meu nome em meio a nossa relação. Os movimentos pélvicos eram repetitivos e as estocadas cada vez mais intensas. Ela é apertada, macia e úmida e preciso me controlar para leva-la comigo ao êxtase.

• • •

Sophia

Eu o desejava cada vez mais dentro de mim. A singela dor não se comparava ao prazer. Como em uma dança, nossas línguas se enroscam em um movimento síncrono. Suas mãos exploram cada parte do meu corpo. Meus dedos percorrem em direção a suas nádegas e aperto. Deixando uma marca vermelha em sua pele branca. Estava próxima ao apogeu. Chegando a um lugar desconhecido. Nunca antes visitado. Mudo de posição e fico montada sobre seu corpo. A visão completa de toda sua musculatura exposta é assustadoramente estimulante. Minha coluna se curva de prazer, meus olhos se fecham, minha boca se abre, meus gemidos gradualmente aumentam de volume e pude o sentir chegar. Alcançamos juntos o clímax. Como um verdadeiro casal que se ama. Perfeito.

— Eu te amo, Ian Baxter. — Digo, me desfalecendo sob seu corpo. — Ele me abraça.

— Eu também te amo, Sophia Cole. — Ele beija minha testa. E acrescenta. — Te amei desde o primeiro dia que te vi.

Ficamos por tempo suficiente enlaçados, um ao outro. Observando a paisagem e sentindo os raios do sol tocar nossa pele nua. Aquela paisagem era como uma aliança. Afirmando que ficaríamos juntos para sempre. Meu celular vibra e nos traz de volta a realidade com o despertador.

— Aí meu Deus! Ian... estamos atrasados. — Eu me levanto depressa. Pego nossas roupas do chão. — Temos que ir! Antes que alguém nos veja. — Ele ri da minha cara de preocupação, e trata de me acalmar. Só ele tem esse poder.

Ajudamos um ao outro a nos vestir. O sol já tinha alcançado seu ponto máximo no céu e algumas pessoas começavam a circular pelo local. Era hora de voltarmos a nossa rotina.

A viagem de volta foi serena. Deitei a cabeça sobre seu ombro enquanto ele dirigia e senti a brisa bater em meu rosto e transpassar meus cabelos. Não havia nem sequer uma pontinha de arrependimento. Apenas um sentimento era evidente. Amor.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

Nada além de amor.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

CAPÍTULO 22

VIVER A VIDA.

Sophia

Falta muito pouco para a Apresentação Regional Feminina. E todos na Academia estão ansiosos por este dia. Todos menos eu. Ver Loren subindo naquele palco e executando o solo que dará passe livre a Internacional não era bem meu maior desejo. Mas, hoje a Sra. Sullivan entrou com um sorriso diferente e talvez tudo isso poderia mudar.

— Meninas! Venham todas! — Disse Sra. Sullivan com uma voz fina, fora do comum. Ela estava enérgica e muito agitada. Nos posicionamos no centro da sala e nos assentamos.

— O que aconteceu Sra. Sullivan? — Disse Ellie. Que estava sentada ao meu lado.

Eu e Ellie nos aproximamos muito depois do ocorrido na seleção para Apresentação. Nós tínhamos uma inimiga em comum: Loren Walsh.

— Ao que parece, a representante da Companhia de Artes Olympia, Ava O'Neill, não irá poder participar da Apresentação Regional Feminina. E como ela já tinha sido inscrita e estamos muito próximos da Apresentação... — Ellie segura minha mão. Eu olho em seus olhos. Estamos esperançosas. — A Comissão da Competição decidiu em abrir uma repescagem, para qualquer escola que queira inscrever uma nova representante para substituí-la. Inclusive a própria Companhia de Artes.

Se isso não é sorte. Meus amigos... não sei o que é.

— Sra. Sullivan, isso é espetacular. — Digo, com um grande sorriso.

— É sim, Sophia. Mas, engane-se se pensa que será fácil. O nível da repescagem vai ser idêntico ao da Apresentação. Afinal, todas as Academias e Companhias de Dublin irão querer aumentar suas chances na Competição. — Ela nos analisa. Ellie rói as unhas, tamanha a ansiedade. — Pois, bem... vamos ao que interessa. A

repescagem é esse fim de semana, então não teremos tempo para ensaiar um novo solo. Então, não vou poder seleciona-las pelas suas performances.

— Então, como será, Sra. Sullivan?

— Uma votação. O método mais democrático do mundo. — Todas as meninas olham ao redor. Animadas, mas agora tendo que contar uma com as outras para serem escolhidas.

A Sra. Sullivan se levanta, entrega um papel na mão de cada uma das meninas, inclusive eu. Ela pede para seu auxiliar conseguir uma urna e, pasmem, ele consegue. Ela nos instrui a escrever o nome da menina que queremos votar para a ir a repescagem. É claro que, Loren, como já foi selecionada e inscrita, não estará nesta votação. Mas, o voto, incrivelmente, a Sra. Sullivan deu a ela o voto de minerva.

Eu estava perdida. Ellie é tão boa bailarina quanto eu e se necessitasse do voto da Loren... sei que nunca iria me selecionar. Mas, não podia me dar por vencida. Se eu tivesse um por cento de chance de entrar nessa repescagem. Eu iria acreditar.

— Meninas agora que todas já votaram, vamos a contagem.

Eu e Ellie decidimos em uma votar na outra. Não tínhamos nada a perder.

— Pelo visto, temos um empate. Ellie e Sophia. Bem, como instruído antes... — Ela olha para mim e faz uma pausa. Sabia que Loren tinha uma rixa comigo e nunca iria me escolher. — Loren tem o voto de minerva por ser a escolhida pela Academia a nos representar. — Loren se aproxima e fica de frente para mim e Ellie. Ela nos olha atentamente. Essa aí faz qualquer coisa para vencer.

Anda... Escolhe a Ellie... eu sei que você vai fazer isso mesmo.

— Eu escolho a Sophia.

O que? Mas que merda...

— Parabéns Sophia. — Diz Sra. Sullivan. Ellie me dá um abraço. Não retribuo. Estou imóvel. Estupefata. Pasma.

— Tudo bem, meninas. Esse é o fim. Agora todas para suas posições. — Loren se aproxima com um sorriso maldoso.

— Parabéns Sophia. — Ela estende a mão. Eu me nego a cumprimentá-la.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Por que você me escolheu, Loren? A Ellie... — Ela me interrompe.

— Eu sei que você vai ganhar essa porcaria de repescagem. E aí, quando subirmos naquele palco da grande apresentação, Ian estará lá e ele verá eu derrotar você. Todos verão. — Eu semicerro os olhos e balanço a cabeça negativamente. Loren caminha calmamente em direção a barra.

Que filha de uma...

O sentimento era agriçdoce. Uma mistura de raiva por estar incluída em mais um dos jogos da Loren e de alegria por ter sido selecionada e ter a oportunidade de me apresentar na Regional Feminina.

As coisas entre mim e Loren estavam ficando cada vez mais pessoais. Mas não podia deixar ela entrar na minha cabeça. Se eu quisesse vencê-la teria de dar tudo de mim.

• • •

— Preciso te contar uma coisa. — Dissemos eu e Ian ao mesmo tempo. Isso tem acontecido diversas vezes desde de que nós... vocês sabem.

— Você primeiro. — Ele diz.

— Não, conta você primeiro. — Digo.

— Espera! Já que nem eu ou você irá contar. Podemos conversar mais tarde. Quando te levar para sair.

— Eu fui selecionada para a repescagem da Apresentação Regional Feminina. — Ele esquece o que estava dizendo. Me abraça, me suspende e me beija rapidamente.

— Sophia, isso é incrível, meu amor! — Ele me abaixa.

— Eu sei... não é? Não consigo acreditar como isso foi acontecer.

Não consigo mesmo. Não contava com o voto da Loren.

— Isso merece uma comemoração especial. Como a que vou te levar hoje à noite.

— Concordo. Mas, agora é sua vez.

— Minha vez do que?

— De me contar sobre o que você ia dizer... O que era?

— Hoje à noite, eu te conto.

— Qual é, Ian. Isso não é justo.

— Tchau, Sophia Cole. — Ele me dá um pequeno beijo na bochecha.

— Ian Baxter... — Eu bato o pé. Ele sai andando pelo corredor. Eu rio.

Curiosidade.

Maldita característica que assombra a população feminina. Não conseguia parar de pensar, nem por um segundo, sobre o que Ian tinha para me contar.

Ele recebeu ingressos VIPs para comemorar o aniversário do Patrick na boate mais quente do lugar. A Pulse. Essa boate foi listada como a melhor boate do ano pela Billboard. Não poderia esperar nada menos que uma noite épica.

Vesti uma camiseta de tule transparente bordada com flores e por dentro um sutiã strappy em renda. Uma calça capri de cintura alta e uma sandália meia pata preta. Meu cabelo estava preso em rabo de cavalo com aspecto bagunçado. Todos queriam estar na festa, mas a lista de convidados era muito restrita. Apenas a maior classe das famílias influentes de Dublin estaria presente.

Essa não era o tipo de boate das quais costumava ir, quando morava em Nova Iorque. Ao chegar acompanhada de Ian notei. Ele estava trajado com um com coat longo caqui, camiseta branca. Uma calça skinny com pequenos rasgos no joelho e sua favorita bota chelsea. Tudo em seu interior era ornamentado. Uma mistura de contemporâneo e antiquado. Com luzes coloridas vindas de todos os lados, estátuas vivas e ninguém mais ninguém menos do que a DJ Orla Feeney estaria presente.

— Você quer dizer que o pai do Patrick bancou por tudo isso? — Questiono. Olhando ao redor todos os detalhes da boate.

— Com certeza. O pai dele é uma das pessoas mais influentes da Irlanda. Ele é acionista de uma holding empresarial. Dinheiro para ele não é problema. — Faço uma careta.

— Uai.

— Pois é. — Ele diz, rindo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ele me conduz até a área VIP da boate. Um segurança conferiu nossas pulseiras e liberou o acesso.

— Tudo aqui é de graça. Fica à vontade. — Disse Patrick vindo em nossa direção. Ele estava com um colar de LED colorido. E parecia já estar um pouco alto.

— Obrigada pelo convite, Patrick.

— O que? — O som alto o impede de me escutar.

— Obrigada... — Ele ri.

— Eu te ouvi. Só estou brincando. — Ele ri. E dá um abraço em mim e em Ian. — Fiquem à vontade.

— Você já disse isso, Pat. — Disse Ian. Dando tapas de leve nas costas dele. Ele o parabenizou. Patrick sai.

Ian pega minha mão e me leva até o bar.

— O que vai querer?

— Eu quero que você me diga o que queria contar. — Ele ri.

— Na hora certa. — Ele levanta o dedo chamando o barman.

— Ian. Por favor, essa curiosidade está me matando. — Ele segura meu rosto.

— Apenas se divirta, Sophia. — Ele me beija. — Duas margaritas, por favor. — Ele pede. O barman acena com a cabeça e começa a preparar nossos drinks.

A ansiedade por saber me consome a cada minuto que passa. O drink chega. Não consigo beber.

— Ian... Por favor. — Ele bebe seu drink devagar.

— Ok. — Ele se vira. — Lá vai. — Eu ajeito meu corpo no banco do bar. Fixo meus olhos no dele.

— Parece que vou ter uma chance na Apresentação Internacional.

— O que? — Grito. — Aimeudeus! — Eu coloco a mão na boca e tento conter minha alegria por ele. — Ian isso é incrível. — Pego em sua mão. — Estou muito feliz por você. — Ele não retribui o gesto. — Espera... — Eu olho em seus olhos. — Por que você não está feliz?

— Porque eu só vou ter essa oportunidade por ser um Baxter. Como o filho de Charlotte Campbell não estaria presente? — Ele coloca a taça em cima do bar. Seu olhar está distante.

— Ian... — Eu suspiro. — Não interessa o porquê de você estar

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

lá ou não. O importante é você utilizar essa oportunidade para fazer a diferença. Quem se importa se você é um Baxter?

— Ao que parece, todo mundo.

— Para mim, você é o Ian. O meu Ian. E é isso que importa. Isso que você deve mostrar para eles. — Ele me olha.

— Eu te amo.

— Eu também me amo. — Eu brinco. Nós rimos. Eu o beijo e acrescento. — Eu te amo, seu bobo. — Me levanto. Tomo meu drink em um gole só.

— Uai. — Ele exclama.

— Senhoras e senhores. Quero agradecer a presença de todos nesta noite. — Diz Patrick em discurso. Palmas ecoam no local. Ele continua. — Vamos fazer desta noite a melhor noite de todas! — As pessoas gritam e a DJ volta a tocar.

— Vem! Vamos dançar. — Puxo seu braço.

Eu o conduzo até a pista de dança. Nossos corpos se remexem ao ritmo da música eletrônica tocada ao fundo. Totalmente diferente do ballet. Agora não havia regras ou pressão. E muito menos alguém para avaliar nossas técnicas ou movimentos. Nós somos jovens e precisamos de momentos assim para nos sentir livres. Para dançar. Amar e viver a vida.

CAPÍTULO 23

MOMENTOS PARA RECORDAR.

Sophia

— Sophia! O que faz aí? Você é a próxima! — Disse Sra. Sullivan. Me puxando de trás das cortinas. Estava assistindo à apresentação da Companhia de Artes Olympia. Apesar da Ava O'Neill não poder competir, essa candidata tinha de tudo conseguir a vaga.

— Desculpe, Sra. Sullivan. Eu estou muito nervosa. Essa dançarina é incrível! — Ela me abraça.

— Eu sei, querida. E você também é, vai por mim. O que você tem que fazer aqui, hoje, é a mesma coisa que faz em sala de aula todo santo dia. — Ela me olha nos olhos e acrescenta. — Você é uma bailarina incrível, Sophia. Mas, precisa acreditar em seu potencial. — Eu sorrio. O nervosismo estava me deixando enjoada. Precisava sentar.

— Obrigada, Sra. Sullivan. — Sorrio.

— De nada. Agora vá ao camarim, precisa ajeitar esse tutu.

Chego ao camarim reservado para a Academia. Me sento. Tento colocar meus pensamentos em ordem e aos poucos a sensação de enjoo se esvai. Ian abre a porta. Eu saio correndo em sua direção e o abraço.

— Ainda bem que você está aqui! — Ele retribui o abraço e sussurra em meu ouvido.

— Vai lá e bota para quebrar! Eu te amo. — Eu o beijo. E me sinto mais leve.

Ele me ajuda com os preparativos e utensílios. O teatro tinha um estilo vitoriano, e sua plateia e galeria estavam totalmente lotadas. Minha mãe, Evan, Natalie, todos estavam presentes para assistirem minha apresentação e o que era para me deixar relaxada, só me deixava mais insegura.

— Lembre-se que essa é a sua maior chance para ir a Regional. — Diz Ian.

— Ah! Obrigada por me lembrar desse pequeno fato. Ajudou bastante! — Digo com um tom irônico, brincando. Sorrio. Sei que ele

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

só quer ajudar. — Mas, só de você estar aqui. Já faz eu me sentir muito melhor.

— A nossa próxima apresentação será de Sophia Cole, da Academia de Dança Baxter. — Ouço a anunciante. Sra. Sullivan entra rapidamente pela porta.

— Sophia! Essa é a sua hora. — Ela começa a ajeitar meu tutu e meu cabelo.

Eu estava vestindo um tutu romântico branco. Este tutu conhecido por possuir de três a doze camadas do tecido. E a saia é ligada ao corpete. Estes tutus são os meus favoritos, pois fazem meus movimentos se tornarem mais livres. Na minha cabeça havia um simples adorno, como uma coroa, mas feita de penas.

— Pronto! Agora sim. O estilo de dança é livre, então, vai lá e mostre o seu melhor. — Libero um sorriso para Sra. Sullivan e Ian.

— Obrigada.

— Sim, sim... agora vai! — Ela me empurra em direção ao palco. Pude ver os lábios de Ian se movendo como se quisesse dizer: “Arrasa! ”.

Sra. Sullivan sussurra algo em meus ouvidos, mas não dou atenção necessária. Eu travesso as cortinas e tenho de encarar todo aquele público. E dessa vez, Ian não estava ali, do outro lado do palco para segurar minha mão. O silêncio dura poucos segundos até a música dar o seu início. Executo inicialmente movimentos suaves, mas ainda tímidos. Precisava dar mais de mim se quisesse conseguir essa vaga. E neste momento, como um passe de mágica, meu cérebro lembro-me o que a Sra. Sullivan sussurrou: “Se o medo persistir, feche os olhos e busque sua melhor lembrança. Aquilo que realmente te faz feliz”.

Ao fechar os olhos, as imagens vieram como um flash. Em formato de filme em preto e branco me vi pequena, ainda dançando naquele centro comunitário de Chicago com a Professora Cruz. Lembrei-me do Simon e de nossos momentos loucos na Ricky Chicken. Meu coração acelerava e meu corpo não parava de se mover ao ritmo da música. Lembrei-me do reencontro com Evan e do abraço dado em minha mãe depois de tanto tempo. Ainda estou de olhos fechados, mas tudo está tão nítido, posso sentir meu corpo

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

obedecendo cada ordem do meu cérebro. Recordo do pfer, o sorriso do Ian. O nascer do sol iluminando nosso momento. Um momento único. Só nosso. Seus braços envoltos em mim e o atrito da minha pele na dele.

A música se aproxima do seu fim. Finalizo minha apresentação com um arabesque penché. Apontando minha perna para o teto, alcançando um ângulo de cento e oitenta graus. Esta é uma posição de ballet que requer muita força, flexibilidade e muitos anos de prática para se fazer com maestria. Mas, esta é a primeira vez que executo este movimento e o fiz com perfeição. Saúdo o público, en face, e saio do palco ovacionada, mas tentando entender o que aconteceu.

— Os analisadores verificaram, fizeram suas anotações e decidiram. — Diz a anunciante. — Ela abre o envelope. — E a instituição que conquistou a vaga para a Apresentação Regional Feminina nesta repescagem foi a... — Pausa dramática. — Academia de Dança Baxter! Meus parabéns!

Todos aplaudem. Sentada na primeira fileira pude ver os rostos felizes de Evan, minha mãe: Susan e Ian. Sra. Sullivan apenas batia palmas e balançava sua cabeça positivamente, como se já soubesse do resultado. Minha mãe e Evan me dão um abraço e eu retribuo.

— Parabéns, pequena Sophi. — Diz Evan.

— Que orgulho de você, minha filha! — Diz Susan.

— Obrigada por vocês estarem aqui.

— Como não poderíamos estar. — Dizem juntos e me abraçam novamente. Ian é testemunha distante. Minha mãe percebe o olhar e se desvencilha do abraço. E com delicadeza conduz Evan a fazer o mesmo.

— Parece que alguém precisa falar com você. — Diz minha mãe, apontando com os olhos para Ian. Nós rimos. Eles saem e Ian se aproxima.

— Eu disse que você ia arrasar. — Ele segura minha cintura e me dá um pequeno beijo.

— E você estava certo. — Eu rio e ele retruca.

— Estou sempre certo.

— Ei! Você quer saber o que eu pensei durante a apresentação? — Ele balança a cabeça positivamente e me olha
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

esperando por uma resposta. Seu olhar é de admiração. — Em nós... — Faço uma pausa. — Na verdade, pensei em muitas outras coisas, mas quando pensei em nós, não senti mais medo. Era como soubesse o que fazer na hora certa e no momento certo.

— É assim que me sinto com você também, Sophia. — Eu sorrio com suas palavras. Ele continua. — Meu conturbado relacionamento com meu pai, minhas inseguranças e temores. Tudo isso se vai quando estou com você. Sou a melhor versão de mim mesmo ao seu lado. E quero me sentir assim para sempre.

Meu coração queima ao ouvir aquelas palavras. Nunca imaginei que meu sucesso iria andar de mãos dadas com o amor. Queria dividir cada conquista com Ian e ter eternamente fascinantes momentos para recordar.

CAPÍTULO 24

AONDE QUER QUE VÁ.

Ian

Terno e gravata. Buquê de flores em uma mão e uma garrafa de vinho na outra. É assim que me encontro em frente à porta principal da casa do Evan, irmão mais velho de Sophia. Toco a campainha. Duas vezes e a porta se abre.

— Ian! Não fique aí parado, irmão. Venha, pode entrar. — Disse Evan. Ele estava com uma roupa causal. Apenas camiseta e jeans. Eu sorrio com sua hospitalidade e dou um passo à frente, entrando. Ele fecha a porta. Um cheiro delicioso atinge minhas narinas. Aposto que a mãe de Sophia deve estar preparando algo incrível.

— Sophia! O Ian chegou. — Ele estende a mão para me ajudar. Lhe entrego a garrafa de vinho tinto suave. — Obrigado por isso.

— Disponha. Obrigado por me receber. — Ele se vira e sai. Posso ouvir passos rápidos vindo em minha direção. Sophia.

— Olá, bonitão. — Ela diz e me dá um beijo rápido. Ela está vestida com uma saia denim, blusa com botões estampada e nos pés alpargatas.

— Desculpe, senhorita. Acho que entrei na casa errada. — Eu rio. Ela me analisa.

— Acho que tinha deixado claro que não somos uma família chique. Não temos sala de jantar e de estar. Tudo aqui se torna sala de jantar. — Ela ri.

— Eu sei. Me desculpa. Acho que exagerei. Pensei: “Terno e gravata não erra nunca”. Por não querer errar, errei feio. — Faço uma careta. Ela agarra meus lábios e o beija rapidamente.

— Sem essa. Aqui também não julgamos. Então fique à vontade. — Eu relaxo os ombros. Estou tenso demais.

— E essas flores? — Ela estende a mão para pegá-las. Eu as afasto. — Ei! — Ela protesta.

— São para sua mãe!

— Uai! Que romântico da sua parte. Nunca me deu flores e quando aparece com um buquê, são para minha mãe. — Eu rio.

— Eu prometo encher o vestiário da Academia de flores para você se necessário, mas hoje, essas são para sua mãe.

— Não exagera, Ian. — Ela segura minha mão. — Vem! Quero te apresentar a todos.

Sophia me arrasta pela casa, até os fundos, onde havia um lindo jardim, com uma mesa de madeira ao centro. A mesa estava coberta com uma toalha branca florida.

— Família... Ian... — Ela se vira para mim. — Ian... Família. Pronto, estão devidamente apresentados. — Eu rio. E me aproximo das pessoas que rodeavam a mesa.

— Prazer em conhecê-lo, Ian. — Diz uma moça ruiva de olhos verdes. Acredito ser cunhada de Sophia. — Meu nome é Natalie. Acredite, foi difícil para mim também. — Nós rimos. — Você é daqui mesmo, de Dublin?

— Sim... — Quero dizer... Sou do Norte, Belfast. Mas, me mudei para Dublin muito pequeno.

— Isso é ótimo. É bom ter outro irlandês na família. — Ela se aproxima e sussurra. — Eu acho que eles têm meio que um fetiche irlandês ou algo do tipo. — Ela brinca. Nós rimos. E vem em minha mente cenas com a Sophia na Academia e no pfer. Balanço a cabeça para que as imagens desapareçam.

— Parece que vocês já se conheceram. — Diz Evan. Se aproximando. Ele abraça Natalie.

— Sim. — Diz Natalie. — Estava tendo uma conversa com Ian. De Irlandês para Irlandês. — Evan sorri e concorda. — Que ótimo! — A mãe de Sophia se aproxima. Sophia observa ao longe minha interação com seus familiares.

— Boa tarde, Ian. Por favor. Sente-se. — Diz Susan.

— Boa tarde, Sra. Cole. É um prazer enorme finalmente conhecê-la. Estas flores são para você. — Entrego a ela o buquê, recheado de rosas de todas as cores.

— Você é um amor. — Ela me abraça. Sophia se aproxima. — Sentem-se vocês dois. Servirei o almoço em instantes.

— Obrigado, Sra. Cole. — Digo, sorrindo.

— Me chame de Susan, querido. — Ela sorri e se vira.

— Parece que ela gostou de você. — Diz Sophia, apoiando sua

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

cabeça em meu ombro.

— O segredo está no buquê de flores. — Nós rimos. Ela golpeia meu braço. E me conduz até a mesa.

Susan Cole prepara o que na minha opinião é o melhor frango de todos os tempos. Sophia me contou que é um tipo de iguaria de família e que seu pai amava. Se tornou a comida favorita de Evan desde então e sempre que há uma reunião familiar, o frango não pode ficar de fora. Ela aproveitou e me contou toda história da família. Disse que não se sentia abalada em me contar já que não teve o prazer de conhecer seu pai. Ao ouvir, pensei e refleti em minha relação com meu pai e o tempo que perdi em uma briga frívola e sem sentindo. Sophia tinha uma mãe que valia pelos dois e isso era admirável. Eu deveria dar importância ao que tinha em minha vida.

— Esse frango está maravilhoso, Susan. — Digo.

— Obrigada, Ian. — Ela sorri e toma um gole da taça que estava com o vinho que trouxe. — Agradeço por isso também. — Ela suspende a taça.

— Disponha.

Evan bate suavemente com o garfo na taça, propondo um brinde. *Tim. Tim. Tim.*

— Quero propor um brinde. A este momento. A nossa família reunida. — Ele beija suavemente a bochecha direita de Natalie e continua. — A Sophia a melhor bailarina da Academia de Dança Baxter. — Ele me olha — Nada pessoal, Ian. — Eu rio. — Ao Ian por fazer parte desta família. Seja bem-vindo. E a ele... — Ele suspende mais alto sua taça. — Pai, onde quer que você esteja. Essa é para você. — Ele toma um gole. Nós o acompanhamos. — Os olhos de Susan se enchem de lágrima. Sophia segura minha mão e Natalie olha para Evan com ternura, que se senta e volta a comer.

Família. Essa é uma palavra que tem muito sentido aqui. Eu pude aprender muito sobre eles em pouco tempo. Esse aprendizado vou levar comigo, no meu coração.

Aonde quer que vá.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

CAPÍTULO 25

SERÁ?

Sophia

— Sophia! Vamos nos atrasar. Temos que chegar em Temple Bar em alguns minutos. — Grita Ian.

O Temple Bar é o nome do bairro cultural e de entretenimento de Dublin. Quando se diz respeito a arte contemporânea de teatro, dança e performance, ele é o número um.

Localizado bem no coração deste bairro está, o tão famoso, Project Arts Centre. Este é simplesmente o maior centro de artes multidisciplinar de Dublin. Ele hospeda as maiores exposições de artes visuais, teatro, música, além de performances e competições de dança. E hoje, neste mesmo lugar acontecerá a Apresentação Regional Feminina de Ballet.

Que emoção! Não perco por esperar!

— Estou pronta! — Jogo a minha bolsa no banco de trás do carro do Ian. Entro. Olho em seus olhos. — Vamos?

— Onde está o resto do pessoal?

— Evan irá levá-los no carro dele... — Trocamos olhares. Ele sorri. Ficamos um tempo em silêncio. Ele está orgulhoso de mim. — Agora, vamos! — Digo, rindo. Ele dá partida no carro.

Ian, quando está com pressa, dirige como se estivesse em uma corrida de Fórmula 1. O Lewis Hamilton Irlandês. Não havia obstáculos que pudesse pará-lo. Meu corpo é lançado de um lado para o outro à medida que ele faz as curvas em alta velocidade. A velocidade é tamanha que é necessário eu me segurar. Minha sensação é que estou em uma montanha russa.

— Chegamos! — Diz Ian. Ele me analisa e solta uma risada.

— O que foi? — Pergunto, curiosa.

— Acho melhor você dar um jeitinho nesse cabelo. — Me olho através do retrovisor. Meu cabelo está uma loucura. Ele para de rir e dá um beijo. Faltava pouco tempo para a Apresentação começar e ainda precisaria me arrumar.

Encontro o camarim, dentro do Centro de Artes, que foi
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

reservado para nós. E me dou conta assim que entro que não estava sozinha. Havia uma presença ruim, tenebrosa e até mesmo diabólica. Loren Walsh.

— Eu achei que pelo menos você iria tentar ganhar de mim. — Diz Loren, me analisando dos pés à cabeça. Ela acrescenta. — Quando os avaliadores virem seu estado, não vão ter dúvidas em me escolher. E olha que pensei que você fosse me dar algum trabalho. Pelo que parece, me enganei. É raro. Mas, me enganei.

Loren estava linda. Tinha que admitir. Seu traje era muito parecido com o utilizado no solo original. Não me impressionaria se fosse, afinal a família dela esbanja dinheiro.

— Se já acabou, Loren, tenho coisas mais importantes para fazer. — Digo, indo em direção ao espelho para me arrumar.

— Tudo bem, Sophia. Te vejo no segundo lugar. — Ela libera aquele sorriso cínico e sai do camarim.

Tudo bem, Sophia. Se concentra. Hoje é o seu dia.

Coloco meu traje de Raymonda e ajesto meus cabelos. Estava quase preparada só faltava a sapatilha. Fui em direção a poltrona onde tinha deixado a caixa com meu par de sapatilhas dentro. Antes de colocar na caixa, conferi dezena de vezes para que não caísse na mesma armadilha de Loren.

Pego a caixa e a abro devagar. Tiro minhas sapatilhas e embaixo delas tinha um envelope, pequeno, pardo que continha um bilhete que dizia: “Cuide bem de seus pertences.”. Tomada pela curiosidade rasguei o envelope sem pensar duas vezes. E três fotos voaram de dentro. Me levantei depressa e peguei as três fotos que se espalharam pelo camarim. Minha visão está um pouco turva, acredito ser efeito da confusão em minha cabeça.

Foco minha visão nas fotos e a imagem começa a ficar nítida. Era uma foto de Loren deitada, sem sutiã ao lado de um cara.

Espera!

Estreito os olhos. Parece que conheço essa pessoa. Aproximo mais as fotos.

Ian?

Que tipo de sacanagem é essa?

Não pode ser real!

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Minhas mãos estavam trêmulas. Larguei as fotos o mais rápido possível, com um nojo imensurável. Levo minhas mãos a boca. Sinto algo úmido escorrer pelo meu braço. *Estou chorando?* Não conseguia discernir se eram lágrimas de raiva ou tristeza. Estava atônita. Imóvel. Apenas meus olhos pareciam estar vivos, pois havia uma cachoeira de lágrimas sob meu rosto agora.

Eu tinha me entregado a ele. Confiado nele, mas ele me traiu. O amor é uma armadilha maldita. Sempre ferindo aqueles que tentam usufruí-lo. Me coloquei de pé. Enxuguei minhas lágrimas e refiz minha maquiagem.

Você é mais importante do que isso, Sophia!

O ballet era mais importante do que tudo isso.

Terminei de me arrumar e meu coração estava obscurecido pelo ódio e frustração. Isso só poderia terminar de duas formas: ou eu canalizaria todo esse sentimento e usaria na dança, ou ficaria aqui e me lamentaria de tudo que aconteceu. Eu, Sophia Cole, prefiro a primeira opção.

Sigo em direção ao palco, e ouço sons de palmas. Loren passa pela cortina.

— Eu sou muito boa, não é mesmo? Ah! É a sua vez, agora. — Meu interior queimava, precisava me controlar, minha apresentação era em alguns minutos. Ela olha para meus pés. — Você encontrou suas sapatilhas? Elas não estavam destruídas dessa vez, estavam? Espero que tenha gostado do presente. — Ela passa por mim, rindo, indo em direção ao camarim. Eu respiro fundo, uma lágrima tenta escapar, eu a contenho.

— Recebam agora, no palco, da Academia de Dança Baxter: Sophia Cole. — Muitos aplausos. As pessoas já conhecem e comentam sobre o que sou capaz. Tinha que mostrá-los que eu não era apenas uma incerteza, mas uma bailarina de verdade, ou melhor. Uma perfeita bailarina.

Eu apareço no palco. O canhão de luz me atinge. Procuro o lan na plateia. Não o encontro. Me distraio e não percebo que o auxiliar tinha iniciado a trilha sonora.

— Me desculpe. Pode recomeçar por favor? — Olho para os analisadores. Estão torcendo os seus narizes. Estava apavorada. O ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

auxiliar reproduz novamente a música e desta vez, não me atraso.

Executo os movimentos, en pointe, com perfeição como o solo nos obriga a fazer. Entre um movimento e outro, levo meus olhos em direção ao público, buscando por Ian em meio a multidão. Meus pés cedem, perco o passo e tenho que recomeçar o movimento. Recomeço com um glissade, me preparando para ficar em pointe. Minha visão me atrai às cortinas e é possível ver Ian, me aguardando. Meus pés vacilam novamente e próximo ao final da apresentação, me estabilizo. Mas não é o suficiente. A música para e ao invés de palmas ouço o barulho do silêncio.

Sigo em direção ao camarim, Ian me olha, seu olhar é de tristeza. Passo por ele sem proferir uma só palavra.

— Sophia, espera! — Ele me segue. — Continuo andando, entro no camarim, ele me acompanha. Tento ignorar sua voz. Meu coração acelera. A maldita lágrima insiste em escapar. Ele segura meu braço e me força a virar.

— Sophia... — Ele me analisa. — O que aconteceu?

— Só me deixa sozinha, Ian. Por favor! — Ele parece surpreso.

— Só me diz o que aconteceu. Por favor. — Eu fico muda. Ele solta meu braço.

— É isso que você costuma fazer, Ian? Você diz palavras doces das quais as meninas gostam de ouvir. Diz que as ama para poder transar com elas?

— O que? Sophia! Não, claro que não... de onde você tirou isso? — Ele tenta me segurar, eu escapo.

— Uma imagem vale mais que mil palavras, Ian. — Pego as fotos que estavam no chão e atiro em seu peito. Elas caem novamente. Ele agacha e pega as fotos. Parece chocado.

— Sophia, eu posso explicar. — Ele suspira.

— Vai embora, Ian. Só... vai embora.

— Sophia... isso foi muito antes... — Eu o interrompo.

— VAI EMBORA! — Berro. Ele estremece, se vira e sai. — Eu me assento, minhas lágrimas jorram.

— Sophia? — Ouço voz familiar vinda da porta.

— Mãe! Mãe! — Ela corre em minha direção e me abraça. Eu me seguro nela como se fosse cair no precipício. Na verdade, estava ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

caindo. — Mãe, eu... — Ela coloca o dedo indicador sobre meus lábios, me interrompendo.

— Shiii. Eu estou aqui querida. Eu estou aqui.

— E a grande campeã da Apresentação Regional Feminina é... — O anunciante faz uma pausa. Ele abre o envelope. Fico sentada na segunda fileira de mãos dadas com minha mãe, que me lança um sorriso tímido. Tanto ela quanto eu sabíamos que não seria meu nome escrito naquele papel timbrado. — Loren Walsh, da Academia de Dança Baxter.

Loren é ovacionada. As lágrimas de crocodilo dela são perceptíveis. Ela toma o troféu, sem pudor, das mãos do anunciante e o levanta o mais alto que pode. Ela me olha e sorri ironicamente. Ela faz um breve discurso, cuspidando palavras de autopromoção.

Minha mãe me abraça e acaricia meu ombro. Nós nos levantamos e sem alardes, saímos. Não queríamos ser testemunhas da glória de Loren.

Ao chegar em casa, vou direto para meu quarto. Deito na minha cama e meus pensamentos tomam conta de mim. Penso que se não haverá próxima vez. A história se repete, a menina apaixonada fica cada vez mais longe do seu sonho. Mas agora decidi, não vou cometer mais o mesmo erro. E de uma vez por todas será: ou o Amor ou o Ballet. Sem sombra de dúvidas escolho o Ballet.

Com certeza.

Suspiro.

Coloco a almofada sobre meu rosto.

Será?

CAPÍTULO 26

NÃO TÃO FÁCIL.

Ian

— Sophia...

Ela passa por mim no corredor, vai de encontro a Ellie, que a abraça. Elas seguem juntas para sala de aula. Sophia ignora totalmente minha voz. E não é por menos. Depois que aquelas fotos apareceram, nosso relacionamento desapareceu.

Ela aparenta ter me esquecido, mas não posso dizer o mesmo a meu respeito. Mesmo que já tenha um tempo desde o acontecido, as lembranças cismam em surgir toda vez que deito em minha cama. Queria conseguir ao menos dar um passo à frente, assim como Sophia deu, mas meus pés parecem fincados no chão.

Falta pouco para a grande Apresentação Internacional que irá acontecer aqui, em Dublin, este ano. E com toda influência que o nome Campbell e Baxter possui, fui um dos selecionados a se apresentar. Não consigo ensaiar, nem um movimento sequer. Todas as piruetas que faço, toda sequência que executo me lembro daquele dia. O dia que éramos só nós dois e uma dança.

Malditas fotos.

Maldita consequência.

Se eu pudesse ter pelo menos uma chance de dizer a ela tudo o que eu sinto. Contar a ela que de todas as garotas do mundo, ela é a minha escolha. Nenhuma outra menina balançava meu mundo como Sophia Cole. Por isso, ela era minha garota favorita. Por isso que eu a amava.

— Oi, Ian. — Diz Loren, vindo em minha direção no corredor.

— Loren...

— Pelo que parece ainda somos os melhores bailarinos desta academia. Eu e você, na Internacional... — Eu a interrompo.

— Vai direto ao assunto, Loren.

— Eu estou querendo dizer. — Ela se aproxima. — Que nada mudou, e não precisa mudar. Ainda podemos ser como antes, só nós dois.

— Você só pode estar louca. — Me desvio da sua aproximação. — Você destruiu meu relacionamento com a Sophia e agora vem aqui, se arrastando. No que você estava pensando? Que eu iria pular em seus pés?

— Não, Ian...

— Já chega, Loren. Chega de jogos, chega de tudo isso. — Dessa vez, eu me aproximo. Com um semblante nada amigável. — Entenda, de uma vez por todas: O que nós tínhamos acabou. E não tem mais volta. — Eu saio. E a deixo perplexa no corredor.

Carregar o nome Campbell e Baxter pode te trazer alguns benefícios, mas vai por mim, não se compara aos problemas. Era uma linha tênue entre a benção e a maldição. A pior parte de ser um legado, é que muitas das vezes, você tem de escolher entre ser feliz, ou ser bem-sucedido. Renunciar a tudo isso estava fora de questão.

• • •

— Pai, podemos conversar?

— Cla-claro, meu filho. — Ele gagueja, foi pego de surpresa. Em seguida ele se ajeita na poltrona, desliga a televisão e fixa seu olhar em mim. Não me lembro da última vez que tive uma conversa com Owen.

— Como você sabia que a mamãe era a pessoa certa? — Os olhos dele brilharam. Parece que estava vendo um filme do passado.

— Essa é fácil, Ian. Quando dancei com sua mãe pela primeira vez, era como estivesse dançando sozinho. Não em uma forma negativa, mas nossos movimentos eram tão síncronos e nossos corpos tão simetricamente perfeito que foi impossível não me apaixonar a primeira dança. — Um sorriso me escapa ao ouvir essas palavras.

— Mas, e a Charlotte, sentiu o mesmo? — Ele ri.

— Claro que sim. — Ele brinca. — Afinal de contas, de quem você acha que puxou toda essa beleza. Eu era uma versão sua quando tinha sua idade. — Nós rimos. Ele acrescenta, com um tom mais sério. — Ian, eu e sua mãe fomos feitos um para outro, não foi a dança que nos uniu, mas o destino. Se você acredita que a Sophia é

a sua Charlotte, então não desista dela.

— Eu vacilei, pai. — Suspiro e reitero. — Vacilei feio.

— E como você acha que me senti quando vi que sua mãe nunca mais poderia dançar? — Ele se levanta e se assenta ao meu lado no sofá. — O amor dela por mim a fez me perdoar. Isso martela em minha cabeça o dia todo, mas de noite posso dormir tranquilo, pois sei que o amor da minha vida está ao meu lado. — Uma singela lágrima escorre pelo meu rosto até a ponta do queixo. Eu o abraço forte, ele retribui. — Não perca tempo, vai atrás dela!

— Obrigado, Owen. — Ele me lança um olhar cômico. — Quero dizer... pai.

Eu olho no relógio e o horário de expediente da Sophia na taverna do Ralph já tinha começado. Tinha que tentar convence-la que tudo aquilo foi um erro, uma decisão errada e que a minha melhor decisão foi no momento que escolhi a ela. Tinha que tentar. Nem que fosse a última vez.

...

Cheguei na taverna do Ralph e o sol não estava mais brilhando no céu. Estacionei o carro e depois de respirar fundo três vezes, resolvi entrar. O lugar estava mais cheio do que de costume. Verdade seja dita, estava completamente lotado. Muitas pessoas que nunca ao menos tinha visto antes, nem no bar ou na cidade.

— O que está acontecendo aqui, Ralph? E... — Olho para todos os lados. — Onde está a Sophia?

— Ian, meu rapaz... — Ralph está enrolado parece estar trabalhando sozinho desde cedo. — A Sophia se demitiu.

— Como é? Por que, Ralph? O que aconteceu? — Levo as mãos para trás da cabeça. Desacreditado.

— Calma! Ela veio mais cedo... — Ele entrega a bebida para o cliente que estava esperando. — Aqui está Carl! — Ele sabe o nome de os clientes de cor. Ralph é incrível. — Como estava falando... — Ele me olha e continua. — Ela veio aqui mais cedo e se demitiu quando soube que era você quem estava pagando o salário dela.

— Não! Ralph... você contou? Você me prometeu... — Ele me

interrompe.

— Ela é uma garota esperta, Ian. Ela simplesmente deduziu. E eu não poderia mentir. Fiquei em uma saia justa aqui. — Eu bufo.

— Verdade. Me desculpe Ralph. Sabe ao menos para onde ela foi?

— Não. Desculpa mesmo, Ian.

— Tudo bem... — Suspiro. Volto minha atenção para aquelas pessoas. — Isso aqui está lotado, hoje, não?

— Sim! Os deuses têm sido bons comigo. Essa turma é estrangeira. Parece que vieram todas as partes para a Apresentação Internacional.

Claro! Como poderia ter esquecido?

Essa é a época que a cidade fica repleta de turistas. Pessoas de toda parte do mundo vem para Irlanda, apenas para ver os melhores dançarinos do mundo em suas performances.

— Vocês, por um acaso, têm Jack Daniels com Coca-Cola light?

— A famosa Cuba libre? — Pergunta Ralph, retoricamente. — Com certeza! — O cliente sorri.

— E aí, cara. Tudo bem? — Ele pergunta.

— Tudo sim. — Respondo. Ainda com meus pensamentos em Sophia.

— Você também veio para apresentação?

— Não. Eu sou daqui. — Eu suspiro. — Mas também vou me apresentar.

— Sério? Isso é ótimo, cara.

— E você, de onde é? — Pergunto a ele. Ele pega sua bebida. Agradece ao Ralph.

— Sou de Nova Iorque, Estados Unidos. — Outro fato que me faz lembrar de Sophia. Aliás, devo estar louco, tudo me faz lembrar dela. — Qual é o seu estilo de dança?

— Ballet e o seu?

— Dança contemporânea. — Balanço a cabeça positivamente.

— Legal.

Silêncio.

— Então, curti o papo. Meu nome é...

— Jacob! — Uma pessoa, no meio da multidão grita.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— É esse. — Ele diz, rindo.

— Ian. Foi um prazer. — Eu lhe estendo a mão. Ele aperta.

— O prazer foi todo meu, Ian. — Ele se vira e vai em direção as pessoas que estavam chamando por ele.

Meu plano foi por água baixo. Sophia não queria falar comigo na Academia e não estaria mais aqui para conversarmos. Teria que ser mais ousado se quisesse ter ela de volta. Precisava mostrar a ela que não iria desistir.

Não assim.

Não tão fácil.

CAPÍTULO 27

NADA PODERIA SER PIOR.

Sophia

O trauma foi grande. Tão grande que sinto um enjoo toda vez que me lembro daquele dia. Não consigo esquecer dele. Queria que fosse fácil assim, mas não é. Preciso de toda força e concentração do mundo para não responder toda vez que ele me chama. Apenas uma vez no dia, por algumas horas o nome de Ian Baxter não se passa na minha cabeça. E esse momento é agora. Quando estou dançando.

— Sophia. Você precisa melhorar essas piruetas! — Minha cabeça está girando. Perdi as contas de quantas piruetas a Sra. Sullivan me forçou a dar hoje. — Vamos, por um acaso você não tomou café da manhã, menina. — Sinto algo vindo do meu estômago. E não é nada bom. Executo mais uma pirueta e agora posso sentir o gosto ruim em minha boca.

— Desculpe Sra. Sullivan, preciso ir ao banheiro.

Eu saio disparada em direção ao banheiro. A porta faz um estrondo quando passo por ela. As pessoas me encaram à medida que me veem correndo desviando delas. O banheiro nunca esteve tão distante e não tenho tempo de chegar ao vaso e expilo tudo aquilo que estava me fazendo mal. Me apoio na cerâmica da pia. Abro a torneira para que a água possa levar com ela toda a sujeira. Respiro fundo. Sinto que há algo de errado comigo.

Limpo minha boca e volto para sala. A aula já estava no fim.

— Muito obrigada por hoje, meninas. — Diz Sra. Sullivan. — Sophia, por favor, fique. — As meninas saem e Sra. Sullivan me encara. Quando a última delas sai, ela se aproxima. — O que você pensa que está fazendo, Sophia?

— Sra. Sullivan... — Ela me interrompe.

— Nada de “Sra. Sullivan”. Eu sei que você e, aquele garoto, Ian terminaram. Todo mundo sabe. Mas isso não é desculpa para você não dançar.

— Eu sei... — Ela me interrompe novamente.

— Eu não acabei ainda, mocinha. — Ela me analisa. — Sophia,

seu rendimento caiu mais de cinquenta por cento desde a Apresentação Regional. Você não é mais aquela campeã que costumava ser. Você precisa voltar a dançar. Engana-se se você pensa que está dançando. Você precisa estar aqui de corpo e alma e não apenas de corpo. Você me entende? — Ela cruza os braços e bate o pé.

— Você tem razão, Sra. Sullivan. As coisas muitas das vezes não saem como gostaríamos, não é mesmo?

— Não, minha querida. Claro que não. Mas o que faz de nós uma campeã é que quando as coisas não saem como queremos, nós damos a volta por cima.

— Obrigada. Sra. Sullivan.

— Não me agradeça. Apenas dance. — Ela me abraça. — Agora vá descansar. Vi que você estava exausta hoje. Está tudo bem?

— Sim! — Minto. Não queria que ela se preocupasse com o caso que vomitei a pia do banheiro inteira.

— Então, nos vemos amanhã.

— Até amanhã.

Eu passo pela porta e sigo em direção a saída. O caminho passa em frente à sala de aula dos bailarinos e consigo ter uma visão de Ian dançando. Enjoo. *Deus!* Sigo rapidamente, quase correndo pelos corredores. Precisava de ar. Ao abrir a porta, uma brisa me atinge, aliviando aquela péssima sensação.

Segui até a minha casa andando. A aglomeração do bonde poderia fazer a tal sensação voltar. No caminho vejo diversos rostos diferentes. Pessoas que vieram de muito longe para a Apresentação Internacional. A tal apresentação que era meu sonho. Seguro firme minha bolsa, abaixo a cabeça e aperto o passo, a sensação estava voltando e podia sentir que meu estômago queria expelir mais do que eu tinha colocado para dentro no café da manhã. Agora estou correndo. Preciso chegar em casa... preciso... sinto algo me bloqueando e em seguida vou ao chão.

Olho para o alto, o sol me impede de ver quem é. A pessoa estende a mão, eu aceito ajuda. Mãos masculinas, braços fortes. Eu me levanto.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Obrigada. — Limpo minha roupa. — E desculpa por... — Sou interrompida.

— Sophia?

Espera? Essa voz... é muito familiar.

Eu olho em direção ao rosto da pessoa. O sol já não está encobrendo e tenho a visão clara de quem se tratava.

— Jacob? Mas o que... — Enjoo. Vômito iminente em três... dois... um. Coloco tudo para fora. Bem na frente do Jacob. *Não acredito!* Nada poderia ser pior.

• • •

— Sophia, você está bem? — Ele bate na porta.

Jacob me levou até o banheiro, no apartamento do hotel onde estava hospedado com o Grupo de Dança Contemporânea da Julliard. O Hilton é um hotel de quatro estrelas, incrivelmente lindo e tudo estava sendo pago pela Escola.

— Estou bem. Obrigada. — Grito. Já tinha me limpado. Estava sentada sob o vaso sanitário pensando em uma forma de explicar tudo aquilo. Respiro fundo e enfim, abro a porta.

— Que bom que você está bem. Fiquei assustado com você.

— Eu não te sujei. Sujei? — Faço uma careta. Ele ri.

— Não. Tudo bem. Nenhuma situação pode prejudicar esse momento. Estou muito feliz em te rever Sophia.

— Eu também. Quero dizer, se não fosse por você, estaria toda emporcalhada, agora. — Eu rio, sem graça. Realmente não sei o que dizer.

— Por que não se senta? Quer comer alguma coisa?

— Não! — Estreito os olhos e coloco a mão sob a barriga. — Absolutamente não. — Ainda sinto uma pontinha de enjojo.

— Muita pressão, é?

— Com o que?

— Com o ballet! — Ele balança a cabeça rapidamente. — Ah! Desculpa. Eu acabei vendo sem querer sua bolsa quando te trouxe para cá. Vi seu tutu então deduzi que ainda está dançando.

— Ah! Sim... e tudo bem em olhar. Não tem problema. O ballet

realmente tem me feito suar. — Eu sento e fico mais leve.

— Imagino. — Ele diz, e senta do meu lado. — Então, tudo isso... — Ele aponta para minha boca. Me lembrando do meu mal-estar. — Deve ser culpa do ballet.

— Com certeza.

— Entendo, já fiquei assim várias vezes próximo a uma Apresentação. Ainda mais uma Internacional.

— Eu não vou me apresentar. — Digo, com um tom descontente.

— O que? Por que?

— Fiquei em segundo lugar na Apresentação Regional Feminina. Uma menina da mesma Academia que eu que foi a campeã, então... — Eu suspiro. — Ela quem vai.

— Que pena, Sophia. Sei que você queria muito isso.

Queria mesmo.

Ele se aproxima mais.

— Então, tem certeza que eu não posso fazer mais nada por você? — Sua perna entra em contato com a minha.

— Jacob... eu tenho que ir. — Eu olho em seus olhos.

— Entendi. — Ele se levanta. Pega minha bolsa e caminha em direção da porta. Eu o sigo. — Foi muito bom te rever.

— A recíproca é verdadeira. — Ele sorri, me entrega a bolsa. Eu sigo em direção ao elevador.

— Sophia... — Eu me viro. — Podemos sair uma noite dessas? Sabe... pelos velhos tempos. — Penso com cautela. Mordo o lábio inferior. Sorrio.

— Tudo bem. Me liga. — Ele sorri.

— Pode deixar!

— Ah! E... muito obrigada por me oferecer seu banheiro.

— Não tem de que.

— Até mais... Jay. — Coloco o cabelo atrás da orelha.

Vulnerável?

Meu Deus!

Não!

— Até mais. — Ele fecha a porta. O elevador faz um barulho agudo indicando que tinha chegado ao andar. *Tim.*

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

A sensação de enjoo cessou. Meu coração estava palpitante. De ansiedade talvez. Um sorriso bobo insiste em permanecer em minha boca. Pois é, nunca imaginei que vômito poderia terminar em um encontro. Mas, quem é que entende a vida?

CAPÍTULO 28

NOVA IORQUE É UM SACO.

Sophia

Jacob me ligou e me convidou para ir ao Abbey Theatre. Seu grupo de dança contemporânea iria se apresentar nesta noite. Não era uma competição, apenas uma das várias performances que eles fariam pela Irlanda. Aceitei o convite com prazer. Mataria dois coelhos de uma só vez. Veria pela primeira vez Jacob dançar e manteria minha cabeça longe de Ian, pelo menos por algumas horas.

Coloquei um vestido tomara que caia, curto, preto. Bem básico. E como adorno um simples colar. Calcei um scarpin nude. Não queria chamar muita atenção, afinal, Jacob seria a atração da noite. Ele me envia uma mensagem dizendo que o grupo iria comemorar mais um dia da turnê após a apresentação em uma pizzeria e que adoraria me levar para conhecê-los.

Coloco o endereço do Abbey Theatre no aplicativo e depois de alguns minutos o Uber chega para me levar até o local. É muito diferente quando você é o espectador. Há uma porção de luzes coloridas posicionadas na entrada do teatro que fazem a noite ficar mais linda do que já é. Os assentos são acolchoados e não há pressão alguma. Totalmente diferente de quando você está lá, no palco, se apresentando.

— Assento 3A. — Ele me analisa. — Você é Sophia? — Um rapaz em um collant me pergunta.

— Sim. Fiz algo de errado? — Digo, assustada.

— Não! — Ele ri. — Só tinha que ter certeza. O Jacob quer que você encontre com ele no camarim. — Fico boquiaberta.

— Claro! — Me levanto. Ele faz um sinal para segui-lo.

Havia uma porção de dançarinos no camarim. Todos eles usando collants preto que cobria todo o corpo. Todos estavam agitados e animados e Jacob tratava de acalmá-los.

— Pessoal! Esse é o nosso momento. Aquilo que lutamos o ano todo para conseguir. Paris, Berlim, foi moleza para nós e agora é a hora de botarmos para quebrar aqui em Dublin. — Todos aplaudem.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

E eu também. Ele escuta minhas palmas. Ele me olha. Todos fazem silêncio.

— Oi. — Digo.

— Oi. — Ele sorri. — Achei que não viria.

— Aquilo foi lindo. — Digo.

— O que? Aquele lance do discurso? Eles já estão acostumados. — Nós rimos. Ele se aproxima.

— Então, vai me desejar boa sorte?

— Não sei se você precisa de sorte. Parece ter uma boa equipe, bem aqui.

— Não é qualquer “boa sorte”, é a sua. — Eu balanço a cabeça. Tentando acreditar no que ele acabou de falar.

— Boa sorte.

— Obrigado. — Ele me dá um beijo suave na bochecha direita. Bem próximo ao meu lábio. Fico inerte. Apenas aceito.

— No palco agora, o Grupo de Dança Contemporânea, diretamente de Julliard, dos Estados Unidos. — Diz o anunciante.

— É a minha hora. — Ele se vira. E se dirige ao grupo. — Chegou a hora, pessoal! — Cada um deles segue devagar para o palco. Jacob é o último a sair.

— Me espera. — Ele diz antes de passar pela cortina.

— Tudo bem. Agora deixa eu ir, se não posso perder meu lugar. — Ele ri. E sobe ao palco.

Volto ao meu lugar. Maldita desculpa barata. “Perder o lugar”? De onde eu tirei isso? O lugar é marcado. Mas, tudo bem, precisava sair de lá antes que o clima ficasse mais tenso. Se é que poderia ficar mais.

Jacob e seu grupo se apresentam lindamente. A dança contemporânea tem um nível de dificuldade absurdo. Me constrangi quando sugeri a ele a um tempo atrás que ele tinha desistido do ballet por ser mais difícil. Os saltos, a coreografia, os movimentos sincronizados. Não poderia dizer menos. Foi sensacional. E toda plateia concorda comigo, em forma de palmas.

— Sophia, por aqui! — Jacob grita e acena. Eu estava do lado de fora, esperando ele e seu grupo se trocassem. Sigo em sua direção. Sorrindo. Ele está com uma roupa casual agora. Uma blusa
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

de botões branca e uma calça jeans escura e sapatênis. Casual como Jacob.

— Vocês foram sensacionais. — Digo.

— Se você não tivesse me desejado sorte, nada disso teria acontecido. — Golpeio seu braço.

— Para com isso. Vocês são demais. — Ele ri.

— Venha. — Ele pega minha mão. — Deixa eu te apresentar o pessoal. — Ele me conduz até o grupo que estavam dentro de uma Van que pertencia a Julliard.

— Galera! Essa aqui é a Sophia. — Ele aponta para mim.

— Oi, Sophia. — Todos os dançarinos falam ao mesmo tempo. Até parece que foram ensaiados. Eu rio com a cena.

— Oi, galera! — Jacob me conduz até o interior da van. E me assenta ao seu lado.

— Para a pizzaria, Billy. — Ele diz ao motorista.

— Pode deixar, Jay.

O motorista dá a partida e nos leva a pizzaria mais próxima. Comemos até nos fartar. Rimos e nos divertimos com cada elemento da conversa. O nome do Ian não estava na minha cabeça e a sensação ruim também não tinha voltado. Tudo tinha saído melhor que a encomenda. E a noite ainda não havia terminado.

— Então... quantas apresentações ainda faltam?

— Aqui em Dublin? Bem, talvez teremos mais umas três ou quatro. Talvez. — Balanço a cabeça. Eu desvio o olhar dele. — Eu adorei a noite... — Ele me interrompe.

— Deixa eu te levar para sair de novo? Só nós dois, dessa vez.

— Jacob... Eu não sei. Eu...

— Seja lá o que você for dizer, não diga. Só pense no assunto, tudo bem? — Ele se aproxima. Está perto demais. Eu estremeço com o calor da sua presença.

— Queria poder terminar o que não terminamos em Nova Iorque. — Ele mexe no meu cabelo. Eu acompanho seus movimentos com os olhos.

— Nova Iorque é um saco. — Digo, brincando. Ele ri e concorda.

— Só... só pensa nisso, ok? — Ele toca meu rosto. Aproxima seus lábios dos meus e me beija. Um beijo rápido e suave.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Som de buzina.

— Salva pelo gongo. — Digo. Ele ri. Piadas são boas para aliviar a tensão.

— Eu adoro seu senso de humor.

— Tenho que ir agora. — Ele me olha entrar no carro que chamei pelo aplicativo. Se vira e segue em direção a entrada do hotel. Ele não olha para trás, significando não ter nenhum arrependimento. Eu toco em meus lábios. Lembrando daquele breve beijo. Sorrio. Confusa. Talvez, não tenha significado nada. Estava torcendo para que meu cérebro acreditasse nisso. *Droga!* Nova Iorque é um saco.

CAPÍTULO 29

PROCESSO NATURAL.

Ian

Ela está com um sorriso hoje. Um sorriso do qual eu costumava ser a razão. Os corredores da Academia estão vazios. Uma ótima oportunidade de conversar com ela. Mas, preciso mudar de estratégia, ou, senão, tudo será em vão.

— Sophia! — Puxo ela para dentro da sala do zelador enquanto andava lentamente pelo corredor. Ok. Eu sei que já fiz isso uma vez, mas foi a única coisa que consegui pensar.

— Ian. Mas... o que você pensa que está fazendo?

— Eu preciso conversar com você.

— Dentro da sala do zelador? — Ela me encara com os olhos arregalados.

— O local não importa. Mas, preciso te explicar sobre tudo aquilo. Sobre as... — Demoro tempo suficiente para que ela completasse a frase.

— As fotos... — Ela cruza os braços.

— Sim. — Respiro fundo. — Aquilo aconteceu mesmo de eu te conhecer, Sophia. Loren e eu tivemos um relacionamento, mas justo naquele dia das fotos já estávamos separados.

— Não foi o que me pareceu.

— O que você viu, foi uma versão de mim, mas só que bêbado de ponche batizado.

— Digamos que eu acredite, Ian. Mas, o que vai ser depois? Loren, não sossegou até nos ver separados e então surgiram essas fotos. O que vai ser da próxima vez, Ian? O que será? — Observo ela falar com tristeza. Minhas costas encostam na vassoura e na prateleira com produtos de limpeza.

— Sophia, isso não é justo. — Seguro sua mão. Ela se afasta.

— Ian... não. — Ela fica tonta. Se apoia em meu peito.

— Sophia, tudo bem?

— Sim... desculpe. Eu só... — Ela coloca a mão sobre a testa e abaixa a cabeça.

— Você tem certeza... — Ela me interrompe.

— Preciso ir agora. — Ela abre a porta e segue rapidamente pelo corredor.

Fico sozinho na sala do zelador, pensando em uma maneira de consertar tudo isso. Às vezes, as feridas abertas demoram para cicatrizar. Mas, o processo natural nunca é falho. E um dia ou outro, ela se cura.

• • •

— Charlotte! — Grito o nome de minha mãe ao passar pela porta principal de casa.

— Aqui, querido. — Ela responde. Sigo em direção ao som da sua voz. Ela estava na cozinha.

— Oi, mãe. — A cumprimento com um sorriso.

— Ande, não fique parado aí, me dê um beijo. — Sigo até ela. Beijo suavemente sua bochecha.

— Mãe... — Brinco com a maçã que estava na mesa. Charlotte a tira da minha mão. Desde pequeno ela me repreende dizendo que com comida, não se brinca. — Lembra daquele baile de gala que você queria realizar para arrecadação de fundos de caridade?

— Para o Instituto Campbell? Claro que sim, meu filho. Por que?

— Por que não fazemos neste fim de semana?

— Neste fim de semana? Ian... eu acho que está muito em cima. Essas coisas são demoradas. Tenho que achar ainda uma atração para o baile e... — Eu a interrompo.

— Eu já pensei em tudo. Você pode chamar uma banda local para tocar e podemos fazer uma apresentação com os dançarinos da própria Academia. — Ela me analisa e sorri. Isso é um bom sinal.

— Tudo bem.

— É sério? — Perguntei, surpreso. Ela balança a cabeça positivamente. — Charlotte Campbell você é demais! — Dou um outro beijo em sua bochecha. Sigo em direção a saída.

— Ian... — Ela me chama. Eu atendo. — Isso tem alguma coisa a ver com a Sophia? — Eu sorrio. Essa mulher além de exímia dançarina é incrivelmente esperta. Balanço a cabeça positivamente.

Não poderia negar.

— Tudo bem, vou prometer sigilo a todos. Ninguém saberá que será um baile de arrecadação da instituição até o dia.

— Obrigado! — Pego a maçã e dou uma mordida. Ela sorri.

• • •

— Ralph, preciso de uma banda.

— Não sabia que tinha desistido da carreira de dançarino, Ian.
— Ele ri.

— Não é isso. Estou promovendo um baile. E preciso de uma banda local para tocar no evento.

— Meu rapaz... — Ele olha de um lado para o outro. — Eu acho que eu tenho o que você precisa. O tio do primo do melhor amigo da minha irmã, tem uma banda. Multigênero. Eles são muito bons e não vão te decepcionar.

— Ok. Ralph. Eu confio em você. Vou te mandar quando e onde e, então, você confirma com eles. — Ele sorri. Estende a mão e eu aperto.

Meio caminho já estava percorrido. Minha mãe convidaria a Academia de Dança para uma apresentação em um baile de gala. Junto com outros grupos e apresentações para não ficar tão na cara assim. Eu e Sophia, como campeões da Apresentação de Pás de Deux com certeza seríamos os escolhidos pela Academia. A oportunidade perfeita para demonstrar a ela que somos feitos para ficarmos juntos. E voltar, para onde tudo começou. Fazê-la lembrar da força que nos uniu. Bem ali. Na dança.

CAPÍTULO 30

UM DAQUELES.

Sophia

— Meninas, tenho uma notícia muito importante para vocês. — Sra. Sullivan, com seu modelito de sempre, com sua entonação de sempre, ao final da aula, se aproxima de nós, sorridente.

— Não me diga que abriu mais uma vaga para a Apresentação Internacional? — Digo, esperançosa.

— Desculpe, Sophia. Infelizmente, não é isso. — Torço a boca. Já esperava por essa.

— A Apresentação Internacional são apenas para as melhores. — Disse Loren. Eu não lhe dou atenção. Sra. Sullivan continua.

— Pois bem, como estava falando. Se não houver interrupções. Chegou até o meu conhecimento que a nossa Academia foi convidada para uma apresentação em um baile de gala para arrecadações para fundos de caridade.

— Qual a instituição, Sra. Sullivan? — Perguntou Ellie. Também estava curiosa, mas não tive coragem de perguntar.

— Sinto muito, Srta. Doyle. Não fui informada. — Ela faz uma pausa breve. — Entretanto, acredito que essa não seja a informação que vocês devem se apegar. Apenas concentrem-se em executarem uma excelente performance. Toda apresentação que vocês fazem é contada. Não pensem diferente.

— Sim. Sra. Sullivan. — Dissemos juntas. Eu, Ellie e Loren.

— Muito bem, vejo que já estão ensaiadas. Agora vou dizer como será: Teremos uma apresentação solo, que ficará na responsabilidade da Srta. Walsh. E uma apresentação pas de deux que ficará sob a responsabilidade de Srta. Cole e Sr. Baxter.

Essa não!

— Estamos todas de acordo? — Todas balançam a cabeça positivamente. Todas... exceto eu. — Sophia, gostaria de falar com você, pessoalmente. — Eu concordo e libero um sorriso forçado.

Fizemos os últimos exercícios de fortalecimento muscular. E fomos liberadas. Loren ficou à parte, aguardando Sra. Sullivan para

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

ensaiá-la para o solo que apresentará na Internacional. Sapatinhos Vermelhos. Um solo que, diga-se de passagem, é muito trabalhoso. Requer esforço e técnica de uma bailarina profissional.

— Sophia, isso é um problema para você? Se for eu... — Eu a interrompo.

— Não, Sra. Sullivan. De forma alguma. Eu preciso separar o ballet pelo o que eu sinto pelo Ian.

— Você quer dizer: sentia.

— Como?

— Você disse: “Eu preciso separar o ballet pelo o que eu sinto pelo Ian.”. Mas, você quis dizer: sentia. Já que vocês terminaram. Não é, querida?

— Sim. Exato. — Balanço a cabeça. Essa frase saiu de forma natural.

— Tudo bem. Estamos de acordo. Vou comunicar ao Sr. Howard para que comunique ao Sr. Baxter desta decisão.

— Ok. — Eu sorrio e saio.

Dançar novamente com o Ian, depois de tudo aconteceu me parece um pouco errado. Mas, sentir seus braços me sustentar. Olhar em seus olhos. E poder saltar o mais alto que pudesse sabendo que ele estaria ali para me suportar. Alguma parte, dentro de mim, bem lá no fundo, estava apreensiva para que isso acontecesse.

• • •

Jacob: Últimas notícias: Eu e meu grupo fomos convidados para nos apresentarmos em um evento de arrecadação para fundos de caridade. Cara! Isso, não é demais? ;) #ansioso.

Desastre.

Desastre total. Jacob e Ian no mesmo lugar. Esse final de semana promete ser um “daqueles”. Quando escreveram o ditado: “Entre a cruz e a espada.”. Eu tenho certeza que a pessoa estava na mesma situação que eu. Respondi a mensagem de Jacob com uma carinha feliz. Típica resposta padrão para: “Estou ferrada.”. Em seguida ele me enviou dois coraçãozinhos. O que claramente significava que eu iria precisar de um transplante depois que tudo

acabasse.

O evento acontecerá na mesma casa noturna onde Ian me levou para comemorarmos o aniversário do Patrick. A Pulse. Mas, ao invés de DJ e luzes coloridas, o ambiente está decorado com lindas cortinas de diversas camadas, lustres, velas e uma linda banda. Nem ao menos parece o mesmo lugar. Todos estão vestidos à rigor e eu não fiquei de fora.

Apesar de ter de me trocar mais tarde para apresentação, vesti um vestido-sereia, vermelho, tomara que caia, meu cabelo estava caído sobre meu ombro direito. E mesmo que o vestido não permitisse ver meu calçado. Estava usando uma sandália de salto alto, preta. Meu batom vermelho contrastava a cor do vestido e minha pele clara. Sem brincos ou colares. Deixei que o vestido falasse por si só.

O local estava lotado. Diretores e donos das diversas Companhias de Dança do País. Os melhores dançarinos da Irlanda estavam aqui. Consegui avistar Ian em meio à multidão. Ele estava com um look black-tie, com seu suit de corte italiano e uma gravata borboleta. Conduzia sua mãe pelo salão, cumprimentando os convidados. Eles são realmente lindos. Tal mãe, tal filho.

Giro em um ângulo de cento e oitenta graus e observo o grupo de Jacob adentrando no salão principal. Eles estavam com o mesmo modelito que os vi da última vez. Collant preto. Apenas seus rostos estavam descobertos. A banda tocava ao fundo e o grupo de Jacob passa por mim sem me reconhecer. Devo estar muito bem entrosada. Ainda não vejo Jacob. A anunciante sobe ao palco.

— Boa noite, convidados de honra. Em nome de toda o Instituto de Caridade: Charlotte Campbell, quero desejar-lhes uma excelente noite.

Instituto Charlotte Campbell?

— Este evento é uma estratégia para arrecadação de fundos para o projeto de uma escola de dança totalmente gratuita na África. Espero que apreciem as atrações e... — Ela ri. — Abram suas carteiras. — Todos riram.

O grupo de Jacob sobe ao palco. Onde poderia estar Jacob? As luzes se apagam. Um breu se instala sob o lugar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

O que está acontecendo?

Algumas lanternas se acendem no palco. Os collants deles são iluminados. Luzes coloridas. A música ao fundo começa e eles se apresentam. Uma luz azul surge ao fundo. Todos abrem o caminho, inclusive eu. A luz se aproxima rapidamente do palco. Ao que parece, a pessoa está correndo. A luz se acende e é possível ver: É o Jacob. Ele executa um salto mortal e aterrissa no palco e seus movimentos se encaixam perfeitamente na coreografia do seu grupo. Sensacional.

Todos aplaudem. Foi uma apresentação digna de elogios. Eles realmente sabem o que fazem. Jacob me avista ao fim da apresentação. Ele não segue em direção ao camarim junto com seu grupo, mas caminha em minha direção. Ele me olha. Está tentando chegar até mim, mas o grupo de pessoas o impede. Tento desviar o olhar, e ao me virar, vejo Ian vindo em minha direção com um grande sorriso.

Que droga!

Eles se aproximam. Chegam exatamente ao mesmo tempo.

— Sophia! — Dizem juntos. Um analisa o outro. Eu estou no meio.

— É, Jacob, não é?

Espera! Eles se conhecem?

— Isso. E deixe me lembrar... Ethan.

— Ian.

— Isso! Muito prazer em revê-lo. — Jacob estende a mão. Ian observa. E por educação, o cumprimenta.

— De onde você conhece a Sophia? — Perguntou Jacob.

— Sou namorado dela. — Disse Ian. Cheio de certeza. Jacob se surpreende.

— Não é, não! — Digo em meio aos dois.

— E de onde você a conhece? — Perguntou Ian.

Por que eles estão me ignorando?

— Nova Iorque.

— Nova Iorque, é? Entendo. Tudo bem, foi um prazer falar com você novamente, Jones. — Ian segura minha mão. — Sophia, preciso falar com você. — Eu puxo.

— Agora não, Ian.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Ouviu ela, Ian. Agora não. E meu nome é Jacob.

— Tanto faz. — Disse Ian, dando de ombros.

— Quem você pensa que é? — Jacob se aproxima de Ian. Coloco meu corpo entre eles.

— Quem você pensa que é? Seu Ianquzinho. Metido a dançarino. — Ian se aproxima. Eu estico meus braços. Apoio em seus peitorais. Não consigo conter a aproximação de ambos. A formação desta confusão está a um passo de se tornar inevitável.

— PAREM! — Grito. Eles me ouvem e param. Para falar a verdade, todos naquele salão me ouviram, pois, minha voz ecoou por todo ambiente. A banda para de tocar. Os olhos permanecem em nós. — Por favor, só parem, vocês dois. — Ian me olha.

— Sophia, não acredito que você vai me trocar por esse babaca.

— Ela não tem nada que trocar, por que ela é solteira. Seu bailarino esnobe. — Ian tenta se desvencilhar do meu cerco para chegar mais perto de Jacob. Coloco mais força em meus braços. Ele desiste. Não sei o que aconteceria se não estivesse aqui, agora.

— Para, Jacob. Ian... você também. Já chega. Eu não aguento mais vocês dois. — Tiro meu braço deles. Vou em direção ao banheiro. O enjoo começa a me afetar.

— Sophia... — Diz Jacob. — Me viro.

— Não, Jacob. Só fique onde está.

Chego no banheiro e é possível ouvir a banda que voltou a tocar. Meus braços doem devido ao uso de força que tive que usar para não permitir uma tragédia maior. Vou em direção ao vaso sanitário e expulso aquilo que estava me fazendo mal. Ouço a porta se abrir.

— Sophia?

Saio da cabine para atender a voz familiar que me chamava. Sra. Sullivan.

— Oi, Sra. Sullivan.

— Está tudo bem com você, querida?

— Sim, Sra. Sullivan.

— Loren está se apresentando agora. Você é a próxima. Já avisei ao Ian. — Ela me analisa com afinco. — Tem certeza que está bem?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Sim. Estou ótima. E diga ao Baxter que ele esteja pronto. Lhe encontro no palco.

— Pode deixar. — Ela sai.

Me recomponho. E vou em direção ao camarim. Mudo de roupa, coloco meu tutu, e caminho em direção ao palco. Ian chega poucos minutos depois.

— Mesma execução que dá última vez?

— Sim. — Respondo sem olhar em seus olhos.

— Sophia. Olha para mim. — Ele suplica. Eu o atendo. A profundidade do seu olhar azul me atinge e me estremece.

— Me perdoe, Sophia. Por tudo. Pelas fotos, por hoje. — Ele reitera. — Por tudo.

— O que isso muda, Ian?

— Para mim? Tudo. Não vou conseguir dançar com você, ali, como se fôssemos um, se realmente não formos.

— É só uma dança, Ian.

— Você, melhor que eu, sabe que é muito mais do que isso.

Uai! Essa me acertou em cheio.

— Sophia... — Ele faz uma pausa. Respira fundo e acrescenta. — Sophia, eu te amo.

E, de repente, tenha sido o momento, o fato de estarmos aqui, prestes a dançarmos juntos novamente ou as palavras que saíram de sua boca, mas o sentimento ressurgiu. Como uma fênix. Me incendiando de amor por Ian Baxter, mais uma vez. Minhas defesas caíram por terra. Corro na direção dele, que com um luminoso sorriso me recepciona, seguido de um beijo. Um lento e caloroso beijo. Matando toda a saudade que estávamos um do outro.

— Eu também te amo, Ian Baxter. — Minha pele arrepia. Uma lágrima escapa. Ele, com seus dedos, a enxuga.

— Por favor, recebam no palco, os campeões da Apresentação de Pás de Deux deste ano. Diretamente da Academia de Dança Baxter: Ian e Sophia.

Passamos pelas cortinas, de mãos dadas e cumprimentamos o público. Ian seguiu para sua posição inicial. E executamos àquela mesma apresentação, mais uma vez, só que melhor. Fomos ovacionados ao fim da apresentação e segui em direção a Charlotte
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

para lhe abraçar e agradecer, ali, perante todos, a mulher que me fez acreditar que era possível amar e dançar.

Restando alguns centímetros para me encontrar com Charlotte, Jacob bloqueia meu caminho e em um movimento inesperado me beija. Meus lábios inconscientemente respondem. O público nos aplaude, sem entenderem que aquela atitude iria causar um grande alvoroço. Eu o empurro. Ian salta do palco e corre em nossa direção. Não pude contê-lo. Seu olhar era de ódio.

— Ian... não!

Tarde demais!

O punho de Ian acerta o rosto de Jacob como um projétil acerta seu alvo. Todos ficam horrorizados. Jacob está no chão. Rosto ensanguentado. Não poderia estar enganada. Esse final de semana seria um “daqueles”.

CAPÍTULO 31

UMA LIÇÃO.

Ian

Ele foi ao chão. Supercílio aberto. O sangue que escorria da ferida encontrava um caminho do seu rosto até o piso do salão. Jacob não se deu por vencido. Em um rápido movimento me pegou desprevenido. Segurou minhas pernas e me levou a superfície. Minha cabeça bateu no chão, me deixando em um leve estado de desorientação. Jacob se posicionou sob meu corpo e me atingiu com três socos até que pudesse retornar as forças e revidar.

Minha técnica e elasticidade me permitiu me desfazer daquela armadilha e apliquei uma joelhada na boca do estômago de Jacob. As pessoas ao redor tentavam me reprimir, segurando meus braços, mas a briga apenas chegou ao fim com a chegada dos seguranças. Foi necessário dois de cada para nós conter.

A cólera, aos poucos, abandonava meu corpo. Me fazendo refletir sobre o que tinha feito. Havia uma enorme lacuna entre nós e os convidados. Todos estavam espantados, não entendendo o que tinha acontecido. Ao perceber o olhar de Charlotte e Sophia, naquele instante, me arrependi do que tinha feito. Mas, era tarde demais.

Os seguranças me encaminharam até a delegacia mais próxima, onde tive de dar declarações sobre o acontecido. Fiquei cerca de três horas, até ser liberado. Jacob não deu parte de mim e nem eu dele. E dessa vez não precisaria responder a uma denúncia por agressão física. A última vez, tinha sido a muito tempo atrás, quando um idiota zombou de minha mãe pelo fato de estar em cadeira de rodas.

Meu pai me buscou na delegacia e tive que ouvir um duro sermão até em casa. A noite tinha acabado, para mim, mas não para ele. Amanhã todos os jornais da Irlanda estampariam meu rosto, me taxando novamente de rico, mimado e violento.

— Você foi longe demais, Ian. — Disse meu pai.

— Pai... eu perdi a cabeça. Me desculpa.

— Desculpar? Ian... vo-você ao menos sabe como esses

paparazzi são? Sabe o inferno que eles vão fazer da nossa vida?

— Eu sei. Me desculpe. — Coloco as mãos no bolso. Seguro meu blazer e jogo sobre meus ombros. Respiro fundo.

— Vá para o seu quarto. Preciso conversar com sua mãe. — Eu olho para minha mãe. Ela está muda. Parece decepcionada. Não consigo saber.

— Tudo bem.

Sigo em direção ao meu quarto. Pego meu celular, deito na cama, e envio uma mensagem para Sophia.

Ian: Acho que tenho o hábito de auto sabotagem, não é?

Ela demora alguns minutos para responder. Por um momento, achei que me ignoraria.

Sophia: Sim. Você e suas péssimas escolhas.

Ian: De todas as escolhas que fiz, de uma delas não me arrependo. Você. Me perdoe pelo papelão que paguei. Não sabia que um beijo iria me fazer reagir de tal forma.

Sophia: Você não precisa pedir desculpas para mim, Ian. A pessoa a quem você deve desculpas está aí na sua casa.

Minha mãe.

Sophia: Você acabou com o evento dela. O evento do qual ela seria a protagonista. Quanto a mim, pode achar loucura, mas agradeço por querer sempre me defender. Não era o fim de noite que eu imaginava. Então... só pega mais leve da próxima vez.

Ao ler a mensagem, uma risada escapou de mim. Ao que parece, nada estava perdido. Sophia tinha razão, precisava me retratar com minha mãe. Afinal, àquele projeto de caridade era importante para ela.

Ian: Eu te amo, Sophia Cole. Obrigado por se importar tanto comigo. Boa noite.

Sophia: Eu também te amo, Ian Baxter. Só não quero que você se prejudique com suas escolhas. Boa noite e boa recuperação.

Carinha feliz. Não... não foi o que Sophia me mandou ao fim da mensagem. Mas, era como a minha estava agora. Me retratei com minha mãe. Ela foi bastante compreensiva. Até demais, julgando pela minha atitude. Charlotte entende os motivos que compelem alguém defender o seu amor. “Desde que não fira as outras pessoas”, ela

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

ênfâtizou. Uma lição que aprendi: Não poderia conquistar o amor de Sophia na base da força. Mas, a conquistarei como estava fazendo até então, com zelo, paixão e confiança.

• • •

— Oi, meu herói. — Disse Sophia, com uma voz cômica. Ao me ver entrar na Academia.

— Não é para tanto, mas pode me chamar de Clark Kent.

— Hmm... não. Ian Baxter é melhor. Quer dizer... pelo menos eu já sei quem é a sua criptonita. — Ela ri. Eu a seguro pela cintura e a beijo entre o riso.

— Já estava com saudade disso... — Eu acrescento. — De nós.

— Eu também. — Ela acaricia meu rosto.

— E aquele tal de... — Ela completa.

— Jacob?

— Isso.

— Bem, ao que parece, ele vai ficar aqui em Dublin mais alguns dias. — Bufo. — Ei! — Ela protesta e continua. — Como estava falando... mas depois que acabar a turnê, ele e seu grupo pegarão o primeiro avião de volta para Nova Iorque. Você não precisa se preocupar com ele.

— Eu não me preocupo. — Digo, torcendo o lábio.

— Sim... sei bem. — Ela toca no meu rosto, onde Jacob acertou um dos socos. É possível ver o hematoma.

— Ai! — Exclamo. — Ainda dói um pouco. — Ela me conduz até ela e beija o local dolorido. Eu sorrio. Sophia é incrivelmente carinhosa.

— Tenho que ir agora. Nos vemos depois da aula. — Ela me beija rapidamente.

— Tudo bem. — Ela tenta se afastar eu a seguro e puxo ela de volta para mim. — Espera um pouco. — Eu a beijo. Um beijo que dizia para todos: “Prestem atenção! Nós voltamos!”. Mordisco os lábios dela e envolvo sua fina cintura com meus braços bem no meio do corredor da Academia. Seu collant me excita e me deixa com mais desejo a cada segundo mais que esse beijo dura. Conduzo Sophia

até a parede. Nossas mãos se entrelaçam.

— O que pensam que estão fazendo? Tenham modos, por favor. — Diz Sra. Sullivan, pigarreando atrás de nós. Sophia dá um leve salto, devido ao susto. É possível ver seu rosto corado de vergonha.

— Desculpe Sra. Sullivan. — Diz Sophia.

— Sophia. Para aula. Agora. — Sophia me olha. Me beija rapidamente e segue em direção a sala de aula.

— Sra. Sulli... — Ela me interrompe. Se aproxima. Me analisa.

— Até que ela tem bom gosto. — Ela diz, balançando a cabeça. Libera um sorriso sutil e caminha calmamente em direção a sala. Eu rio, sozinho. Não conseguia crer. Verdade seja dita, ninguém acreditaria se contasse. Sra. Sullivan torce por nós. Isso é algo para se escrever em um diário. Que pena que não tenho um.

CAPÍTULO 32

ME CHAMO SOPHIA COLE.

Sophia

— Srta. Walsh. Me acompanhe por favor.

A Sra. Sullivan não estava usando seu tom usual. Hoje ela estava falando sério. Mais do que de costume. Olhei para Loren que ao notar que eu a estava a observando, não estremeceu. Elas saíram pela porta e a curiosidade me fez querer entender tudo o que estava se passando. Fui até a porta e estiquei levemente meu pescoço para observar. Loren acompanhava a Sra. Sullivan e ambas não trocaram uma palavra durante o caminho. Elas entram na sala da direção.

Eu preciso saber o que está acontecendo.

Tento sair sem ser notada. Mas, não consigo. Ellie nota minha movimentação.

— Onde está indo, Sophia?

— Ao banheiro, Ellie. — Minto. — Você quer ir também?

Por favor, diga que não!

— Não, obrigada!

Ufa!

— Ok! — Sorrio e saio.

Caminho na ponta dos pés pelo corredor, fazendo o mesmo trajeto percorrido por Loren. Me escoro na parede, próxima a porta da direção. Tentando fazer nenhum barulho. O tom do assunto é sério, nenhum dos envolvidos estão rindo. Mas, ainda não é possível ouvir o que estão dizendo. Precisava me aproximar mais da porta. Me agacho e fico praticamente apoiada sobre meus joelhos. Agora consigo ouvir parte da conversa.

— Srta. Walsh, isso é totalmente inadmissível. Essa sua atitude poderá manchar a imagem da Academia para sempre.

O que é inadmissível?

— Nós prezamos muito pelo patrimônio intangível desta instituição e não admitiremos tal comportamento.

Passos vindo em minha direção. Preciso me recompor. Me afasto da porta. E sigo de volta para sala, em passos lentos. Para não

me afastar demais da porta. Joe caminha pelo corredor principal. Ele segue até a sala do zelador para guardar a vassoura que está em sua mão.

— É, Sophia. Não é?

— Sim, Joe.

— Que ótimo. — Ele sorri. — É bom saber que minha memória ainda está boa. — Eu sorrio. Apreensiva. — Não deveria estar em aula?

— Eu vou ao banheiro.

— Mas... o banheiro é naquela direção. — Fico muda.

Me pegou!

— Esses bailarinos... tão jovens e com memórias tão fracas. — Ele ri e volta ao posto na portaria.

Espero que Joe se afaste o suficiente e retorne a porta da direção e volto a ouvir a conversa.

— Então, essa é minha decisão final, Srta. Walsh. Você terá de ser expulsa da Academia de Dança.

Expulsa? O que eu perdi?

— Agora podem se retirar.

Preciso sair daqui. Agora!

Corro em direção a sala de aula. Abro e fecho a porta em uma velocidade considerável. Meus olhos estão arregalados. Não conseguia acreditar no que acabara de ouvir. Loren expulsa da Academia de Dança. O que isso realmente significava? Para Academia e... para mim.

— Você viu um fantasma, Sophia?

— Como é? — Não consegui discerni o que Ellie tinha perguntado. Estava atônita.

— Perguntei se você viu um fantasma no banheiro. Está pálida e com os olhos arregalados.

— Ah... sim. Eu queria saber se a lenda da Blood Mary era real.

— Ellie coça a cabeça. Ela não entendeu o que eu acabei de dizer. Muito menos eu. Pelo menos o interrogatório acabou.

Sra. Sullivan entra na sala. Sozinha.

— Todas para o centro. Agora. — Ela espera nos posicionarmos e continua. — Isso não é de conhecimento de todas vocês e acredito

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

que deveria ser. Então... vou falar apenas uma vez: Loren Walsh não faz mais parte do corpo desta Academia. Infelizmente, a Srta. Walsh agiu contra as novas regras da Comissão Internacional de Ballet, resultando em sua expulsão. — Eu levanto a mão. — Sim, Sophia...

— Srta. Sullivan, o que de fato aconteceu? — Todas me olham. Fui a única com coragem para perguntar. Na verdade, era única a saber o que tinha acontecido. Mas, precisava de detalhes.

— A Srta. Walsh não passou em seu exame antidoping. — Todas ficaram boquiabertas. E os cochichos começaram a se espalhar dentro da sala. — Silêncio! — Grita Sra. Sullivan. Todas ficam em silêncio. Ela continua. — A Comissão este ano admitiu que devido a carga de esforço e atividade que submetemos a vocês. A partir de um estudo realizado, disseram que o nível é idêntico ao do atletismo olímpico. Sendo assim, tornou-se necessário a realização do exame antidoping. Ao chegar o resultado dos exames da Srta. Walsh encontram substâncias que, mesmo alegando ser apenas para as dores, lhe davam vantagens físicas sobre todas as outras competidoras. A Loren, foi excluída da Apresentação Internacional e da Academia de Dança. Ponto Final. Sem mais perguntas.

Cacete! Que loucura!

A Comissão Internacional, às vezes, nos trata como robôs. Somos diariamente exigidos como atletas para exercer nossa arte. Não consigo saber se Loren fez isso propositalmente ou pagou pela inocência. Seja o que for, não me trouxe alegria. Ver uma bailarina ter que desistir do seu sonho é sempre muito doloroso. Mesmo que essa, seja sua pior inimiga.

— Todas para barra. Vamos! — Ordenou Sra. Sullivan.

• • •

— Sophia, você tem um minuto? — Sr. Baxter. O pai. Me abordou enquanto caminhava pelo corredor.

— Sim, Sr. Baxter. — Ele faz um sinal com a mão para que eu pudesse entrar em sua sala. A mesma sala que Loren estava a poucos minutos atrás. Eu entro. Ele faz sinal para que eu me sente.

Por que eu estou assustada?

Não fiz nada de errado. Fiz?

— Como você está, Sophia? Quero dizer... como estão indo as aulas? Está gostando?

— Sim. Claro. Com certeza, Sr. Baxter.

— Por favor, me chame de Owen. — Ele continua. — Como já deve ser de seu conhecimento... — Ele respira fundo. — A Srta. Walsh teve que abandonar esta instituição. — Eu balanço a cabeça positivamente concordando com a informação. Ele me analisa e continua. — Eu não sei se você sabe, mas o preenchimento de qualquer vaga que ocorrer na Apresentação Internacional é feita automaticamente para a segunda melhor colocada. — Fico boquiaberta.

Como é?

— Sophia... você está me ouvindo? — Ele semicerra os olhos.

— Sim, Sr. Baxter... quero dizer: Owen. — Ele libera um sorriso sincero.

— Que ótimo. Então, preciso te informar que você será avaliada no exame antidoping e terá a oportunidade de se apresentar, caso seja aprovada. Mas...

Mas?

— Como a Srta. Walsh já tinha inscrito no solo: Sapatinhos Vermelhos, temo que não teremos tempo hábil para mudarmos. Você conhece este solo?

— Sim... quero dizer, não. Eu conheço, mas nunca executei. — Digo com descontentamento.

— Não tem problema. Vou pedir para Sra. Sullivan intensificar suas aulas. Se necessário nos finais de semana. Estamos todos contando com você, Sophia. Afinal, seu sucesso é o nosso sucesso.

Feliz! Feliz! Feliz!

— Muito obrigado, Sr. Baxter. Eu não sei como te agradecer. — Eu estendo a mão. Ele ri e aperta.

— Não me agradeça, Sophia. Não estamos felizes com a situação, mas confiantes nessa escolha.

— Não vou decepcionar. — Digo, confiante.

— Não esperamos menos do que isso. — Ele faz o sinal, indicando que estava liberada para sair.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

O destino estava jogando ao meu favor. Ainda descontente com tudo que aconteceu, mas lá no fundo, tinha um motivo para sorrir. Quando Loren escolheu este solo: Sapatinhos Vermelhos. Ela sabia que se, bem executado, não teria dúvidas. Ela seria a campeã. Loren era ilustre neste solo e não posso ser menos que isso. Meu coração estava a mil. Todos os sentidos estavam apurados. Irei agarrar essa oportunidade e dar o meu melhor, ou não me chamo Sophia Cole.

CAPÍTULO 33

QUEM DIRIA?

Sophia

— Mais expressão, Sophia. Vamos! Você pode fazer melhor do que isso.

Sra. Sullivan está seguindo as orientações do Sr. Baxter. Está pegando pesado comigo. Todos já foram liberados e já faz mais de duas horas que estou aqui ensaiando. Ter que executar um solo que você nunca executou em alguns dias para a Apresentação Internacional era no mínimo loucura. Suicídio, como diria os pessimistas. Mas, estou disposta a morrer no palco pelo meu sonho.

— Vamos fazer uma pausa. Preciso organizar alguns papéis na sala da direção e você poderá descansar. Meia hora e nada mais.

— Sim, Sra. Sullivan. — Ela sai. Eu não descanso, continuo tentando executar os movimentos. Estou rígida, precisaria de muito treinamento. Sinto uma pontada de dor em minha barriga. Ignoro. Precisava focar nos exercícios.

— Ora. Ora. Ora. Então, foi você quem ficou com a minha vaga?
— Olho para porta. Assustada.

Loren?

— Loren, o que você faz aqui? Achei que você não poderia mais ficar aqui. A Sra. Sulli... — Ela me interrompe.

— Tudo bem, Sophia. Não fale mais nada. Eu encontrei a Sra. Sullivan ali fora. Disse a ela que iria buscar meus utensílios que estão no vestiário. Ela me deu permissão. E encontrei você, dançando o MEU solo. — Ela bate no peito.

— Seu solo? — Levanto as mãos em sinal de inocência. — Loren, olha... eu, sinceramente, sinto muito por você. — Reitero. — MUITÍSSIMO mesmo. Mas, você foi expulsa da Academia. Você sabe como as coisas funcionam. — Ela se aproxima. Está chegando perto demais.

Ela seria capaz de me bater?

— Eu sei... — Ela respira fundo.

Como é que é? Eu ouvi direito?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Eu nunca iria imaginar que aqueles remédios iriam me prejudicar. Eu não queria toma-los, mas minha mãe me obrigou. Dizendo que tinha conseguido com um amigo dela, que ele já tinha tomado e ajudou a conquistar o Internacional há alguns anos atrás.

— Mas, você nem ela sabia dessa nova regra, não é?

— Exatamente. — Ela abaixa a cabeça. — Ela disse que eu não poderia perder tempo com as dores. Mas... agora, tudo que eu sinto é dor. — Uma lágrima escapa de seus olhos. Eu instintivamente dou um abraço em Loren.

— Loren. Eu sinto muito.

— Você já disse isso, Sophia.

— E repito. Eu sei o que é estar nesta situação. — Ela se desvencilha do abraço.

— Por que está sendo legal comigo? Deve estar adorando tudo isso, não é?

— Loren! Se desarme. Somos bailarinas. Se não ajudarmos umas às outras, quem vai? — Ela cede e me abraça. Me pegando de surpresa.

— Me desculpe, Sophia. Por tudo que eu fiz a você. Tudo não passou de ciúme e inveja. Mas, o que isso me trouxe? Estou suspensa. Sem Academia e duvido que alguma Companhia irá me aceitar com esse histórico.

— Deixe que as coisas que ficaram para trás permaneçam no passado. E se dê uma nova chance, Loren. Você é uma bailarina incrível. Eu sempre invejei isso em você.

— É sério? — Ela me olha.

— Com certeza. — Ela sorri. Suas lágrimas molham meu collant. Aperto mais o abraço para que ela se sinta afagada e meu olhar me atrai para porta. Sra. Sullivan assistindo tudo de braços cruzados.

— A quanto tempo está aí? — Pergunto. Loren se vira.

— Desde que vi Loren entrando na sala, sem minha permissão. — Disse Sra. Sullivan.

— Eu pensei que você tinha falado com ela para entrar. — Digo.

— Eu devo ter mentido um pouquinho. — Disse Loren, fazendo um sinal com o dedo indicador e o polegar, que significa pouco. Ela
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

se desvencilha do abraço, novamente. — Eu queria poder te dar isso. — Ela caminha em direção a sacola que estava próximo a porta. Ela tira de dentro um par de sapatilhas vermelhas. Esse tipo de sapatilha é exclusivo para a execução deste solo.

— Elas são originais. Minha mãe comprou a um preço absurdo. Mas, agora que não vou dançar. Não vou precisar mais dela. Então... você nunca poderá dizer que venceu sozinha. Sempre se lembrará de quem te deu as sapatilhas. — Eu rio.

Loren... pretensiosa como sempre.

— Obrigada, Loren. É muito bacana da sua parte.

— De nada. — Ela se despede da Sra. Sullivan e vai em direção a saída. — Sophia... — Ela me chama, eu olho. — Seja você mesma naquele palco. — Eu concordo com a cabeça e a despeço com um sorriso. Ela sai.

— Vamos voltar ao ensaio? — Disse Sra. Sullivan. Me trazendo de volta a realidade. Ainda com um sorriso no rosto caminho em direção a barra.

O presente, assim como futuro, é imprevisível. Você pode tentar adivinhar, ou planejar, mas no final tudo acontece conforme o destino quer. Queria ele, que estivesse aqui. Recebendo um presente de Loren. Um presente que faria toda diferença na minha apresentação.

Quem diria?

• • •

— Ela te deu a sapatilha vermelha original dela? — Ian me pergunta. Surpreso. — Sophia, isso... — Ele tenta achar a palavra que se encaixa nesse contexto. Não tem. — Isso é uma loucura. — Ele faz um movimento com as mãos, próxima a cabeça, como se ela estivesse explodindo. Eu rio.

— Também acho que é uma loucura. Mas, no fim, percebi que Loren Walsh é uma boa garota.

— Loren? — Ele coloca a mão sobre minha testa. Para verificar minha temperatura. Típico ato que fazemos quando queremos duvidar da sanidade de outra pessoa.

— Sim. A mãe dela que era a manipuladora da história.

— Entendo. Que bom que essa história terminou bem. Quero dizer... para nós. Para ela, nem tanto.

— Eu sei que ela vai conseguir entrar em uma Companhia. Qualquer que seja a Companhia de Dança, terá sorte em ter Loren Walsh em seu corpo de baile. Isso eu tenho certeza. — Ele concorda.

— Sendo assim... — Ele me olha com malícia. — Chega de falar de Loren. Precisamos comemorar sua seleção para a Apresentação Internacional.

— Comemorarmos? Como? — Eu o analiso. Não me parece estar disposto a me levar para sair. E eu não estou nada disposta também. Sra. Sullivan acabou comigo.

— Eu vou te mostrar. — Ele morde os lábios. Me pega no colo e me joga em minha cama. — Você é toda minha, Sophia Cole. — Eu coloco as mãos em seu rosto. Sorrio. Ele tira a camisa. Minhas mãos passeiam pelo seu peitoral até seu abdômen.

— Jesus! — Ele ri. Com desejo. A expressão me escapa devido ao nível de oxitocina na minha corrente sanguínea. Os hormônios estavam comandando todo meu corpo.

Ele, enfim, me beija. Já não poderia mais esperar. O meu pequeno quarto é tomado pelo calor do momento. Espero que tenha lembrado de trancado a porta. Uma interrupção agora não seria uma boa coisa. Ele está sob meu corpo. Em um movimento, ele guia as minhas mãos e as entrelaça com as dele acima da minha cabeça. Tenho uma visão de sua musculatura. Digna de uma escultura grega. Ele leva seus lábios até o lóbulo da minha orelha e reveza entre beijos e suaves mordidas.

— Eu estou muito orgulhoso de você. Você conquistou tudo o que mais sonhou. — Ele sussurra. O ar vindo em direção ao meu pescoço me faz rir e estremecer. Ele nota minha pele arrepiada. — Ainda me levou de brinde.

Eu puxo seu rosto de volta para o meu e retomo o beijo. Minha mão passeia pelos seus cabelos, encontrando caminho para suas costas, descendo pela sua nuca e pescoço. Nossas línguas de enroscam e sua respiração ofegante atinge a minha pele. Ele suspende o corpo, cruza as pernas e me posiciona sobre elas. Minhas pernas entrelaçam sua cintura e o enlaço, trazendo-o mais
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

para perto. Olhamos um nos olhos do outro.

— Está com medo? — Ele me pergunta.

— Do que poderia sentir medo?

— Do desconhecido. O futuro. A apresentação. Nós... — Eu acaricio seu lábio. Interrompendo-o.

— Se estivermos juntos, não tenho nada a temer. — Ele me presenteou com o sorriso mais lindo desse mundo.

Ele decidiu em me levar para sair. Achamos que seria uma boa ideia. Isso aconteceu somente depois de algumas horas que ficamos trancados naquele quarto. Nós nos entregamos um ao outro, mais uma vez. Saciando nosso desejo. Não sentimos o tempo passar, então não restou muitas opções de lugares para escolhermos. Apenas alguns bares e casas noturnas. Escolhemos pelo óbvio. A Taverna do Ralph.

...

— Meu caro, Ralph. — Digo, sorrindo ao passar pela porta principal.

— Sophia! Que saudades de você, menina. — Ele atravessa o balcão e me dá um abraço apertado. — Esse lugar não é o mesmo sem você. Tenho que me virar nos trinta para repor sua falta. — Ian pigarreia.

— Será que eu posso atrapalhar este momento “best friends”? — Pergunta Ian, de braços cruzados.

— Não fique com ciúmes, Ian. Foi graças a você que tive a melhor funcionária de todos os tempos. — Ele abraça o Ian.

— Essa ex-funcionária aqui, logo, logo irá se tornar uma bailarina de calibre internacional! — Digo e ele bate palmas.

— Isso merece algumas rodadas de comemoração. — Ele se posiciona atrás do bar novamente. E nós serve alguns shots. — Esses são por conta da casa. — Nós brindamos e tomamos em um só gole.

— E como você está fazendo para pagar as despesas da Academia? — Perguntou Ralph.

— Parece que as coisas melhoraram na startup do meu irmão e

ele voltou a me ajudar com as despesas.

— Sério? Assim do nada? — Perguntou Ralph. Muito interessado na história. Provavelmente por estar com saudades.

— Sim. Pelo que ele me disse, um investidor apareceu e fundou a startup dele a uma companhia grande aqui da Irlanda.

— Quem poderia ter tanto interesse nos negócios do seu irmão? — Perguntou Ralph.

— Não sei... — E como um flash a resposta veio em minha mente. — IAN! — Eu o golpeio no braço.

— Ai! — Ele reclama de dor, ri e massageia o local atingido.

— Por que não me contou?

— Não fui eu... quero dizer, diretamente... mas, lembra quando eu te contei que o pai do Patrick é um grande investidor? Então, apenas apresentei para ele a ideia do seu irmão. Que, é sensacional, no final das contas. — Eu sorrio. Estou embasbacada. Ele continua. — Eu sabia que se eu fosse fazer algum tipo de investimento você iria convencer a seu irmão a não aceitar, mas... como eu disse: Apenas mexi os pauzinhos.

— Você é incrível, Ian Baxter. — Eu o beijo.

— Sim, Ian... você é incrível. — Diz Ralph com um tom de deboche. Nós rimos. — Outra rodada?

— Com certeza. — Respondemos juntos.

A noite estava prestes a acabar, alguns drinks e risos depois. Mas, a felicidade iria permanecer eternamente. Encontrei amigos em um bar, amor em uma dança e havia futuro, bem aqui.

Quem diria?

CAPÍTULO 34

MEU DESEJO.

Sophia

Restam poucos dias até a grande Apresentação Internacional de Ballet. Essa apresentação é como a Copa do Mundo para nós, os bailarinos. A Rússia tem se destacado nos últimos anos e são os grandes favoritos, juntamente com os Estados Unidos e Brasil que sempre fazem um grande espetáculo. O mais interessante desta competição, é poder ver como o ballet pode sofrer a influência de cada uma dessas culturas, tornando cada uma das apresentações únicas. A Irlanda não é conhecida por ter uma cultura muito forte em ballet, mas sempre apresenta bailarinos surpreendentes, como a monumental Charlotte Campbell.

Assumir essa responsabilidade é algo grandioso e não poderia estar mais animada. Talvez seja por isso que não consegui ainda urinar nesse pequeno pote de plástico. O caso Walsh, como está sendo mencionado nos bastidores, também me aflige um pouco, mas não tenho nada a temer.

— Vamos, Sophia. É só xixi. — Falo comigo mesma. Me concentrando.

Depois de alguns minutos de pura agonia, enfim, consigo. Visto minha calcinha da sorte e as roupas. *Sim!* Eu tenho uma calcinha da sorte. Lavo as mãos e levo minha amostra até os avaliadores. Ele me entrega um documento, e eu o assino, comprovando que realizei o exame e que estava ciente de todas regras. Agora é só esperar. Caminho até a estação de bonde mais próxima para voltar a Academia e ensaiar pesado com a Sra. Sullivan. Sinto uma mão tocar em meu ombro. Uma mão familiar.

— Oi.

Jacob.

— Oi, Jacob.

— Exame, é? — Ele analisa o documento em minha mão. Ele notou a logomarca da Comissão Internacional de Ballet no envelope.

— Isso. Não tem para onde fugir, não é mesmo?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Sim.

Tensão no ar.

— Então... — Ele faz uma pausa. — Desculpe por... você sabe.

— Ah! Aquilo? — Eu rio. — Tudo bem. Quem poderia imaginar que vocês iriam brigar em meio a um evento de caridade, não é? — Ele ri.

— Isso parece coisa de filme.

— Filme de terror, só se for. — Acrescento. Nós rimos.

— Sophia... na verdade, não estava aqui por acaso. — Eu o observo. — Queria falar com você. — Ele me olha fixamente e continua. — Como você sabe, depois da Apresentação estarei retornando para Nova Iorque. Mas, para falar a verdade, não tenho razão para voltar.

— O que você quer dizer com isso, Jacob? E a Julliard?

— Se a Julliard me aceitou, eu tenho passe livre em qualquer Academia de Dança daqui. O que eu quero dizer é... — Ele se aproxima. — Se você me pedir para ficar. Eu fico. Por você.

— Jacob... — Eu a abaixo a cabeça. Não consigo encara-lo. — Eu nunca iria te pedir isso. Tudo que tivemos foi ótimo, mas... — Ele me interrompe.

— Você está com o Ian.

— Sim. — Digo, descontente por ele.

— Tudo bem. Eu entendo. Saiba que você terá um torcedor em meio a plateia, naquele grande dia.

— Obrigada. — Eu o abraço. Pegando-o de surpresa. Ele retribui. É possível saber que ele está sorrindo, mesmo sem ter a visão de seu rosto. Simplesmente, sei.

O bonde chega a estação e eu embarco. Jacob se despede de mim com um beijo na bochecha antes da porta se fechar. Vejo o bonde partir e a presença de Jacob se afastar. Ele coloca as mãos no bolso e faz o mesmo. Tive sorte de encontrar dois garotos incríveis. Em qualquer outra vida, talvez eu e Jacob seríamos felizes para sempre, mas nessa eu me sinto ligada a uma só pessoa e ninguém mais: Ian Baxter. Meu amante e bailarino pessoal. Que do nada, em meio a uma dança, se tornou meu tudo.

• • •

— Alô, Sophi? — Atendo o telefonema de Evan. Ele estava muito eufórico.

— Sem celular enquanto ensaiamos, Sophia. — Disse Sra. Sullivan. Eu coloco a mão sobre o celular para que Evan não escute.

— Desculpe, Sra. Sullivan. É meu irmão. — Faço uma careta.

— Dois minutos. — Eu sorrio e movimento meus lábios como quem quisesse dizer: “Obrigada”. Saio da sala e continuo o telefonema.

— Evan? Aconteceu alguma coisa? — Pergunto preocupada.

— Sim. Aconteceu. Você pode jantar com a gente hoje? — Ele faz uma pausa e acrescenta. — Pode trazer o Ian.

— Evan... o que aconteceu?

— Apenas venha, pequena Sophi.

— Tudo bem. Estaremos aí.

— Ok. Tchau. — Ele desliga primeiro.

Peguei meu telefone para mandar uma mensagem para Ian.

Sophia: Nossos planos mudaram. Eu e você. Na minha casa às vinte horas.

Ian: Eu estava louco por outra dose daquelas.

Ian:

Sophia: Nada disso, seu tarado. ☹ Um jantar. Em família. Mas... depois falamos sobre esse assunto.

Ian: Fechado! Eu te pego na Academia.

Sophia: Fechado!

Voltei a ensaiar. Meu solo está ficando quase perfeito. Preciso apenas melhorar em alguns detalhes e estarei pronta para a Apresentação Internacional. Sra. Sullivan tem se esforçado para fazer de mim, nas palavras dela: “A melhor bailarina de todas”. Treinar. Treinar e Treinar e nada mais. Teria que pagar um preço de sangue se eu quisesse que isso se tornasse realidade.

— Terminamos por hoje, Sophia. Evoluímos bastante desde o primeiro dia. — Diz Sra. Sullivan. Contento pela minha performance de hoje.

— Obrigada, Sra. Sullivan.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Sabe, Sophia... poucas meninas me surpreenderam tanto como você. Não estou querendo dizer que você tem a melhor técnica que eu já vi. Afinal, eu vi Charlotte Campbell. — Nós rimos. Ninguém se compara a Charlotte. — Mas, você tem algo dentro de você. Talvez seja seu sonho. Seja o que for... nunca deixe essa energia morrer. Por nada, nem por ninguém.

— Pode deixar comigo, Sra. Sullivan.

— Daqui para frente, me chame pelo meu primeiro nome, querida. — Eu arregalo os olhos. Eu ao menos sei o nome dela. — Meu nome é Martha. Martha Sullivan.

— Obrigada, Martha. — Ela sorri. Ela me entrega minha bolsa com os utensílios.

— Está na hora de ir para casa, descansar. A Academia receberá seu exame amanhã. Sei que não há com que se preocupar. Quem tem que se preocupar são os outros competidores. — Ela brinca.

— Até amanhã, Sra. Sulli... — Ela estreita os olhos. Me fazendo interromper a frase. — Digo... Martha.

— Até amanhã, querida.

Caminho até o vestiário e mudo de roupa. Ao sair da Academia percebo a quantidade de tempo que passei ensaiando, pois já não há mais sol e é possível ver algumas estrelas no céu. Ian me aguarda, apoiado na porta de seu carro, de braços cruzados. Ele me recepciona com um sorriso e um copo grande de refrigerante na mão. Ele está mais despojado do que da última vez que almoçou com minha família. Ele está vestindo uma calça chino preta, uma blusa social cinza com as mangas dobradas até seus bíceps e um par de sapatos preto. Seu cabelo estava penteado. O que é algo raro. Para finalizar: Ele está deslumbrante.

— Isso é para você. Minha bailarina. Imagino que esteja morrendo de sede. — Ele me entrega o copo e me beija.

— *McDonald's?* Você é demais!

— Eu sei. — Ele sorri. Eu bebo o refrigerante pelo canudo. Ele abre a porta do carro para eu entrar. Seguimos até a minha casa. Vou até meu quarto, tomo banho bem quente para que meus músculos pudessem relaxar e mudo de roupa. Não preciso dizer que eu e Ian
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

nos beijamos nesse meio tempo, não é?

Ian envolve seu braço em minha cintura e toca a campainha.

— Por que você está tocando a campainha? Aqui é minha casa.

— Eu rio e abro a porta. — Evan, chegamos! — Grito. Ele corre em nossa direção.

— Por que demoraram tanto? — Evan protesta.

— Não demoramos. — Penso nos beijos que demos no quarto, a alguns minutos atrás, mas rapidamente desvio os pensamentos de volta a Evan. — O que quer nos contar?

— Vem... — Evan faz o sinal com a mão para que pudéssemos segui-lo.

Eu e Ian seguimos Evan até o jardim. Lá estava Susan, que estava com os olhos marejados e Natalie, que sentada, segurava a mão da minha mãe. Evan caminha em direção a Natalie e se posiciona ao seu lado. Ele acaricia os cabelos de Natalie enquanto olha em seus olhos.

— O que foi pessoal? Desembuchem! — Ian está do meu lado direito. Apreensivo, assim como eu.

— Estamos grávidos! — Exclamou Evan e em seguida beijou Natalie. Minha mãe se derrete como uma manteiga e volta a chorar. Mas, notavelmente, um choro de alegria.

— Eu vou ser avó. — Diz Susan entre o choro. Eu ainda não consigo discernir a informação. Estou surpresa, mas feliz. Muito feliz.

— Isso... — Faço uma pausa. — Isso quer dizer que eu vou ser tia? — Fico boquiaberta. Ian me empurra suavemente para que eu pudesse sair do lugar e abraçar minha família. Sigo até eles de braços abertos e olhos brilhantes. Ian me segue sutilmente com um sorriso no rosto.

— Se seu irmão vai ter um filho, é óbvio que você será tia. E uma tia maravilhosa. — Diz Evan. Eu o abraço, em seguida abraço Natalie e a parabenizo.

— Parabéns, Evan... parabéns Natalie. Sra. Cole, estou muito feliz pela senhora. — Diz Ian.

— Sem formalidades, Ian. Venha aqui nos dê um abraço. — Diz Susan. Natalie fica de pé e todos nós abrimos os braços aguardando que Ian entrasse naquele caloroso abraço familiar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Jantamos, mas nada de bebida alcoólica dessa vez. Nos alegamos muito. E minha curiosidade de saber o sexo do bebê já estava me corroendo por dentro. Essa notícia não poderia ter vindo em melhor hora. Agora, tenho algo a mais porque lutar. Um dia esse bebê nascerá e saberá que a tia dele é uma bailarina incrível e poderei, talvez, ser para ele um exemplo de determinação, para que ele também alcance seus sonhos.

Esse é o meu desejo.

CAPÍTULO 35

EU SOU UM BAXTER.

Ian

— Bom dia, meu filho. — Disse meu pai ao entrar na cozinha. Ele beija minha mãe e se assenta ao meu lado na mesa.

— Bom dia, pai. — Coloco uma colherada de cereal na boca. Ele pega sua xícara e me encara. — O que fiz de errado dessa vez? — Pergunto, assustado. Minha mãe ri sutilmente.

— Nada, meu filho. — Ele balança a cabeça. Enigmático.

— Ok... joguinhos de Owen e Charlotte. O que vocês estão aprontando hoje? — Meu pai libera um sorriso.

— Tudo bem... — Ele faz uma pausa, olha para minha mãe. — Você fala ou eu falo? — Minha mãe faz um sinal com a mão pedindo para meu pai prosseguir com seu discurso. — Ok... — Ele suspira.

— Nunca imaginei que essa hora chegaria.

— Vamos, Owen... — Protesto.

— Eu e sua mãe iremos nos aposentar. — Ele me olha com um olhar ansioso. Como se estivesse esperando alguma reação minha.

— Legal para vocês... — Sorrio e coloco outra colherada na boca.

— Ian... — Minha mãe me chama. Olho para ela. — O que seu pai quer dizer é que ele está entregando o controle da Academia para você, meu filho. — Me engasgo com o cereal. Isso sim é uma bela surpresa para uma manhã que começou tão calma.

— O que? — Gesticulo, deixando a colher cair sobre a mesa.

— Sim, Ian. Tinha mais ou menos a sua idade quando comecei a Academia. Acredito que será uma boa oportunidade para você amadurecer.

— Amadurecer? Espera... isso não pode ser real. As pessoas costumam dar um cachorrinho para fazer as outras pessoas amadurecerem, não uma Academia de Dança. — Minha mãe ri. Meu pai balança a cabeça negativamente.

— Meu filho... você está pronto. — Diz Charlotte, segurando minha mão.

— Mãe, esse ano eu tenho a possibilidade de ir para Bolshoi, junto com a Sophia. Como vou fazer as duas coisas ao mesmo tempo?

— Nós pensamos nisso. — Diz Owen.

— E chegamos à conclusão que se caso você vá para Rússia, iremos adiar essa aposentadoria. — Diz Charlotte, completando a fala do meu pai.

— Eu... — Estava a um segundo de negar essa oportunidade. Até eu olhar bem o rosto dos meus pais e entender o motivo de tudo isso. Essa Academia significa muito para eles. Foi um elo que permitiu eles ficarem unidos até então. Passar esse bastão para mim não deve estar sendo nada fácil. Não poderia ignorar isso: a confiança que eles estão depositando em mim. — Eu aceito. — Digo com um sorriso forçado. Eles, diferente de mim, abrem enormes sorrisos.

— Que ótimo, Ian. Excelente escolha! — Diz Owen, massageando meu ombro. Minha mãe apenas sorri, enquanto saboreia seu porridge.

Sempre fui acostumado em pensar em mim. Agora, que tenho a possibilidade de, talvez, dirigir uma Academia de dança, terei de me acostumar a tomar decisões que irá mexer com o futuro de muitas pessoas. Terei de me esforçar ao máximo para ser um dos melhores da Apresentação Internacional e postergar o máximo que puder essa enorme responsabilidade.

• • •

— Você, o que? — Esbraveja Sophia. Dentro da sala do zelador, depois de eu a puxar enquanto ela passava pelo corredor. Nosso lugar favorito para conversar.

— Serei o novo diretor da Academia Baxter. — Ela me olha. Está imóvel. Por tempo demais, para falar a verdade — Sophia! Por favor, fale alguma coisa.

— Bem... pelo menos teremos uma sala para conversarmos. — Ela brinca e ri durante a frase.

— Sophia... — Protesto. — Isso não é brincadeira.

— Eu sei... — Ela diz, tentando parar de rir. — É que eu não consigo encarar isso de outra forma, me desculpa. — Eu fixo meus olhos nela, sério. Ela se recompõe e para de rir. — Você acha que está preparado?

— Não... quero dizer, não sei. Meu pai tinha praticamente a minha idade quando fundou essa Academia. Pode ser uma forma de provar para eu mesmo e para ele que posso ser tudo aquilo que eles pensam de mim.

— E Bolshoi? — Ela pergunta, descontente.

— Ainda quero ir... e vou. Com você. Isso tudo será resolvido depois.

— Ian... — Ela segura minha mão. — Só me promete que nada irá mudar entre nós.

— Sophia... você sempre será minha primeira opção. — Eu coloco uma mecha de seu cabelo atrás da orelha. Sorrio. — Assim é melhor... — Aproximo meus lábios do dela. — Consigo ver melhor seu lindo rosto. — A tensão se esvai. Eu a beijo.

Nosso beijo nos fez esquecer que estávamos em uma apertada e bagunçada sala. Minhas mãos acariciam seu ombro e seu pescoço. Nosso ritmo é suave, nossas pélvis se encostam e o calor aumenta consideravelmente. Minha boca percorre por todo seu rosto. Como uma trilha, percorro seu queixo, em seguida a maçã do seu rosto, o lóbulo da sua orelha e seu pescoço. O corpo de Sophia responde aos meus beijos e ela com os olhos fechados chama meu nome.

Seguro firme sua cintura, e a guio até a parede. Suspendo-a e ela enrosca suas pernas em meu abdômen. Nossos lábios voltam a se encontrar e nossas línguas se enroscarem. Consigo tocar no céu da sua boca e o sentimento é melhor do que qualquer viagem ao espaço. Um céu sem estrelas, mas coberto de desejo. Sua boca tem um gosto doce e viciante e quero sentir isso por toda vida.

Nós desaceleramos o ritmo quando ouvimos alguém mexer na maçaneta. Provavelmente Joe, querendo pegar algo. Guio ela de volta ao chão, destranco a porta por dentro e vejo Joe indo em direção a portaria para pegar a chave. Fecho a porta.

— Acho que não seria nada bom se fôssemos pegos aqui, Sr. Diretor. — Diz Sophia. Eu rio.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Você é uma menina bem safadinha, Srta. Cole. Terei de colocá-la de castigo, em minha sala. — Seguro seu rosto, com um olhar malicioso. Ela sorri.

— Que tipo de garota eu sou? Me envolvendo com o diretor desta Academia. Minha mãe não ficaria orgulhosa disso. — Ela brinca e me beija suavemente. — Acho melhor sairmos, antes que alguém volte. Eu balanço a cabeça positivamente, concordando com ela.

Sophia sai e vai em direção ao vestiário, eu saio em seguida, alguns segundos antes de Joe aparecer. Ele enfia a chave na fechadura, mas percebe que a porta está aberta. Ele coça a cabeça, sem entender o que aconteceu. Pobre Joe, não queria confundir mais a sua mente, mas não posso deixar de dizer que foi extremamente engraçado assistir aquela cena.

Sr. Diretor. Preparado ou não um dia teria de me acostumar com esse título. Pois era inegável, fui criado para este momento. Ser um bailarino é muito diferente de ser um administrador. Todas as Responsabilidades, decisões, reuniões, investimentos... *Cacete!* Isso deve estar no meu sangue. Afinal, eu sou um Baxter.

CAPÍTULO 36

QUEBRA-CABEÇA.

Sophia

— Bom dia, Sophia. Seu exame chegou. — Diz Martha ao me ver passar pela porta. Ela está segurando um envelope pardo que acredito ser o resultado do exame.

— Deixe-me ver Sra. Sullivan. — Digo animada. Corro em direção a ela e pego o envelope da sua mão. Não tenho paciência para abri-lo da maneira certa, então rasgo.

— Vai com calma, querida! — Olho para ela. Faço uma careta. Ela ri. Eu observo o documento. Ela me analisa. — O que diz aí? — Eu passo para a próxima página. Ainda sem mencionar uma palavra sequer. — Vamos Sophia! Dê-me isso. — Ela pega o documento da minha mão.

— Quem é que deve ir com calma agora, hein? — Eu rio. Ela analisa o documento.

— Engraçado... — Ela passa para página dois. — Aqui vem dizendo que seus hormônios estão em um nível elevado. Mais do que normalmente.

— O que isso quer dizer, Sra. Sullivan?

— Bem, querida... muitas coisas. — Ela faz uma pausa. — Que estranho... — Eu gelo por medo de ser desclassificada. — Bem, não há nenhuma contraindicação, então, você está livre para participar. Parabéns, minha querida. — Eu abro um sorriso. Ela me abraça. Eu retribuo.

— Obrigada, Martha. Você é uma professora incrível. — Posso notar um sorriso se formando em sua boca.

— Não me agradeça, querida. Apenas continue se esforçando da maneira que você faz. — Ela acaricia meu rosto. — Agora, sobre esses níveis elevados... acredito que possa ser ansiedade. Sabe, essas competições mexem muito com vocês, bailarinas. Acredito que seja algo normal. Não se preocupe.

Agora está explicado os enjoos.

— Que assim seja! — Digo. Apenas esperando a Apresentação

Internacional passar para me livrar destas sensações desagradáveis.

— Agora vamos ensaiar. Vamos! Não temos mais tempo a perder. — Balanço a cabeça positivamente, concordando e sigo para posição inicial. Sra. Sullivan dá play na música e começo a dançar. Cada vez que executo este solo, ele se torna mais fácil.

Sete dias. Esse é o prazo que eu tenho para me preparar e executar o solo que pode me dar o título de melhor bailarina do mundo e me dá uma passagem de graça para a melhor companhia do mundo: Bolshoi. A maré de sorte chegou. Aguardei bastante para enxerga-la chegar. Mas, finalmente, ela chegou. Terei Ian do meu lado todos os dias. Ensaiaremos juntos, viajaremos juntos, dançaremos juntos e o melhor de tudo: viveremos juntos.

Uma notícia inesperada alegrou meu dia. Sra. Sullivan me contou que todos os competidores da Apresentação Internacional de Ballet teriam direito a quatro lugares cativos na plateia. Lugares que são reservados para a família dos mesmos. Contei no dedo: Evan, Natalie, Susan. Três. Teria um sobrando. Quero dizer, estaria sobrando, se eu não tivesse alguém da família do outro lado do Oceano Atlântico. Uma pessoa chamada: Simon Hastings.

• • •

— Sophiiiiiii... — Gritou Simon, fazendo sua voz ecoar por todo salão do aeroporto. Eu corro em sua direção.

— Siiiiii... — Nossos corpos se chocam. E nos abraçamos.

— Ei! Vocês dois... nada de correria por aqui. — Disse o segurança apontando o dedo indicador para nós.

— Mal estamos juntos e já estamos arrumando confusão. — Digo, ele ri. — Que saudades, Si.

— Saudades? Você não sabe como eu fiquei sem você. — Ele cruza os braços. — Você é uma péssima amiga.

— Ei! Uma péssima amiga não te traria para Irlanda, traria?

— Bem... olhando por esse lado. — Ele diz, segurando o queixo, pensativo.

— Cumprimento secreto?

— Só se for agora. — Estendemos nossas mãos e balançamos

os dedos e rimos. Uma risada que estava sentindo falta.

Eu apresentei Simon ao meu irmão, Evan, que nos deu uma carona até em casa. Simon tentou flertar algumas vezes com Evan, mesmo sabendo que ele era casado e estava prestes a ser pai. Esse é o bom e velho Simon.

— Obrigada, Ev. — Digo, tirando as malas do Simon do porta-malas e as despejando na porta do meu quarto.

— De nada, pequena Sophi. — Ele sorri e segue com o carro para a garagem.

— Seu irmão é um gato. — Diz Simon, com um olhar malicioso, mordendo seus próprios lábios.

— Você já disse isso, Simon. Três vezes para ser exato.

— Mas não canso de dizer. — Ele acompanha Evan com os olhos, estacionando o carro. Golpeio seu braço direito. — Ei! — Ele protesta.

— Para de comer meu irmão com os olhos. — Digo, rindo. Ele ri também. — Como está você e o Ben? — Digo abrindo a porta do quarto para que Simon entre enquanto arrumava as suas malas próximas ao meu roupeiro.

— Estamos bem, na verdade, acho que vamos morar juntos. — Ele diz, se jogando na minha cama.

— Isso é incrível, Si... não é? — Digo, fazendo uma careta. Fecho a porta.

— Não sei... tenho medo, Sophi. — Ele respira fundo. — Medo de confiar nas pessoas. — Caminho até ele. Me sento ao seu lado.

— Se seu coração te guiou a tomar essa decisão. Escute-o. Não deixe de viver por causa de medos bobos. — Seguro a mão dele. — Se vocês não derem certos juntos, você faz a fila andar. — Digo sorrindo.

— Queria que a fila andasse em direção ao seu irmão. — Ele diz, rindo. Eu o encaro. Pego a almofada e acerto-o. Ele revida. Começamos uma guerra de almofadas.

Estar ao lado de meu melhor amigo mais uma vez é um presente, uma dádiva. Simon me fazia estar mais relaxada e alegre. Às vezes, tudo que precisamos para nos sentir bem, é ter apenas um grande amigo a nossa companhia.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Jesus, Sophi. Que pés são esses! — Ele observa meus pés, após ter tomado banho. Deito na cama ao seu lado.

— Isso são os pés de uma bailarina internacional, meu caro Simon.

— Eca! Nunca ouviu falar em Spa?

— Se você realmente acha que eu tenho tempo para Spa, sinto muito ter que te decepcionar.

— Você está dizendo que nós vamos passar esses dias aqui e não iremos nos divertir? — Ele abre os braços em sinal de desaprovação.

— Simon... eu tenho uma apresentação.

— Sim, mas você não pode subir naquele palco com essa energia péssima correndo pelo seu corpo. — Ele contorna meu corpo com sua mão e continua. — Já está decidido. Nós vamos sair. — Eu cubro o rosto com meu travesseiro, me arrependo de ter trago Simon, o festeiro. — E eu não quero ver essa cara nunca mais! — Ele deita ao meu lado e me faz cócegas. Uma sessão interminável de cócegas. Eu rio, desesperadamente.

— Para, Simon... — Noto a porta se abrir.

— Sophia...

— Ian... — Ele fecha a porta.

Merda!

Simon me olha assustado e me observava levantar rapidamente da cama, com a mais séria das afeições.

— Ian... — Grito. — Espera! — Ele caminha em direção ao seu carro. Ele para. — Ian... você entendeu tudo errado. — Ele se vira para mim e me olha.

— Quem é ele, Sophia? — Ele aponta, noto que Simon está atrás de mim.

— Ele é meu amigo... Ele é de Nova Iorque.

— E poderia saber o porquê do seu outro amigo de Nova Iorque estava deitado ao seu lado na cama? — Ele está com uma afeição de aborrecimento e frustração.

— Ian... — Eu seguro em seu braço direito. Ele fixa os olhos em Simon. Que permanece imóvel atrás de mim. — Ian... — Eu o chamo novamente. Ele me olha. — Esse é o Simon, meu amigo. Eu te contei
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sobre ele, lembra? — Seu semblante escurecido, se clareia em instantes.

— Simon? O Simon?

— Sim... — Digo rindo. — Ele é gay. — Ian suspira.

— Meu Deus! Me desculpa, Sophia. Fui um idiota. — Ele me abraça. Olho para Simon. Que se aproxima.

— Simon... Ian... Ian... Simon. — Ian estende a mão para Simon, que se aproxima e o abraça. Ian retribui.

— Me desculpe, Simon. É que essa história de amigos de Nova Iorque, já deu o que falar. — Ele ri.

— Sobre o que ele está falando, Sophi? — Pergunta Simon.

— História longa... envolve Jacob. — Simon fica boquiaberto.

— Realmente preciso me atualizar da sua vida.

— Eu te disse. — Digo rindo.

Decidimos os três em sairmos para conversamos e nos distraímos. Simon nos convenceu a ir no melhor Spa de Dublin. Que nos proporcionou uma experiência sensacional. O melhor de tudo foi ter de ver Ian com creme facial de pepino no seu rosto, enquanto tomava banho de lama. Simplesmente épico. “Vou gastar todo meu dinheiro das férias”, reclamava Simon sem parar, mas fez questão de escolher o tratamento mais caro a ser feito.

O quebra-cabeça agora estava completo e não havia nenhuma peça remanescente. Tudo estava em seu devido lugar. De um lado amor e do outro, amizade.

CAPÍTULO 37

MEU DESTINO.

Sophia

Respiração ofegante. Nervos à flor da pele. Meus sentidos parecem estar mais apurados que o normal. Por que eu estou assim? A resposta é óbvia: Hoje à noite, daqui a algumas horas, será a grande Apresentação Internacional de Ballet. E por esse mesmo motivo já vomitei três vezes no banheiro. A última, aliás, faz apenas três minutos. O teatro Gaiety é uma espécie de Staples Center da Irlanda. Um local reservado para os maiores eventos. Apesar de sua aparência anacrônica, tudo aqui é da mais alta tecnologia e de última geração. Para deixar todos os espetáculos mais impressionantes do que já são. E nesse palco, hoje, eu vou me apresentar.

Ainda não estou arrumada. Todos os competidores devem chegar com horas de antecedência para fazer um reconhecimento do palco e preparar nossos utensílios no camarim. Cumprimentei alguns bailarinos com um sincero sorriso e um aperto de mão. “Boa sorte”, eu dizia, mas o que eu quero mesmo é que toda a sorte do mundo esteja comigo. Não estou sendo falsa, apenas receptiva. Nada como um bom e velho fair play.

Eu sou a última na contagem que está sendo feita pela Comissão. Há três bailarinas antes de mim. A primeira é uma das melhores dançarinas da atualidade, com apenas 18 anos, Anastasia Petrov, de Bolshoi, conquistou todos os títulos possíveis da categoria individual feminina nos três anos consecutivos. Todos esperam uma ótima apresentação dela, nada menos do que isso. Logo após ela, está a Stephanie Goldman, ela compõe o corpo de baile da Julliard e é patrocinada pelo Comitê Americano de Ballet. E por último, mas não menos importante, Mariana Ribeiro, bailarina revelação do Brasil. Não ouvi muito sobre ela, apenas que executou uma performance, de dar inveja, de Giselle. Ela pretende repetir esse solo, hoje. O fato é: se ela está aqui, é porque merece estar. E agora, eu... Sophia Cole.

— Diga seu nome e em seguida o solo que irá apresentar. — Diz o representante da Comissão, com uma prancheta na mão que

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

continha um papel com nossos nomes e solos escritos. Ele era o responsável pela contagem.

— Anastasia Petrov, eu vou executar o Cisne Negro. — Diz Anastasia com um fortíssimo sotaque russo. O representante faz um tique no papel e passa para próxima.

— Stephanie Goldman, O Quebra-nozes. — O representante repete a mesma ação que tinha feito outrora, balançando a cabeça positivamente.

— Mariana Ribeiro, executarei Giselle.

Agora é a minha vez.

— Sophia Cole, meu solo será Sapatinhos Vermelhos. O representante faz um tique e segue em direção à mesa que estava mais distante de nós.

— Deve estar muito confiante se pensa que pode ganhar está competição executando Sapatinhos Vermelhos. — Diz Anastasia, com as mãos na cintura, rindo. Ela é uma espécie de Loren russa.

Valha me Deus!

— É um prazer te conhecer também, Anastasia. — Ignoro sua provocação.

— Você já me conhecia, afinal meu nome estava em todos os jornais da Europa. Quero dizer... do mundo.

— É verdade, eu ouvi falar sobre você, em um jornal do Brasil. — Diz Mariana, inocente. Essa frase serviu apenas para alimentar ainda mais o tão inflado ego de Anastasia.

— Eu não te disse... — Diz Anastasia.

— *Gente!* Já chega dessa palhaçada... — Gritou Stephanie. — Oi, Sophia. Eu me chamo Stephanie. — Ela estende a mão. Eu aperto.

— Eu sei. — Sorrio.

— Gostei de você. Você me parece ser legal... pode me chamar de Steph. — Ela sorri. O representante da Comissão volta, e voltamos todas para nossas posições.

— Atenção meninas! Já foi determinada a ordem a qual vocês irão se apresentar: A primeira será Mariana Ribeiro, em seguida Stephanie Goldman, Anastasia Petrov, Sophia Cole... — Ele disse o nome e a ordem de cada uma das competidoras. — Podem seguir, ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

agora, aos seus camarins e... — Ele faz uma pausa, olha para cada uma de nós. — Boa sorte.

Cheguei em meu camarim e a Sra. Sullivan já estava lá. Meu modelito estava perfeitamente organizado e no chão, próximo a ele, a tão famosa sapatilha vermelha que Loren me deu.

— Então... chegou o grande momento, não é, minha querida? — Diz Sra. Sullivan com um sorriso no rosto e uma... lágrima? A Sra. Sullivan costuma ser dura na queda, mas parece que dessa vez, ela não conseguiu.

— Sra. Sullivan! — Vou correndo em sua direção e a abraço. Um abraço forte, longo e apertado. Ela retribui. Suas lágrimas encostam em meu rosto e essa sensação me faz chorar também.

— A pequena Charlotte Campbell... é assim que estão todos te chamando. — Ela se desvencilha do abraço. — Mas, você quer saber mesmo o que eu acho? — Balanço a cabeça positivamente, querendo muito descobrir o que se passava em sua cabeça. — Que você vai escrever sua própria história. Não como a pequena Charlotte Campbell, mas como a grande Sophia Cole. — Não resisti àquela frase. Minhas lágrimas escaparam. Chorei a ponto de soluçar, ao tentar pronunciar algumas palavras.

— O-obrigada, Ma-martha. — Eu a abraço mais uma vez. Ela acaricia minha cabeça, deslizando sua mão sobre meus cabelos. Ela o faz em um movimento repetitivo.

— Eu já entrei em contato com todos da sua família. Eles estarão aqui e se sentarão nos assentos reservados. Não se preocupe com nada hoje. Apenas com sua apresentação.

— Pode deixar! — Digo com vigor. Sorrio.

— Sophia... você quer ajuda? — Uma voz não tanto familiar ecoa pelo camarim, vindo da porta.

— Steph... oi! Pode entrar. — Ela dá alguns passes a frente. — Essa é a minha mentora, Martha Sullivan.

— Olá Martha, prazer em conhecê-la. — Diz Stephanie com um sorriso amigável.

— É Sra. Sullivan para você, menina. A Sophia não precisa de sua ajuda. Estamos bem, obrigada. — Diz Sra. Sullivan, rígida, com as mãos na cintura.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Sra. Sulli... — Stephanie me interrompe.

— Ela está certa, Sophia. A gente não se conhece e somos adversárias. Sua mentora realmente gosta muito de você. Ela está te protegendo daquele famoso: “Mantenha os amigos perto e os inimigos mais perto ainda.”. Como eu queria ter uma pessoa assim para me assessorar. Aqueles caras lá no meu camarim só estão preocupados com a imagem da Julliard. — Ela diz, gesticulando. Sra. Sullivan se mantém ao meu lado, irredutível. — Então, vou apenas desejar uma boa apresentação. Como dizem por aí: “Quebre a perna!”. — Ela usa uma expressão muito conhecida no meio do espetáculo. Ela é usada para quando queremos desejar boa sorte.

— “Merde!” — Eu faço o mesmo. Utilizo uma expressão, mas querendo dizer: “Boa sorte”. Eu sorrio e observo Stephanie sair.

— Sophia! Você não pode deixar que essas meninas brinquem com a sua cabeça. Lembrem-se todas elas querem ganhar e podem fazer de tudo para conseguir tal proeza.

— Pode deixar, Sra. Sullivan. Não vou cometer o mesmo erro que cometi com Loren.

— Muito bem, minha querida. Muito bem... — Ela olha para o modelito. — Vamos! Temos muito trabalho a fazer.

Vesti o modelito e, pasmem, fiquei deslumbrante. Nunca o meu reflexo no espelho me surpreendeu tanto. Estava realmente digna de executar tal solo. Sra. Sullivan me fez repassar o solo algumas vezes para que pudesse fixar em minha mente e dessa forma evitar erros bobos que me custaria o título. Agora, eu só dependo dos meus pés, mas não cairia mal uma ajudinha vinda lá de cima. Olho para o céu. Suspiro.

...

Ian

— Muito prazer em te conhecer, Sr. Campbell. — Disse Robert, um dos representantes da Comissão Internacional de Ballet. Ele se levanta da cadeira, deixando aquela mesa cheia de papéis que

parecem importantes e caminha em minha direção com a mão estendida.

— O prazer é todos meu, senhor. Mas... é Baxter. — Aperto sua mão. Um aperto de mão forte.

— Desculpe...

— Eu me chamo Ian Baxter.

— Ah! Perfeito. Me perdoe, não imaginava que você não teria o nome de sua mãe. Seja como for, acreditamos que o nome de sua mãe seria melhor para passarmos uma imagem positiva para a Apresentação Internacional. Então, colocamos no sistema seu nome como Ian Campbell. Mas, ignore, meu rapaz. É apenas um detalhe.

Como poderia imaginar, a Comissão Internacional nunca esteve interessada em minha performance, mas em se apropriar do nome Campbell para atrair o público e melhores investidores. Seja como for, mesmo que eles não estejam esperando nada de mim, vou surpreendê-los. Aquela vaga para Bolshoi será minha para que enfim eu e Sophia possamos viver juntos nossos sonhos.

— O seu camarim já está preparado Sr. Campbell.

Baxter, seu imbecil.

— Acredito que já deva ter alguém da sua Academia para lhe assessorar. Dê um grande show, Ian. — Ele sorri e reitera. — Dê um grande show! — Balanço minha cabeça positivamente e sigo em direção ao camarim.

Ainda não consegui ver Sophia e isso estava me matando, por isso, antes de entrar no camarim desvio e vou até a ala de ballet feminino. Se fosse pego, com certeza seria cortado da Apresentação na mesma hora, mas não estava me importando com isso. Há um segurança parado em frente a única entrada e só as pessoas autorizadas conseguem passar. Me escoro na parede para fugir de sua linha de visão. Precisava de uma distração. Vou até às cordas de sustentação que seguravam as cortinas do palco, e desato o nó que as suportava, em um instante, um estrondo surgiu e toda a equipe da Comissão Internacional de Ballet teve que verificar o acontecido, inclusive o tal segurança. Minha chance para passar.

Encontro o Camarim dedicado a Academia de Dança Baxter e entro. Deus me agraciou com a visão da menina mais bela do mundo.
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Em seu tutu romântico com sapatilhas vermelhas. Minha voz falhou, estava perplexo, impressionado com tanta beleza. Sophia estava incrivelmente linda.

— Ian? — Ela diz sussurrando, correndo em minha direção. Olhando para todos os lados, preocupada. — Se você for pego aqui... — Eu a interrompo com um beijo.

— Já não aguentava mais de tanta saudade. — Digo, segurando seu rosto e sorrindo. Ela me retribui o sorriso, mas ainda está com medo.

— Você é louco, mas obrigada por ter vindo aqui por mim. — Ela me abraça e encosta sua cabeça em meu peito.

— Você está linda! — Sussurro enquanto minhas mãos passeiam pela sua nuca. Ela me olha. Eu continuo. — Eu tenho certeza de que você vai vencer.

— Não diga aquilo que você não sabe, Ian. — Ela diz, ainda se aninhando em mim.

— Mas, eu sei. Nunca disse algo com tanta certeza assim... quero dizer, só quando disse que amo você. — Ela encosta seus lábios nos meus, bem devagar, separando-os. — Eu preciso ir agora, te vejo atrás do palco quando você terminar. Vou me apresentar primeiro, então não vou sair do lugar até você passar por mim, entendeu?

— Entendi. — Ela diz, balançando a cabeça positivamente.

— Que bom, agora... — Olho para os lábios dela, que me convidavam. — Me beija. — Ordeno e ela obedece.

Um beijo doce e suave e romântico, com direito a um figurino de ballet clássico. Parecíamos estar vivendo um conto de fadas, mas não estávamos, pois esta era a realidade. A nossa realidade, que logo, logo, se tornaria nosso futuro.

Voltei ao meu camarim, o espetáculo estava prestes a começar e eu precisava me concentrar para dar meu máximo. Cada vez que pensava em Sophia e nossos beijos, me sentia mais confiante de subir lá e mostrar para todos o que sou capaz. Uma coisa é certa, ao colocar meus pés naquele palco, quando a música soar, não haverá mais volta e estarei a uma dança entre eu e meu destino.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

CAPÍTULO 38

VERMELHO CARMESIM.

Sophia

Ian terminou sua apresentação. Digna de um filho de Charlotte Campbell. Simplesmente espetacular. Todos o aplaudiram. Isso é um ótimo sinal. Mas, nada estava definido ainda. O nível dos competidores é extremamente alto e o resultado será divulgado de forma unificada, o que quer dizer que essa aflição só irá nos abandonar no final do evento. Ele foi o último do Masculino a se apresentar, ou seja, daqui a alguns instantes, sou eu que estarei ali, naquele palco.

Sra. Sullivan me ensinou um trabalho de respiração para diminuir a ansiedade. Inspira, segura... expira. Inspira, segura... expira. Estou bastante tempo trabalhando isso e tentando manter minha mente afastada de tudo que pudesse me distrair. O fato de não ter visto ainda minha família, me aflige, mas afasto o pensamento. O fato de Anastasia estar me olhando fixamente do outro lado, apenas para me desestabilizar, me deixa nervosa, mas afasto o pensamento. O que eu não consigo, é afastar essa maldita dor na ponta da barriga, mas tenho certeza que deve ser devido toda essa pressão da Apresentação.

O apresentador sobre ao palco, eu observo tudo, por uma fresta que se forma entre uma cortina e outra, nos bastidores.

— Por favor, senhoras e senhores, recebam no palco Anastasia Petrov, de Bolshoi, Rússia. Ela nos agradecerá com uma performance em solo da variação de O Cisne Negro. — É possível ouvir uma pequena microfonia, que logo é abafada pelo barulho ensurdecedor das palmas. Pelo que parece, Anastasia já é a campeã, pelo menos em popularidade.

Anastasia está neste momento executando seu solo. Não consegui encontrar vacilos durante sua apresentação. Tudo que ouvi falar sobre ela está sendo confirmado. *Não se deixe abalar, Sophia.* Faço novamente o trabalho contra a ansiedade e volto a assistir Anastasia. Espera... Anastasia está executando o fouetté, mas o pé

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

se apoio dela não está correto. Assim como eu fazia antes de conhecer Ian que, irritantemente, me ensinou. Ao que parece, ninguém da equipe de assessoria percebeu que Anastasia estava com um vício em seu movimento. E no mesmo instante, me recordo da frase que Ian me disse: “...se eu percebi, você acha que o avaliador não vai perceber?”. Anastasia finaliza sua apresentação e é mais uma vez ovacionada pelo público. Bem, mesmo que o público a ame, esse detalhe não vai fugir dos olhos dos avaliadores.

Stephanie se apresentou, também perfeita. Ela deixou no palco tudo o que pode se esperar de uma bailarina de Julliard. Em seguida Mariana, nunca meus olhos presenciaram uma performance tão perfeita de Giselle. Ela executou uma variação trajada de uma das Willis - Espíritos de viagens que morreram antes de casar. *E eu acreditando ser boa neste solo...* uma risada me escapa enquanto assisto-a. Digamos que se eu morresse agora por conta do nervosismo, não me tornaria uma das Willis. Mariana desce do palco, agora é a hora. A minha hora.

— Está preparada, querida? — Pergunta Sra. Sullivan.

— Para ser sincera, não. — Ela ri da minha frase e afeição.

— Fazer apenas o que você faz pode te garantir alguns aplausos hoje, mas se você fizer além, dar a sua alma hoje, você com certeza conseguirá o título, minha criança.

— Obrigada, Sra. Sullivan. — Eu a abraço.

— Sua família está na terceira fileira, bem no meio. Fiz questão de brigar por um excelente lugar para eles. — Eu sorrio. É bom saber que a primeira coisa que vou ver quando subir no palco será minha família. — E... Sophia. — Eu olho para ela. Ela aponta para o outro lado do palco, atrás das cortinas. Sigo com os olhos seu dedo. Ian. Ele não percebeu que eu o vi. Ele está nervoso, andando de um lado para outro. Parece estar orando, ou algo do tipo. — Ele me disse que iria te esperar ali, então quando sair, vá naquela direção. — Meu sorriso se ilumina. Ela se aproxima e sussurra. — Ele te ama, de verdade. — Meu coração acelera. É agora, tudo ou tudo. Não há opção para o nada.

— Senhoras e Senhores, representando a Irlanda, diretamente da Academia de Dança Baxter, recebam com muito carinho: Sophia ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Cole. Ela executará, hoje, Sapatinhos Vermelhos. — O público aplaude após a fala do apresentador.

— É a sua hora de brilhar, querida. — Diz Sra. Sullivan, com um sorriso confiante no rosto. O que reflete no meu sorriso confiante. Ela desliza sua mão sobre meu modelito, endireita cada detalhe e então me conduz para o palco.

O canhão de luz me atinge, mas não me abala, já tinha me acostumado com essa sensação. É possível ver Evan, Natalie, Susan e Simon. Todos com olhos brilhantes de orgulho. Uma coisa eu sei, mesmo que eu não saia daqui, hoje, vencedora. Posso me considerar uma apenas por ter essas pessoas ao meu lado.

— Manda ver, pequena Sophi! — Grita Evan, da plateia, seguido de alguns “shiii”, das pessoas que estavam ao lado dele pedindo silêncio. Eu sorrio com aquela cena.

Sigo para posição inicial, a trilha sonora se inicia. As luzes se apagam e apenas minha presença é iluminada no teatro. A sapatilha vermelha fica em destaque, levando em consideração ao contraste que dá devido ao meu alvo tutu. Todos os movimentos neste solo têm de ser executados com total graciosidade. Como a Sra. Sullivan sempre diz: “Sutileza e atenção aos movimentos, é a chave para o sucesso”. Executo um assemblé. Um salto executado, saindo de uma perna de apoio para as duas em plié. Os movimentos desta coreografia não foram feitos para mim, mas para Loren, o que faz o nível de dificuldade ficar maior. De qualquer forma, me dedico o máximo para que cada um deles pudesse expor o meu melhor.

Minha expressão facial é convincente, o que já é cinquenta por cento. Muitas das vezes, o famoso “carão” suprimi algumas falhas técnicas. Tudo faz parte do ballet, cada detalhe, cada curva do corpo. O ballet é o dançarino e vice-e-versa. Executo chainé em pointe, uma série de voltas rápidas na ponta dos pés. Em sapatinhos vermelhos a bailarina fica em segundo plano, a sapatilha é a verdadeira estrela. Todos os movimentos que executo, com total delicadeza, servem para que o público possa olhar para meus pés. Executo um demi-plié, me preparando para o movimento final. A música se intensifica, o ritmo é crescente. Uma sequência de elevação dos pés, seguida de um couru até a outra extremidade do palco. Executo uma sequência

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

de fouetté até o centro do palco. Levo meu corpo levemente em contato com o solo e finalizo minha apresentação deitada. Como manda o figurino.

A música acaba, e as palmas se iniciam. As luzes se acendem e até os avaliadores estão de pé. Me levanto e reverencio a todos. Estou exausta, com dores em todo corpo, mas como um passe de mágica, minha mente, simplesmente, ignora tudo isso. O sorriso no rosto de Susan é indescritível e melhor ainda é saber que sou eu o motivo. Realização. É a única palavra que resume o que estava sentindo. As lágrimas escapam, reverencio novamente enquanto ainda há palmas. Olho para o outro lado, nos bastidores e estava Ian. Seu rosto era mais luminoso do que todo ambiente. Não pensei duas vezes, corri em sua direção.

O som das palmas foi ficando mais baixo enquanto me afastava do palco. O semblante do Ian foi se escurecendo. A imagem ficando cada vez mais turva. *O que está acontecendo?*

— Sophia... — Ian me olha dos pés à cabeça. Seu corpo está próximo ao meu, mas sua voz está distante. Meu sorriso aos poucos se esvai. — Sophia... — Sinto seus braços fortes me segurarem. Estou tonta, mas mesmo assim, acompanho seu olhar com meus olhos. — Vo-você está sangrando. — Ele gagueja. Está muito assustado. Ao fixar meus olhos no ponto onde Ian estava olhando, percebo. Meu tutu que era branco como a neve, agora está ensanguentado. Vermelho carmesim.

— PRECISO DE AJUDA! POR FAVOR! — Ele grita.

O sangue escorria sobre minhas pernas. Seguindo seu caminho até a minha já vermelha sapatilha. Não tinha mais forças.

— Sophia... fique acordada... — Ele tenta de tudo para me animar. Faço uma enorme força para me manter acordada, mas não consigo. — Sophia.... — Sua voz sumia a pouco e pouco.

Tudo estava escurecendo. E consigo pronunciar apenas uma palavra.

— Ian... — Minha mão, suja com sangue desliza sobre a face de Ian. Um rastro de sangue no formato dos meus dedos, se torna visível em seu rosto. Perco os sentidos. Desfaço.

Tudo está escuro agora.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

CAPÍTULO 39

ENTRE AMOR E O SONHO.

Sophia

Abro os olhos. Estou deitada em uma cama de hospital. Uma enfermeira rapidamente abre a cortina que me separava de outros pacientes. Ela é loira e está vestida de verde, dos pés à cabeça.

— Que bom! Você acordou. — Levo as mãos à cabeça. Estou sentindo muita dor na cabeça e na barriga. Ela entra e fecha a cortina.

— O que aconteceu comigo? — Pergunto, desorientada. — Onde está minha família? — Tento levantar, a dor me impede.

— É melhor ficar deitada, querida. — Ela checa meu prontuário.

— Você não vai responder minhas perguntas? — Digo, com a voz um pouco embaralhada. Acredito que estou grogue com os efeitos dos remédios.

— O médico logo, logo estará aqui para lhe atender. — Ela sorri para mim. Fecha sua prancheta e sai. Eu bufo.

Não consigo lembrar de muita coisa. Me lembro de ter saído daquele palco, ovacionada e ter corrido em direção do Ian. Depois disso, nada. Apenas acordada nesta cama de hospital. Será que perdi a Apresentação Internacional? Preciso de respostas. Urgentemente.

— Olá! — Um homem com um jaleco branco abotoado abre a cortina e fecha rapidamente. — A Janet me disse que você tinha acordado. — Ele me olha. Janet provavelmente é a enfermeira que veio me ver antes.

— Oi, doutor. — Digo, devagar. — Se você está se referindo a mulher loira e alta que veio antes de você, então sim. — Ele ri.

— Pelo que parece, sua percepção das coisas não foi atingida. Também, não deveria. Não teria motivos para seu estado neurológico ser afetado.

— O que aconteceu, doutor? — Digo, nervosa e ansiosa.

— Por favor, me chame de Oliver. — Ele pega a prancheta, a mesma que Janet pegou antes dele. Ele analisa os papéis cuidadosamente. — Srta. Cole... — Eu o interrompo.

— Sophia...

— Como quiser... Sophia...

— Sim...

— Sua complicação foi causada devido a um aborto espontâneo. Você estava grávida.

Eu? Grávida? Impo...

Interrompo meu próprio pensamento. Me recordo do pír. Eu e Ian sob a luz do sol da manhã. Não lembro de termos usados preservativos. Minha primeira vez e eu tinha engravidado. Fui displicente e não prestei atenção nos detalhes do meu corpo e isso custou a vida de um bebê. Meus olhos ficam marejados e uma lágrima me escapa.

— Não se maltrate, por favor. — Diz Oliver. — Você provavelmente não sabia, o que torna totalmente inocente nesta situação. — Ele toca no meu ombro. — Sophia... Você ainda é muito nova e terá outras oportunidades para engravidar. Use esse episódio isolado para amadurecer. Você ainda tem muita estrada pela frente. — Ele pega lenços de papel e me entrega. Eu enxugo as lágrimas.

— Obrigada, doutor.

— Por favor, Oliver... — Ele sorri. — Vou chamar sua família, devem estar muito preocupadas com você. — Ele se afasta.

— Dr. Oliver. — Eu o chamo. Ele se vira.

— Sim...

— Por favor, não conte a eles sobre a gravidez.

— Sophia... você é maior de idade. A decisão de contar a eles é sua. — Eu suspiro.

— Obrigada. — Ele sorri, abre a cortina e sai.

Alguns segundos depois que o doutor Oliver saiu, entrou Ian, Evan, Natalie, Simon, Susan e Martha. O pequeno espaço agora, por incrível que pareça, se tornou menor. Mas vê-los foi a melhor coisa que poderia me acontecer. Meu coração voltou a bater como antes e um sorriso se estampou em meu rosto.

— Sophia... — Ian praticamente corre em minha direção e me beija. — Graças a Deus você está bem. Não sei o que faria se algo tivesse acontecido a você. — O pensamento sobre a gravidez invade minha mente. *Será que ele tem o direito de saber?*

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Evan e Natalie me abraçam, em seguida Simon, fazendo nosso cumprimento “secreto”.

— Minha filha... — Minha mãe diz, chorando, colocando sua cabeça sobre meu peito.

— Eu já estou melhor mãe. Não precisa se preocupar. — Eu acaricio seus cabelos.

— Por um momento, pensei que fosse te perder. O médico disse que foi uma complicação causada pelos esforços de suas atividades.

— Érr... — Reviro os olhos. Ian me olha. — Pode se dizer que sim...

— Você precisa pegar mais leve, minha filha. Nada é mais importante que a vida. — Eu suspiro. E a culpa pela vida do bebê novamente me invade.

— Sim, mãe. Você tem razão. — Ela se afasta.

Sra. Sullivan vem em minha direção. É difícil de ler sua afeição. Suas mãos está para trás. Aparenta estar escondendo algo. Ao se aproximar mais ela faz um movimento tirando suas mãos de suas costas e com ela vem um lindo troféu, banhado a ouro, de Campeã Internacional de Ballet. E ele possuía meu nome.

— AAAAAHHH! — Grito ao ver o troféu.

— Parabéns, minha querida. Você é oficialmente uma bailarina internacional.

— Eu não acredito. Muito obrigada, Sra. Sullivan.

— Não me agradeça, querida. Você é a responsável por isso. Você é a Charlotte Campbell dessa geração. — Eu sorrio com seu comentário. As dores, instantaneamente, vão embora.

— Não... — Olho para o rosto de cada um deles. — Vocês são os responsáveis por isso. Cada um de vocês. Não conseguiria sem o apoio... — Olho para Evan e Natalie. — Sem o carinho e afeto... — Olho para Susan. — Sem a rigidez e dedicação. — Olho para Sra. Sullivan. — Sem a amizade... — Olho para o Simon, que está chorando. — E sem o amor... — Olho para Ian, que se aproxima e me beija.

— Vamos deixar vocês a sós por um instante. — Diz Evan. Conduzindo a todos de volta a sala de espera.

— Obrigada, Ev. — Digo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— De nada, pequena Sophi. — Ele sorri.

Ficamos só nós dois. Eu e Ian. Eu precisava contar a ele.

— Parabéns, meu amor. — Ele diz, sorridente. — Digamos que houve um empate técnico, mas no último momento Anastasia abriu mão do título. E todos a aplaudiram por isso. Você merece muito mais... — Eu o interrompo.

— Eu estava grávida, Ian. — Digo rápido, seca.

— Como é? — Sua pupila se dilata.

— Me desculpe. — Choro. Ele segura minha mão.

— Ei... — Ele coloca meu cabelo atrás da orelha e enxuga minhas lágrimas. — Como assim, grávida?

— Sim... Ian... — Desvio meu olhar. — O doutor Oliver me disse que a complicação foi devido a um aborto espontâneo por causa dos esforços que fiz. Eu matei nosso filho, Ian... — Coloco a mão na barriga. Ele respira fundo.

— Sophia... olha para mim. — Ele pede, eu faço. — Nós fomos pegos de surpresa. E além do mais... — Ele se aproxima do meu rosto. — Nada está acabado. Ainda há eu e você e uma longa jornada. — Ele sorri e acaricia meu rosto. Fico muda. Ele completa. — Eu te amo, Sophia Cole. — Ele me beija.

— Eu também te amo, Ian Baxter. — Eu retribuo o beijo. Nossos corpos estão tão próximos que posso sentir a batida sincronizada de nossos corações. Nós fomos envolvidos pelo momento e nos abraçamos, ali mesmo, no hospital. Apenas separados por uma fina cortina. Não poderíamos ir além, mas um belo amasso não faria mal a ninguém.

• • •

— Já está liberada, Srta. Cole. — Disse Dr. Oliver, sorridente. — Lembre-se: A muito caminho a ser percorrido.

— Obrigada, Oliver. Já não aguentava mais passar um dia aqui. — Olho para doutor Oliver. — Nada pessoal! — Ele sorri.

— Nós sabemos. — Ele olha para a Janet, que ri. Me apoio no Ian, que me conduz na cadeira de rodas, lentamente, até a saída principal.

— Obrigado, doutor. — Disse Ian. Dr. Oliver balança a cabeça positivamente como resposta.

Não via a hora de rever minha família. Voltar a comer a comida de minha mãe e deitar na minha cama. Tudo o que eu mais queria. Na verdade, tinha algo que eu queria mais do que isso. Não... não era sexo.

— Então... — Puxo assunto. — Quando iremos fazer as malas? — Pergunto, sorridente por estar saindo daquele hospital. Ian não responde. — Ian...? — Ele continua a me conduzir. Eu o freio.

— Ei! — Protesto. — Estou falando contigo. — Ele bufa. — Eu viro a cadeira para ficar de frente para ele. Seu olhar é de tristeza. — O que houve, Ian?

— Eu...

— Eu... o que, Ian? Fala logo! — Esbravejo.

— Eu não fui selecionado para Bolshoi.

— Não... deve ter algum erro. Você foi simplesmente espetacular... Ian... A gente pode fazer uma reclamação formal. Já sei... eu... — Ele me interrompe.

— Sophia... não! Vai por mim, minha mãe e meu pai já tentaram de tudo. Eles simplesmente negaram. — Ele vai até o apoio da cadeira e volta a me conduzir até a saída. Fico muda. Sou conduzida até o estacionamento, onde estava o carro de Ian. Eu o freio novamente.

— A gente não pode aceitar isso assim, de bandeja. Ian, nós tínhamos um plano. Eu e você... lembra?

— Sim, Sophia... eu lembro. Mas o que eu posso fazer agora? — Ele endurece seu tom.

— Ian... me desculpe. Eu só... — Ele me interrompe.

— Não, tudo bem. Me desculpe! Eu não deveria ter levantado o tom para você. Eu só estou abalado com tudo isso.

— E o que será de nós, agora? — Ele me suspende da cadeira e me coloca no banco do carona. Fecha a porta do carro. Ele entrega a cadeira de rodas ao segurança do hospital. Se assenta no banco do motorista.

— Eu não sei. Fiz uma promessa para o meu pai. Ele e Charlotte vão se aposentar. Tenho que dirigir a Academia. — Eu
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

suspiro. Desapontada.

— A gente tem que encontrar um jeito. — Digo. Ele dá a partida no carro.

— Tem uma... — Ele diz, sem tirar os olhos do trânsito. Eu sorrio.

— Qual? — Ele para no sinal vermelho.

— Fica comigo. Aqui. Vamos dirigir a Academia juntos. Eu posso ser o diretor e você professora. Você começa como auxiliar da Sra. Sullivan e depois assume sua própria turma. Imagine onde aquelas meninas da Academia poderiam chegar se você as ensinasse. Tudo o que você precisa fazer agora é ficar.

E de repente aquele pedido me deixou em xeque. Abrir mão do meu sonho de me tornar uma bailarina do corpo de Baile de Bolshoi para ficar com Ian. Me limitar a Dublin pelo resto da vida e nunca saber o quão longe poderia ter ido com o meu talento. Não sei se teria resposta para isso agora. Eu estava entre a cruz e a espada. Entre amor e o sonho.

— Ian... eu... — Ele me olha. O sinal abre. As buzinas ecoam atrás de nós. — Ian... abriu. — Ele retoma a atenção ao trânsito e dirige. Consegui um tempo extra para pensar.

— Sophia... tudo bem. Não precisa responder agora. Sei o que Bolshoi significa para você. Mas, também sei o que eu significo. Seja qual for sua decisão, saiba que eu vou aceitá-la. Não posso apenas dizer que te amo quando as coisas saem da forma que eu gostaria. Tudo que eu quero é que você seja feliz. Seja em Bolshoi ou aqui. — Eu sorrio, mas um sorriso medíocre.

Ian sempre foi sincero quando o assunto era sentimento. Sei que ele nunca iria pedir para eu mudar de opinião caso escolha ir para Rússia. Um lugar que fica a mais de cinco mil quilômetros de distância daqui. Mas, também sei que dependendo da decisão que tomasse, iríamos nos machucar demais. O ballet sempre foi minha primeira opção. Sempre! Até eu conhecer Ian. Ele trouxe um novo sentido para minha vida. Algumas perguntas martelam na minha mente: *Será nosso amor poderia suportar tal distância? Será que teríamos uma segunda chance para viver o nosso amor mesmo estando separado?*

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Dois caminhos, uma escolha. Dois futuros distintos. O qual deles me faria mais feliz? Não havia uma resposta certa. Não poderia pedir ajuda a ninguém. Essa era uma decisão que cabia a mim e somente a mim tomar. Não havia manual de instruções quando eu resolvi montar essa engenhoca da vida. Bem, se a hora era essa, já não havia mais escapatória. Teria de dar uma resposta, baseado em tudo aquilo que eu vivi até hoje.

— Ian... Eu escolho...

EPÍLOGO

Sophia

— Sophia! Entraremos em alguns minutos. — Disse Sr. Dimitri. Ele é o coreógrafo principal de Bolshoi e queria sua bailarina principal pronta e preparada para a última apresentação da excursão que acontece, hoje, em Moscou.

— Sim, Sr. Dimitri. Estarei pronta em instantes.

Lutei muito para conquistar essa posição. Quando cheguei aqui, a um ano, era apenas uma peça perdida no meio do corpo de baile. Mas, minha técnica foi se aperfeiçoando cada dia mais. E fui me destacando como uma das melhores dançarinas da atualidade. Hoje, eu e Anastasia somos grandes amigas. Viajar juntas, dividir o quarto e dançar juntas nos fez superar todas as diferenças. As férias estão próximas e mal posso esperar para voltar casa e matar a saudade de todos. Dar um abraço apertado em cada um deles e, enfim, conhecer a minha sobrinha e ensina-la tudo que sei sobre a vida. Melina Cole. De origem grega que quer dizer: doce como o mel. Bem, ela é uma Cole também, vai perceber que a vida não é tão doce assim. Mas, o melhor é que temos força para encarar tudo o que vier pela frente. Eu sei bem.

As lembranças me abraçam e não sinto o tempo passar. Lembro de todas as coisas que passei, cada desafio que tive de ultrapassar. Lembro de mim e Ian. Uma tristeza tenta me atingir. Me recomponho. No final das contas cada detalhe contou para minha decisão. A dança, a gravidez, o medo por talvez nunca saber como seria viver meu sonho...

— Sophia! Agora... vamos entrar agora! — Grita Sr. Dimitri.

Os pensamentos se vão como fumaça. Com a ajuda das assessoras, me apresso com a maquiagem e meu tutu e sigo em direção ao palco para a última apresentação antes das férias. Pronto! Digna do melhor ballet do mundo. Hoje sou uma bailarina de verdade. Uma perfeita Bailarina. Sou completa.

Será?

• • •

— Olha quem está aqui! — Diz Evan, me conduzindo até o jardim. — Lá estavam Natalie, que segurava a pequena Melina e Susan, babando sua neta, como uma criança, seu pirulito.

— Sophia! — Minha mãe corre em minha direção. Não avisei que voltaria, queria causar o efeito surpresa. E dessa vez, com a ajuda do Evan, funcionou. Eu a abraço.

— Mãe! Que saudade! — Eu a aperto forte. Ela se desvencilha do abraço e aperta minhas bochechas.

— Linda da mamãe!

— Aí, mãe! Isso dói! — Eu rio. Sigo em direção a Natalie e Melina.

— Essa é a menina mais linda do mundo. — Natalie me olha com ternura.

— Quer segurá-la? — Natalie pergunta.

— Claro! — Sorrio e pego Melina no colo. Ela sorri. Um sorriso discreto, mas sorri.

— Olha! Olha, Evan! Ela sorriu!

— Sorriu, sério? — Evan pergunta, caminhando em nossa direção. Natalie balança a cabeça positivamente.

— Mais uma Cole no mundo. O que será que se tornará?

— Susan... Está aí uma pergunta que só ela poderá te responder. — Diz Evan.

— Quem sabe daqui a alguns anos? — Digo. Ainda embasbacada com a beleza de Melina. Seus cabelos pretos, seus olhos verdes e seu pequenino corpo. Era o significado de perfeição.

Nós rimos, comemos e comemoramos pela vida. Por estarmos bem e com saúde. Atualizei a todos sobre minha experiência na Rússia e o frio extremo que faz lá. A dança é uma escapatória para mantermos nossos corpos aquecidos. Ao cair da noite voltei àquela Academia, onde tudo começou. Desci do carro e agradei ao Evan pela carona. Cruzei o estacionamento em direção a porta principal. Encostei minha mão na porta, e as lembranças surgiram como um flash. Todos os bons e maus momentos por mim aqui vividos. Fui pega de surpresa ao me debruçar e a porta abrir. Tudo estava escuro.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Segui em direção a sala de aula da Sra. Sullivan. Meus passos ecoavam pelo corredor devido ao vazio do lugar e mesmo assim eu insistia em caminhar devagar para que ninguém pudesse me ouvir.

Abro a porta da sala e ligo a luz. E uma decepção me atinge: a sala está vazia. O que eu poderia esperar? Ninguém fica até tarde na Academia. Provavelmente, o porteiro esqueceu a porta aberta. Aproveito a oportunidade para novamente me ambientar àquele local. Sigo em direção ao som e dou play na música que estava preparada. Era a trilha sonora de O Lago dos Cisnes. A primeira música que eu e Ian dançamos juntos. Ao me dar conta, fui teletransportada através das minhas memórias para aquele dia. Em um movimento involuntário começo a dançar. Sozinha, mas era como Ian estivesse ali. Executo os mesmos movimentos que executamos quando ganhamos a competição de duplas. Ao final da música, executo um fouetté e, talvez tenha sido a distração, a emoção ou destino, mas me desequilibro e meu corpo estava indo em direção ao chão, até ser surpreendida por alguém me segurando.

— Ainda com problemas para executar o fouetté? — Diz Ian, me segurando.

— Acho que sim... — Sorrio. — Pelo que parece, esse problema sempre aparece quando você está por perto.

— Isso é porque precisamos um do outro, para ficarmos de pé. Você não concorda? — Ele me ajuda a executar o movimento com perfeição. Tudo ficava melhor ao lado de Ian. — Um movimento perfeito, para uma bailarina perfeita. — Ele aproxima seu corpo do meu. Ele coloca meu cabelo atrás da minha orelha. — Pronto! Melhor assim. — Eu sorrio, envergonhada.

— E o que nós fazemos agora? — Pergunto.

— Agora? Esqueça Bolshoi, Academia de Dança e outras coisas mais. Vamos fazer o que nós fazemos de melhor. — Ele me fixa seu olhar no meu e me beija. Um beijo quente e recheado de saudades. *Eu ainda amo, Ian Baxter.* Mesmo depois de muito tempo sem o ver, o ouvir e o tocar. *Eu nunca deixei de ama-lo.* E por incrível que pareça, lá no fundo, isso não era uma surpresa para mim. Eu pertencia a Ian, desde a primeira vez que o vi.

— Isso é o que fazemos de melhor? — Digo, entre risos e
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

beijos. Com um toque de maldade. Ele ri.

— Não! Sabe o que fazemos de melhor? — Ele faz uma pausa e me analisa. — Nós dançamos. — A sua confiança me fez rir. Ele oferece sua mão e eu a toma para mim.

Dançamos. Era como que, mesmo que devagar, nós nos movêssemos na velocidade da luz, rumo ao infinito. Nos beijamos e nos unimos onde tudo tinha começado. Disfrutando da música e do êxtase do momento. Nossos corações estavam inflamados de desejo e paixão. Nossos sorrisos deixavam claro o que estava acontecendo ali. Perfeição. Era como se eu tivesse esperado a minha vida toda por essa noite. Eu, ele e a dança. Com tudo isso, eu consegui descobrir que uma bailarina perfeita, além de uma técnica perfeita, precisa também, mais do que tudo, de um par perfeito.

FIM.